Romance que deu origem ao filme estrelado
por *Kate Winslet* e *Ralph Fiennes*



O Leitor

BERNHARD SCHLINK

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Romance que deu origem ao filme estrelado
por *Kate Winslet* e *Ralph Fiennes*



O Leitor

BERNHARD SCHLINK

PRIMEIRA PARTE

1.

Aos quinze anos tive icterícia. A doença começou no Outono e acabou na Primavera. Quanto mais frio e escuro se tornava o ano velho, mais eu enfraquecia. Só melhorei com o novo ano. Janeiro foi um mês quente, e a minha mãe levou-me a cama para a varanda. Via o céu, o sol, as nuvens, e ouvia as crianças a brincarem no pátio. Em Fevereiro, num final de tarde, ouvi cantar um melro. Vivíamos na Rua das Flores, no segundo andar de um grande prédio do começo do século. O meu primeiro passeio levou-me à Rua da Estação. Foi ali que, numa segunda-feira de Outubro, no caminho da escola para casa, vomitei. Havia já muitos dias que me sentia fraco, tão fraco como nunca antes na minha vida. Cada passo era um esforço. Quando subia escadas, na escola ou em casa, quase não me sustinha nas pernas. Também não me apetecia comer. Mesmo quando sentia fome e me sentava à mesa, depressa ficava com repugnância pela comida. De manhã acordava com a boca seca e com a sensação de que as minhas vísceras pesavam mais do

que o costume e que estavam mal arrumadas dentro do corpo. Envergonhava-me de estar tão fraco. E envergonhei-me sobretudo quando vomitei. Também isso nunca me acontecera na vida. A boca encheu-se de vómito, tentei engolir, apertei os lábios com força e tapei a boca com a mão, mas aquilo jorrou através dos dedos. Depois apoiei-me à parede de uma casa, olhei o vomitado aos meus pés e saiu-me ainda uma aguadilha clara.

A mulher que me ajudou fê-lo de uma maneira quase brutal.

Agarrou-me o braço e conduziu-me pela escura entrada do prédio para um pátio. Em cima havia estendais com roupas penduradas de janela a janela. No pátio havia madeira empilhada; numa oficina com a porta aberta chiava

uma serra e voavam estilhas. Ao lado da porta do pátio havia uma torneira. A mulher abriu-a, lavou-me primeiro a mão e depois recolheu água na concha das mãos e atirou-a para o meu rosto. Enxuguei a cara com o lenço.

— Leva o outro! — Ao lado da torneira estavam dois baldes, ela agarrou num e encheu-o. Peguei no outro e

enchi-o, e depois segui-a pela entrada. A mulher balançou muito os braços, a água caiu de chapa no passeio e arrastou o vomitado para o esgoto. Tirou-me o balde da mão e atirou outra chapada de água sobre o passeio. Endireitou-se e viu que eu chorava. — Miúdo — disse, surpreendida —, miúdo. — Abraçou-me. Eu era pouco mais alto do que ela, senti os seus seios no meu peito, no aperto do abraço cheirei o meu mau hálito e o suor fresco dela e não soube o que fazer com os braços. Parei de chorar.

Perguntou-me onde morava, deixou os baldes na entrada e levou-me a casa. Corria ao meu lado, com a minha pasta da escola numa mão e a outra mão no meu braço. A Rua da Estação não é muito longe da Rua das Flores. Caminhava depressa, e com uma determinação que me tornou mais fácil acompanhá-la. Despediu-se diante da minha casa.

Naquele mesmo dia, a minha mãe chamou o médico, que me diagnosticou icterícia. Num momento qualquer falei daquela mulher à minha mãe. Não acredito que de outra maneira a tivesse visitado. Mas para a minha mãe era

natural que, logo que eu pudesse, iria comprar com o meu dinheiro um ramo de flores, apresentar-me e agradecer-lhe. Por isso, num dia do final de Fevereiro dirigi-me à Rua da Estação.

2.

O prédio da Rua da Estação já não existe. Não sei quando o demoliram nem qual foi o motivo. Estive muitos anos fora da minha cidade. O prédio novo, construído nos anos setenta ou oitenta, tem cinco andares e uma mansarda, ficou sem sacadas e sem varandas e tem um reboco liso de cor clara. Às inúmeras campainhas correspondem inúmeros apartamentos pequenos. Apartamentos para os quais nos mudamos e dos quais voltamos a mudar, da mesma maneira como vamos buscar e entregar um carro alugado. No rés-do-chão há agora uma loja de material informático; antes houve uma drogaria, uma mercearia e um clube de aluguer de cassetes vídeo.

O antigo prédio tivera a mesma altura mas apenas quatro andares, um rés-do-chão em cantaria de arenito biselado e, por cima, três andares em tijolo, com balcões e

sacadas cujos lintéis e ombreiras eram também de arenito. Entrava-se no rés-do-chão e no vestíbulo por uma pequena escada, com degraus mais largos em baixo do que em cima, ladeada de muretes encimados por corrimãos de ferro que terminavam em caracol. A porta era flanqueada por duas colunas, e dos cantos da trave mestra um leão olhava o alto da Rua da Estação e um outro o fim. A entrada pela qual a mulher me tinha levado até à torneira do pátio era a de serviço.

Já em criança reparara no prédio. Dominava a fileira de casas. Pensava que se ele se tornasse ainda mais pesado e largo, os prédios vizinhos teriam de se desviar para lhe darem o lugar. Imaginava que no interior havia uma escadaria com paredes estucadas, espelhos e uma passadeira com motivos orientais presa aos degraus por varas de latão polido. Esperava que nessa casa imponente também vivessem pessoas imponentes. Mas como os anos e o fumo das locomotivas tinham enegrecido a casa, imaginava os imponentes inquilinos também mais sombrios, estranhos, talvez surdos ou mudos, corcundas ou coxos.

Anos mais tarde, sonhei muitas vezes com aquela casa. Os sonhos eram sempre parecidos, variações de um sonho e de um tema. Andando por uma cidade estranha, vejo a casa: está numa fileira de casas, num quarteirão que não conheço. Continuo a caminhar, confuso porque reconheço a casa mas não o quarteirão. Depois lembro-me de já a ter visto. Não a localizo na Rua da Estação da minha cidade, mas numa outra cidade ou num outro país. Por exemplo, no sonho estou em Roma, encontro lá o prédio e recordo-me de o ter visto já em Berna. Tranquilizo-me com esta lembrança sonhada; voltar a ver o prédio num cenário diferente não me parece mais singular do que o encontro casual com um velho amigo num cenário desconhecido. Volto para trás, regresso ao prédio e subo os degraus. Quero entrar. Toco a campainha.

Quando vejo o prédio no campo, o sonho dura mais tempo, talvez porque me lembro melhor dos detalhes. Vou de carro. Vejo o prédio à minha direita e continuo: primeiro fico apenas intrigado por deparar no meio do campo com um prédio que aparentemente deveria

pertencer a um arruamento citadino; depois, recordo-me de já o ter visto, e então a minha confusão redobra. Quando me lembro de que já o vi, faço inversão de marcha e volto para trás. No sonho, a estrada está sempre vazia, posso inverter a marcha com as rodas a chiar e voltar para trás a grande velocidade. Tenho medo de chegar tarde de mais, e acelero. Depois vejo-o. Está rodeado de campos: colza, cereais e vinhas se estiver na zona do Reno, ou alfazema se estiver na Provença. A paisagem é plana, ou muito suavemente ondulada. Não há árvores. O dia está luminoso, o sol brilha, o ar reverbera, e a estrada cintila de calor. As paredes laterais do prédio fazem-no parecer recortado, incompleto. Aquelas poderiam ser as paredes de qualquer prédio. A casa não é ali mais sombria do que na Rua da Estação. Mas as janelas estão cobertas de pó, não deixam adivinhar nada dentro das divisões, nem sequer as cortinas. A casa é cega.

Estaciono junto à berma e atravesso a estrada na direção direção da entrada. Não se vê ninguém, não se ouve nada, nem tão-pouco o ruído longínquo de um motor, nem

o vento, nem um pássaro. O mundo está morto. Subo as escadas e toco a campainha.

Mas não abro a porta. Acordo e sei apenas que atingi a campainha e a toquei. Depois vem-me à memória todo o sonho, e que também já o havia sonhado muitas vezes antes.

3.

Eu não conhecia o nome da mulher. Fiquei parado diante da porta, olhando indeciso as campainhas e com o ramo de flores na mão. Tinha vontade de voltar para trás. Mas nesse momento saiu um homem do prédio, perguntou-me quem é que eu queria visitar e mandou-me para o terceiro andar, a casa da senhora Schmitz.

Nem estuque, nem espelhos, nem passadeira. Toda a beleza modesta que originalmente a escadaria poderia ter tido, em nada comparável com a sumptuosidade da fachada, desaparecera há muito tempo. A tinta vermelha dos degraus estava gasta no centro; o linóleo verde estampado, colado na parede ao lado das escadas até à altura do ombro, estava puído; e onde faltavam as varas de latão havia cordões esticados. Cheirava a produtos de limpeza. Talvez tenha tido consciência de tudo isto apenas mais tarde. Tudo isto tinha sempre o mesmo ar decrépito e o mesmo asseio e o mesmo cheiro a produtos de limpeza, por vezes misturado com o odor a couve ou a feijão, ou a cozido ou a roupas que ferviam. Dos outros

inquilinos nunca conheci mais do que esses cheiros, as marcas dos pés nas soleiras diante das portas de casa e

os letreiros com os nomes por baixo dos botões das

campainhas. Não me lembro de alguma vez ter

encontrado qualquer outro inquilino nas escadas.

Também já não me lembro de que maneira cumprimentei

a senhora Schmitz. Terei dito, provavelmente, duas ou

três frases que antes preparara, referindo a minha

doença, a ajuda dela e os meus agradecimentos. Ela

levou-me para a cozinha.

A cozinha era a maior divisão da casa. Ali estavam o

fogão e o lava-loiças, a tina do banho e a caldeira para

aquecer a água, uma mesa e duas cadeiras, um armário

de cozinha, um guarda-fatos e um sofá. Por cima do sofá

estava estendida uma manta de veludo vermelho. A

cozinha não tinha janelas. A luz passava pelos vidros da

porta que abria para a varanda. Não muita luz; a cozinha

só era iluminada quando a porta estava aberta. Ouvia-se

então o chiar da serra na oficina do pátio e cheirava a

madeira.

O andar tinha ainda uma sala pequena e estreita, com um

aparador, uma mesa, quatro cadeiras, um sofá de orelhas e uma lareira. Essa sala quase nunca era aquecida durante o Inverno, e durante o Verão também quase nunca era utilizada. A janela dava para a rua e por ela via-se o terreno da antiga estação, que era revolvido e de novo mexido e onde, aqui e acolá, já estavam feitas as fundações dos novos edifícios do tribunal e dos serviços administrativos. Finalmente, o andar tinha ainda uma casa de banho sem janelas. Quando lá cheirava mal, o odor também invadia o corredor.

Já não me recordo também do que falámos na cozinha. A senhora Schmitz passava roupa a ferro; estendera um cobertor de lã e um pano de linho por cima da mesa, e ia tirando do cesto peças de roupa, uma atrás da outra, passava-as, dobrava-as e colocava-as numa das duas cadeiras. Eu estava sentado na outra. Também passou a ferro a sua roupa interior, e eu não queria olhar e não conseguia desviar os olhos. Ela vestia uma bata azul sem mangas, com pequenas e pálidas flores vermelhas. Tinha o cabelo loiro claro, apanhado na nuca com um travessão e que lhe chegava aos ombros. Os seus braços nus eram

pálidos. Os gestos com que agarrava, usava e voltava a pousar o ferro de engomar, e logo depois juntava a roupa, eram lentos e concentrados, e era do mesmo modo lento e concentrado que se movia, inclinando-se e voltando a endireitar-se. Sobre a minha memória do seu rosto de então foram-se depositando, com o passar dos anos, os seus outros rostos. Quando a tenho diante dos olhos como ela era então, vejo-a sem rosto. Tenho de o reconstruir. Testa alta, malares salientes, olhos azul-pálidos, lábios grossos bem desenhados e sem sinuosidades, queixo enérgico. Um rosto largo, áspero, de mulher adulta. Sei que era bonito. Mas não consigo lembrar-me da sua beleza.

4.

Espera um momento — disse ela quando me levantei e fiz menção de me ir embora —, também tenho que sair e acompanho-te por um bocado.

Esperei no corredor. Ela mudava de roupa na cozinha. A porta estava entreaberta. Tirou a bata e ficou vestida apenas com uma combinação verde clara. Duas meias pendiam nas costas da cadeira. Agarrou uma e arregaçou-a alternadamente com as duas mãos. Equilibrou-se numa perna, apoiou nesse joelho o calcanhar da outra, debruçou-se, enfiou a meia enrolada na ponta do pé, apoiou a ponta do pé na cadeira, fez deslizar a meia pela barriga da perna, pelo joelho e pela coxa, inclinou-se para o lado e prendeu a meia à liga. Endireitou-se, tirou o pé da cadeira e agarrou a outra meia.

Não conseguia desviar dela o olhar. Das suas costas e dos seus ombros, dos seus peitos, que a combinação realçava mais do que escondia, das suas nádegas, que repuxavam a combinação quando ela apoiava o pé no

joelho e o colocava na cadeira, da sua perna, primeiro nua e pálida e depois, dentro da meia, envolvida pelo brilho sedoso.

Ela sentiu o meu olhar. Deteve-se no momento de ir buscar a outra meia, voltou-se para a porta e olhou-me nos olhos. Não sei o que havia no seu olhar; admiração, inquirição, saber, desaprovação. Corei. Fiquei parado por um instante e com a cara afogueada. Depois não consegui aguentar mais, precipitei-me para fora da casa, corri pelas escadas e saí do prédio.

Caminhei devagar. Rua da Estação, Rua Hausser, Rua das Flores — este foi, durante anos, o meu caminho de regresso da escola. Conhecia todas as casas, todos os jardins e todas as cercas, as que eram pintadas todos os anos, as que tinham a madeira tão cinzenta e podre que a podia esmagar com a mão; as cercas de ferro, cujas barras percorria e fazia soar com um pau quando criança, e o muro alto de tijolo atrás do qual imaginei que existiam coisas maravilhosas e terríveis, até ao momento em que consegui trepá-lo e ver as monótonas filas de desmazelados canteiros de flores, de arbustos e de

hortaliças. Conhecia a calçada e a camada de alcatrão da estrada, e as junções entre as placas, o pavimento de basalto ondulado, o alcatrão e o cascalho do passeio. Tudo me era familiar. Quando o coração começou a bater mais devagar e a cara não me ardia, aquele encontro entre a cozinha e o corredor estava já muito longe. Aborreci-me. Tinha fugido como uma criança em vez de reagir com a maturidade que esperava de mim mesmo. Já não tinha nove anos mas quinze. Na verdade, continuava a ser um enigma o que deveria ser essa reação madura. O outro enigma era aquele encontro entre a cozinha e o corredor. Por que razão não tinha conseguido desviar os olhos? Ela tinha um corpo muito robusto e muito feminino, mais opulento do que as raparigas que me agradavam e que eu seguia com o olhar. Estava certo de que ela não me teria chamado a atenção se a tivesse visto na piscina. E ela também não se tinha desnudado mais do que as outras meninas e mulheres que eu vira na piscina. Para além disso, era muito mais velha do que as raparigas com quem eu sonhava. Mais de trinta anos? Adivinha-se mal uma idade a que ainda não se chegou nem se está perto

de chegar.

Anos mais tarde, apercebi-me de que não tinha conseguido desviar o olhar não só por causa do seu corpo mas pelas suas posições e movimentos. Mais tarde, pedi às minhas namoradas que calçassem meias, mas não queria explicar o motivo do meu pedido, revelar o enigma daquele encontro entre a cozinha e o corredor. Assim, o meu pedido aparecia como um desejo de ligas e rendas e extravagâncias eróticas e, quando era cumprido, era-o numa pose coquette. E isso não era aquilo de que eu não conseguira desviar os olhos. Ela não fizera pose, não tinha sido coquette. Também não me lembro de ela ter voltado a fazê-lo. Lembro-me de que o seu corpo, a sua atitude e os movimentos resultavam por vezes rudes. Não que ela fosse tão rude. Parecia, sobretudo, que se recolhera no interior do seu corpo, que o entregara a si mesmo e ao seu próprio ritmo pausado, indiferente a alguma ordem do cérebro, e que esquecera o mundo exterior. Foi esse mesmo esquecimento do mundo que eu vi na atitude e nos movimentos ao calçar as meias. Mas nisso não era rude, tinha gestos fluidos, graciosos,

sedutores; uma sedução que não é seios e nádegas e pernas, mas sim o convite para esquecer o mundo dentro do corpo.

Isto não sabia eu então; nem estou certo de o saber agora, de que não estou apenas a tentar convencer-me. Mas então, ao recordar o que me tinha excitado tanto, voltava-me a excitação. Para resolver o enigma, tornava a recordar aquele encontro, e então desaparecia a distância que eu criara ao transformá-lo em enigma. Via tudo novamente diante de mim e, uma vez mais, não conseguia desviar os olhos.

5.

Uma semana mais tarde voltei a estar diante da sua porta. Durante toda a semana tentara não pensar nela. Mas não tinha nada que me entretivesse ou distraísse; o médico ainda não me deixava ir à escola e, após os longos meses de leituras, os livros enfastiavam-me; e embora os amigos me visitassem, já estava doente há tanto tempo que as suas visitas já não serviam de ponte entre o meu quotidiano e o deles, e tornavam-se cada vez mais curtas. Eu devia passear, ir cada dia um pouco mais longe, sem me esforçar. Mas do que eu precisava era de me cansar.

Que tempos aborrecidos os da doença durante a infância e a juventude! O mundo exterior, o mundo do tempo livre no pátio ou no jardim, ou na rua, entra apenas em ruídos abafados no quarto do doente. Lá dentro, cresce descontroladamente o mundo das histórias e das personagens das leituras que o doente lê. A febre, que debilita a percepção e aguça a fantasia, transforma o quarto do doente num novo espaço, ao mesmo tempo

conhecido e estranho; nos motivos das cortinas e dos

tapetes, os monstros fazem caretas, e as cadeiras, as

mesas, a estante e o armário acumulam-se,

transformando-se assim em montanhas, edifícios ou

barcos, ao mesmo tempo tão perto da mão e tão remotos.

Durante as longas horas da noite, acompanham o doente

o toque do sino na torre da igreja, o ruído dos carros que passam de vez em quando e o reflexo dos seus faróis,

que tacteia pelas paredes e pelo tecto. São horas sem

sono, mas não horas de insónia, não são horas de uma

falta mas de plenitude. Melancolia, recordações, medos e

desejos organizam-se em labirintos onde o doente se

perde e se encontra e volta a perder-se. São horas em

que tudo é possível, tanto o mau como o bom.

Isto desvanece-se quando o doente melhora. Mas se a

doença durou o tempo bastante, o quarto fica impregnado

e o convalescente, ainda que já não tenha febre, continua

perdido no labirinto.

Eu acordava todos os dias com má consciência, por

vezes com as calças do pijama húmidas ou manchadas.

As imagens e as cenas que eu sonhava não eram

convenientes. Eu sabia que nem a mãe, nem o padre que me tinha preparado para a confirmação, a quem estimava, nem a minha irmã mais velha, a quem tinha confiado os segredos da minha infância, me iriam ralhar. Mas admoestar-me-iam de um modo carinhoso e preocupado, o que seria muito pior do que um ralhete. Era especialmente injusto quando eu não sonhava passivamente com as imagens e cenas e as fantasiava então activamente.

Não sei onde encontrei a coragem para ir a casa da senhora Schmitz. A educação moral revoltou-se de algum modo contra si própria? Se o olhar ávido era tão mau como o acto de satisfação do desejo, e a fantasia activa tanto como o feito em si mesmo, então por que negar-se a satisfação e o acto? Dia a dia, apercebia-me de que não conseguia afastar de mim os pensamentos pecaminosos. Até que chegou o momento em que desejei também o pecado.

Houve um outro raciocínio. Ir lá poderia ser perigoso. Mas na realidade era impossível que o perigo se concretizasse. A senhora Schmitz cumprimentar-me-ia

admirada, ouvir-me-ia enquanto eu me desculpava pelo

meu estranho comportamento e despedir-se-ia de mim amavelmente. Era mais perigoso não ir lá; corria o perigo

de não conseguir livrar-me das minhas fantasias. Por

isso, ao ir lá, fiz o que era correto. Ela comportar-se-ia

normalmente, eu comportar-me-ia normalmente, e tudo

voltaria a ser tão normal como sempre.

Eram estes, então, os meus raciocínios; converti o meu

desejo num estranho factor de raro cálculo moral e assim

calei a minha pesada consciência. Mas isso não me dava

a coragem para ir a casa da senhora Schmitz. Uma coisa

era convencer-me a mim próprio de que a minha mãe, o

padre admirado e a minha irmã mais velha, se

pensassem bem, não me impediriam de ir a casa dela, e

outra coisa completamente diferente era ir na verdade a

casa da senhora Schmitz. Não sei por que o fiz. Mas hoje

reconheço, naquilo que então aconteceu, o esquema por

meio do qual o pensamento e a ação se conjugaram ou

divergiram durante toda a minha vida. Penso, chego a um

resultado, fixo-o numa conclusão e apercebo-me de que a

ação é algo independente, algo que pode seguir a

conclusão, mas não necessariamente. Durante a minha vida, fiz muitas vezes coisas que não tinha decidido fazer, e não fiz outras que tinha firmemente decidido fazer. Algo que existe em mim, seja lá o que for, age; algo que me faz ir ter com uma mulher que já não quero voltar a ver, que faz ao superior um reparo que me pode custar o emprego, que continua a fumar embora eu tenha decidido deixar de fumar, e que deixa de fumar quando me resignei a ser um fumador para o resto dos meus dias. Não quero dizer que o pensamento e a decisão não tenham alguma influência na ação. Mas a ação não decorre só do que foi pensado e decidido antes. Surge de uma fonte própria, e é tão independente como o meu pensamento e as minhas decisões.

6.

Ela não estava em casa. A porta do prédio estava encostada, subi as escadas, toquei à campainha e esperei. Tornei a tocar. Dentro de casa as portas estavam abertas, vi-o através do vidro da porta de entrada e distingui o espelho, o guarda-fatos e o relógio no vestíbulo. Podia até ouvi-lo tocar.

Sentei-me nas escadas e esperei. Não me sentia aliviado, como pode acontecer quando tomamos uma decisão com medo do que possa acontecer, e logo nos alegramos por a termos cumprido sem que nada nos acontecesse.
Também não me sentia decepcionado. Estava decidido a vê-la, e a esperar até que chegasse.
O relógio da entrada tocou o quarto de hora, a meia hora. Tentei seguir o suave tiquetaque e contar os novecentos segundos entre uma batida e outra, mas distraía-me sempre. No pátio chiava a serra da oficina, de uma casa brotavam vozes ou música, abria-se uma porta. Ouvi depois alguém subir as escadas com um passo regular, lento e pesado. Esperei que a pessoa ficasse no segundo andar. Se me visse, como iria eu explicar o que estava ali a fazer? Mas os passos não pararam no segundo andar. Continuaram a subir. Levantei-me.
Era a senhora Schmitz. Trazia numa mão uma cesta com carvão de coque, e na outra uma de briquetes. Tinha vestido um uniforme, saia e casaco, evidentemente que era revisora dos eléctricos. Não me viu até chegar ao patamar. Olhou-me, não me pareceu zangada, nem

admirada, nem trocista — nada do que eu temera.

Parecia apenas cansada. Pousou o carvão, e enquanto

procurava a chave no bolso do casaco, algumas moedas

tiniram no chão. Apanhei-as e entreguei-lhas.

— Lá em baixo, na cave, há ainda mais duas cestas.

Podes enchê-las e trazê-las para cima? A porta está

aberta.

Corri pelas escadas abaixo. A porta da cave estava

aberta, a luz da cave estava acesa, e ao fundo da comprida escadaria encontrei um compartimento de

tabiques de madeira, com a porta apenas encostada e a

fechadura no trinco. O compartimento era grande, e o

carvão de coque fora empilhado até a uma fresta abaixo

do tecto, pela qual tinha sido atirado da rua. De um dos

lados da porta estavam os briquetes empilhados

ordeiramente, e do outro as cestas para o carvão.

Não sei o que é que fiz de errado. Em casa também ia

buscar carvão à cave e nunca tive qualquer problema. Na

verdade, em casa o carvão de coque nunca chegava

àquela altura. Encher a primeira cesta correu bem. Mas

quando agarrei a asa da segunda cesta e quis também

apanhar do chão o carvão de coque, a montanha pôs-se em movimento. De cima saltaram pequenos pedaços em grandes saltos e grandes pedaços em pequenos saltos; entretanto, mais abaixo era um escorregar, e no chão um rolar e empurrar. Formou-se uma nuvem de pó preto. Fiquei aterrorizado e imóvel, levava com um ou com outro pedaço, e em breve estava com carvão até aos tornozelos.

Quando o monte ficou quieto, saí do carvão, enchi a segunda cesta, procurei e encontrei uma vassoura, varri outra vez para dentro do compartimento os pedaços que tinham caído no chão da cave, fechei a porta e levei as duas cestas para cima.

Ela tinha tirado o casaco, desapertara o nó da gravata e abrira o primeiro botão; estava sentada à mesa da cozinha, com um copo de leite na mão. Ao ver-me, começou a rir-se, primeiro contendo-se e depois às gargalhadas. Enquanto me apontava o dedo, batia com a outra mão na mesa.

— Como tu estás, miúdo, como tu estás!

Então vi também a minha cara negra no espelho por cima

do lava-loiças e comecei a rir com ela.

— Não podes ir assim para casa. Vai tomar um banho e

eu sacudo as tuas roupas.

Foi até à banheira e abriu a torneira. A água começou a cair, fumegante, na banheira.

— Tem cuidado ao despires-te, não quero que a cozinha

se encha de pó preto.

Hesitei, despi a camisola e a camisa, e voltei a hesitar. A

água subia depressa, e a banheira estava já quase cheia.

— Queres tomar banho com os sapatos e as calças? Eu

não te olho, miúdo.

Mas quando fechei a torneira e tirei também as cuecas,

ela ficou a olhar-me

calmamente. Corei, meti-me na banheira e imergi-me

todo. Quando voltei com a cabeça à tona da água, ela

estava na varanda com as minhas coisas. Ouvi-a bater

com os sapatos um contra o outro e sacudir as calças e a

camisola. Gritou qualquer coisa para alguém que estava

em baixo, qualquer coisa acerca do pó do carvão e da

serradura; lá de baixo gritaram-lhe, e ela riu-se. Voltou à

cozinha e deixou as minhas coisas na cadeira. Lançou-

me uma olhadela.

— Tens aí champô, lava também o cabelo. Eu já trago uma toalha. Tirou algo do guarda-fatos e saiu da cozinha. Lavei-me. A água da banheira ficou suja, e deixei correr outra água para tirar, debaixo do jorro, o sabão da cara e da cabeça. Depois fiquei deitado; ouvia o fogão do banho, sentindo na cara o ar fresco que entrava pela frincha da porta da cozinha, e no corpo a água quente. Sentia-me bem. Era um bem-estar excitante, e o meu sexo pôs-se teso.

Não levantei a cabeça quando ela entrou na cozinha, apenas quando ficou parada junto da banheira. Segurava um toalhão aberto com os braços estendidos.

— Anda!

Quando me levantei para sair da banheira, voltei-lhe as costas. Ela envolveu-me no toalhão, da cabeça aos pés, e esfregou-me até me secar. Depois deixou cair o toalhão no chão. Não me atrevi a mover-me. Estava tão perto de mim que sentia os seus seios nas minhas costas e a sua barriga nas minhas nádegas. Ela também estava nua.

Pôs os braços à minha volta, uma mão no meu peito e a

outra no meu membro entesado.

— É por isso que aqui estás, não?

— Eu...

Não soube o que devia dizer. Nem que sim nem que não.

Voltei-me. Não via muito do seu corpo. Estávamos demasiado juntos. Mas fiquei subjugado pela proximidade do seu corpo nu.

— És tão bonita!

— Ora, miúdo, o que estás para aí a dizer.

Ela riu-se e pôs os braços em volta do meu pescoço.

Também eu a abracei.

Tive medo: dos afagos, dos beijos, que não lhe agradasse e que não lhe bastasse. Mas depois de nos termos abraçado durante algum tempo, e de eu ter aspirado o cheiro dela e sentir o seu calor e a sua força, tudo se tornou natural. A descoberta do corpo com as mãos e com a boca, o encontro das bocas, e por fim ela em cima de mim, olhos nos olhos, até que me vim e fechei os olhos com força: primeiro esforcei-me por me controlar, mas depois gritei tão alto que ela afogou o meu grito pondo a mão na minha boca.

7.

Na noite seguinte apaixonei-me por ela. Não dormi profundamente, ansiava por ela, sonhava com ela, parecia que a sentia, até que me apercebi de que apertava a almofada ou o cobertor. A boca doía-me dos muitos beijos. O meu sexo ficava teso outra vez, mas não queria masturbar-me. Nunca mais queria masturbar-me. Queria estar com ela.

Ter-me-ei apaixonado por ela como prémio por ter aceitado dormir comigo? Até hoje, depois de passar a noite com uma mulher, tenho o sentimento de ser premiado com demasiado mimo e de ter de a compensar por isso — compensá-la, fazendo um esforço por me apaixonar por ela, e também compensar o mundo a que me ofereço.

Uma das minhas poucas recordações vivas da primeira infância é a de uma manhã de Inverno quando tinha quatro anos. O quarto em que eu dormia não era aquecido e muitas vezes estava frio durante a noite e ao começo da manhã. Lembro-me do calor da cozinha e do

fogão quente, uma pesada peça de ferro, no qual estava sempre pronto um alguidar de água quente e no qual se via o fogo quando se tirava com um gancho as placas e os aros dos seus lugares. A minha mãe colocava uma cadeira diante do fogão, onde eu me punha de pé enquanto ela me lavava e me vestia. Lembro-me da boa sensação do calor e do prazer que tinha em ser lavado e vestido nesse calor. Sempre que esta imagem me chegava à memória, lembro-me também de me interrogar por que razão a minha mãe me tinha mimado tanto naquele dia. Estaria doente? Tinham dado aos meus irmãos alguma coisa que eu não recebera? Haveria algo desagradável, difícil, que eu teria que ultrapassar durante o resto do dia?

Tal como a mulher, que ainda não nomeara em pensamentos, me mimara tanto naquela tarde, senti que tinha de pagar por isso e decidi voltar para a escola no dia seguinte. Além disso, queria exibir a masculinidade que eu tinha adquirido. Não que quisesse gabar-me disso. Mas sentia-me cheio de força, e superior, e queria confrontar os meus colegas e professores com

essas recém-adquiridas força e superioridade. Apesar de não ter conversado com ela sobre isso, achava que, sendo revisora dos eléctricos, trabalharia muitas vezes até ao fim da tarde ou da noite. Como poderia vê-la todos os dias se tivesse que ficar em casa e só pudesse fazer os meus passeios de convalescente?

Quando regressei a casa, os meus pais e irmãos já estavam sentados a jantar.

— Por que vens tão tarde? A tua mãe ficou preocupada por tua causa. O meu pai soava mais arreliado do que preocupado.

Disse que me tinha perdido; planeara passear desde o cemitério de Ehren até Molkenkur, mas tinha-me perdido até finalmente chegar a Nussloch.

— Não tinha dinheiro e tive que vir a pé de Nussloch até casa.

— Podias ter pedido boleia.

A minha irmã mais nova às vezes apanhava boleia, mas os meus pais não aprovavam.

O meu irmão mais velho fungou com desprezo.

— Molkenkur e Nussloch ficam em direções totalmente diferentes. A minha irmã mais velha olhou-me com

curiosidade.

— Amanhã volto para a escola.

— Então presta muita atenção na aula de Geografia. Há o Norte e o Sul, o sol levanta-se...

A minha mãe interrompeu o meu irmão.

— O médico disse que eram mais três semanas.

— Se ele consegue ir pelo cemitério de Ehren até Nussloch e voltar para casa, também pode ir para a escola. Não lhe falta força, faltam-lhe é miolos.

Quando era pequeno, eu e o meu irmão lutávamos muitas vezes, mais tarde verbalmente. Com mais três anos do que eu, ele era bastante superior das duas maneiras. A certa altura deixei de ripostar e fiz ouvidos moucos aos seus ataques verbais. Desde então, limitava-se a irritar-me.

— O que é que achas?

A minha mãe dirigia-se ao meu pai, que pousou a faca e o garfo no prato, reclinou-se e cruzou as mãos no colo. Ficou calado e pensativo, como sempre fazia quando a minha mãe lhe dirigia a palavra por causa de um dos filhos ou da lida da casa. Como todas as outras vezes,

perguntei-me se ele estava realmente a pensar na pergunta da minha mãe ou no trabalho. Talvez tentasse também pensar na pergunta da minha mãe; uma vez mergulhado em pensamentos, só conseguia pensar no seu trabalho. Era professor de Filosofia, e a sua vida era pensar, pensar e ler e escrever e ensinar.

Por vezes eu tinha a sensação de que nós, a sua família, éramos para ele como os animais de estimação. O cão que levamos a passear, o gato com que brincamos, e também o gato que, enroscando-se no nosso colo e ronronando, se deixa afagar — podem despertar algum afecto e, de uma certa maneira, podemos mesmo ter necessidade deles; e contudo, a compra da comida, a limpeza da areia do gato e o caminho para o veterinário são uma grande maçada. Pode ser que a verdadeira vida esteja a acontecer algures, noutro sítio. Eu gostaria que nós, a sua família, fôssemos a vida dele. Por vezes, também gostaria que o meu irritante irmão ou a minha insolente irmã mais nova fossem diferentes. Mas naquela noite, de repente, cheguei à conclusão de que os amava muito. A minha irmã mais nova. É provável que não fosse

fácil ser a mais nova de quatro irmãos, e não conseguia afirmar-se sem uma certa insolência. O meu irmão mais velho. Tínhamos um quarto em comum, o que certamente era mais difícil para ele do que para mim e, além disso, desde que eu adoecera, teve que deixar o quarto só para mim e dormir no sofá da sala. Como poderia ele não resmungar? O meu pai. Por que razão deveríamos ser nós, os filhos, a sua vida? Estávamos a crescer e em breve estaríamos crescidos e sairíamos de casa.

Tive a impressão de que estávamos todos sentados à mesa redonda pela última vez, debaixo do candeeiro de latão com cinco braços e cinco lâmpadas de velas, como se comêssemos uma última vez dos velhos pratos de bordas decoradas com gavinhas verdes, como se falássemos uns com os outros pela última vez. Parecia-me estar num jantar de despedida. Estava ali mas já tinha partido. Tinha saudades da mãe e do pai e dos irmãos e, ao mesmo tempo, ansiava estar com a mulher.

O meu pai olhou-me.

— Amanhã voltas para a escola: disseste isto, não é verdade?

— Sim.

Reparara, portanto, que eu lhe dirigira a pergunta a ele e não à mãe, e também que não estava disposto a voltar atrás na minha decisão. Assentiu com a cabeça.

— Vamos deixar-te voltar para a escola. Se vires que não aguentas, ficas então de novo em casa.

Senti-me feliz. Ao mesmo tempo, fiquei com a sensação de que, agora, o adeus estava consumado.

8.

Nos dias seguintes, a mulher trabalhava no turno da manhã. Ela chegava a casa ao meio-dia, e eu faltava todos os dias à última aula para a esperar no patamar das escadas, à frente da porta. Tomávamos banho e amávamo-nos e, pouco antes da uma e meia da tarde, vestia-me apressadamente e saía a correr. Em minha casa almoçava-se à uma e meia. Ao domingo, o almoço era logo ao meio-dia, mas o turno dela também começava e terminava mais tarde.

Eu teria evitado tomar banho. Ela era de uma limpeza exasperante, tomava um duche todas as manhãs, e eu gostava dos cheiros que ela trazia consigo do trabalho: do perfume, do suor fresco e do eléctrico. Mas gostava também do seu corpo molhado e ensaboado; gostava de me deixar ensaboar por ela e ensaboava-a com prazer, e ela ensinou-me a fazê-lo sem pudor, mas com uma minúcia natural e possessiva. Também quando nos amávamos, possuía-me com naturalidade. A boca dela tomava a minha, a sua língua brincava com a minha,

dizia-me onde e como a deveria tocar, e quando me

montava até se vir, eu estava apenas presente para lhe dar prazer e não para o partilhar. Não que não fosse terna

e não me desse prazer. Mas fazia-o pelo prazer de jogar,

até que aprendi também a possuí-la.

Isso foi mais tarde. Nunca o aprendi completamente. De

facto, durante muito tempo também não me fez falta. Eu

era jovem e vinha-me depressa, e depois disto, quando

tornava lentamente à vida, era com prazer que a deixava

possuir-me. Observava-a quando estava sobre mim; a

barriga, que fazia uma grande dobra sobre o umbigo, os

seus seios, o direito um tudo nada maior que o esquerdo,

a cara, a boca aberta. Apoiava as suas mãos no meu

peito e, no último momento, levantava-as bruscamente,

agarrava a cabeça e emitia um grito soluçante e

estrangulado, que me assustou da primeira vez e que

mais tarde eu aguardava com ansiedade.

Depois ficávamos esgotados. Ela adormecia muitas vezes

em cima de mim. Eu ouvia a serra no pátio, o chiar

abafado pelas vozes altas dos marceneiros. Quando a

serra emudecia, o barulho do trânsito na Rua da Estação

entrava debilmente na cozinha. Ao ouvir crianças a gritar e a brincar, sabia que as aulas tinham terminado e que passava da uma hora da tarde. O vizinho, que voltava para casa por volta do meio-dia, espalhava na varanda comida para os pássaros, e as pombas vinham e arrulhavam.

— Como te chamas?

Perguntei-lhe no sexto ou no sétimo dia. Ela tinha adormecido sobre mim e acabava de acordar. Até então, evitara dirigir-me a ela na terceira pessoa, ou por tu.

Ela sobressaltou-se.

— O quê?

— Como te chamas?

— Por que é que queres saber? Olhou-me, desconfiada.

— Tu e eu... Sei o teu apelido, mas não o nome próprio. Quero saber o teu nome próprio. Qual é o mal de...

Ela riu-se.

— Nenhum, miúdo, não tem mal nenhum. Chamo-me Hanna. Continuou a rir-se, não parava, contagiou-me.

— Olhaste-me de um modo tão estranho.

— Ainda estava meia-adormecida. Como te chamas tu?

Pensava que ela já o sabia. Na altura, ainda não era usual levarmos as coisas da escola numa pasta; estava na moda levá-las debaixo do braço, e quando as pousava na mesa da cozinha, o meu nome estava escrito nas capas, nos cadernos e também nos livros, que aprendi a forrar com papel de embrulho e a colar-lhes uma etiqueta com o título e o meu nome. Mas ela não tinha reparado nisso.

— Chamo-me Michael Berg.

— Michael, Michael, Michael. Ela experimentava o nome.

— O meu miúdo chama-se Michael, anda na universidade...

— No liceu.

— ...no liceu. Tem... dezassete anos?

Fiquei orgulhoso pelos dois anos a mais que ela me dava, e assenti.

— ...tem dezassete anos e, quando for grande, quer ser um famoso... Hesitou.

— Não sei o que quero ser.

— Mas és um bom estudante.

— Pois sim.

Disse-lhe que ela era mais importante para mim do que o estudo e a escola. Que gostaria também de vir mais vezes a casa dela.

— De qualquer maneira, vou chumbar.

— Vais chumbar que ano?

Ela ergueu-se. Era a primeira conversa a sério que tínhamos um com o outro.

— O sexto ano do liceu. Faltei tempo de mais nos últimos meses, quando estive doente. Ainda que quisesse passar de ano, teria que trabalhar como um estúpido. Neste momento deveria estar na escola.

Contei-lhe das minhas faltas.

— Fora. — Atirou o cobertor para trás. — Fora da minha cama. E não voltes nunca mais se não fizeres o teu trabalho. O teu trabalho é estúpido? Estúpido? O que pensas que é vender bilhetes e picá-los?

Levantou-se, ficou nua, de pé na cozinha, e imitou uma revisora. Abriu com a mão esquerda a pequena pasta com os maços de bilhetes e retirou, com o polegar da mesma mão em que tinha uma dedeira de borracha, dois bilhetes, balançou a direita para agarrar no punho da

tenaz pendente do pulso, e furou duas vezes.

— Dois para Rohrbach.

Largou a tenaz, estendeu a mão, agarrou numa nota, abriu, diante da barriga, a bolsa do dinheiro, guardou a nota, voltou a fechar a bolsa do dinheiro e tirou o troco da máquina das moedas.

— Quem é que ainda não tem bilhete? Olhou-me.

— Estúpido? Tu não sabes o que é ser estúpido.

Eu estava sentado na beira da cama. Sentia-me atordoado.

— Lamento. Vou esforçar-me. Mas não sei se vou conseguir, dentro de seis semanas acaba o ano lectivo. Vou tentar. Mas se não puder voltar a ver-te, não vou conseguir. Eu...

Ia a dizer: «Amo-te». Mas depois mudei de ideias. Ela talvez tivesse razão; com certeza que tinha. Mas não tinha o direito de exigir que eu estudasse e fazer com que isso fosse uma condição para tornar a vê-la.

— Não aguento deixar de te ver.

O relógio no corredor deu a uma e meia.

— Tens que ir. — Hesitou. — A partir de amanhã tenho o

turno principal. Até às cinco e meia. Nessa altura venho para casa e também podes vir. Se trabalhares antes.

Estávamos de pé, nus, à frente um do outro, mas ela não me teria parecido mais severa vestida com o uniforme. Eu não compreendia a situação. Fá-lo-ia por mim? Ou por ela? Se o meu trabalho era estúpido, o seu era extremamente estúpido — teria ficado ofendida com isto? Mas eu nem sequer tinha dito que o meu trabalho, ou o dela, eram estúpidos. Ou será que ela não queria um falhado como amante? Mas será que eu era amante dela? O que é que eu significava para ela? Vesti-me devagar e esperei que dissesse qualquer coisa. Mas ela não disse nada. Quando acabei de vestir-me, ainda estava nua; e quando na despedida a abracei, não reagiu.

9.

Por que é que fico tão triste quando recordo aqueles tempos? Será que é a nostalgia da felicidade passada — e eu fui feliz nas semanas seguintes, em que realmente trabalhei como um estúpido e consegui passar de ano e nos amámos como se nada mais importasse no mundo. Ou será pelo que soube depois, e que só mais tarde veio à luz, mas já existia então?

Porquê? Por que razão, quando olhamos para trás, o que era bonito se torna quebradiço, revelando verdades amargas? Por que razão se tornam amargas de fel as recordações de anos felizes de casamento, quando se descobre que o outro tinha um amante durante todo aquele tempo? Por que não era possível ter sido feliz numa situação assim? Contudo, fomos felizes! Por vezes, quando o final é doloroso, a recordação trai a felicidade. Por que é que a felicidade só é verdadeira quando o é para sempre? Por que é que só pode ter um final doloroso quando já era doloroso, ainda que não tivéssemos consciência disso, ainda que o ignorássemos? Mas uma

dor inconsciente e ignorada é uma dor?

Por vezes penso naqueles tempos e vejo-me a mim mesmo. Vestia os fatos elegantes que herdara de um tio rico, assim como vários pares de sapatos de duas cores, pretos e castanhos, pretos e brancos, de camurça e de couro liso. Tinha os braços demasiado longos e as pernas demasiado compridas, não para os fatos que a minha mãe se encarregara de me arranjar, mas para coordenar os meus próprios movimentos. Os meus óculos eram um modelo barato, da Segurança Social, e o meu cabelo uma escova desgrenhada, fizesse o que fizesse. Na escola, não era bom nem mau aluno; penso que muitos professores nem sequer notavam a minha presença, e os alunos que davam o tom na turma também não. Não gostava do meu aspecto, da minha roupa, da maneira como me movia, do que conseguia alcançar e do que valia. Mas estava cheio de energia, cheio de confiança em que um dia seria bonito e inteligente, superior e admirado, cheio de ansiedade por enfrentar pessoas e situações novas.

Será isto aquilo que me entristece? O fervor e a crença,

que então me preenchiam, e o empenho em arrancar da vida uma promessa que jamais seria cumprida? Por vezes, vejo nos rostos das crianças e dos adolescentes o mesmo fervor e a mesma crença, e vejo-os com a mesma tristeza com que me recordo então de mim. Será esta tristeza mais do que a tristeza pura? É ela que nos invade quando as boas recordações se tornam quebradiças ao vermos que aquela felicidade não se alimentava apenas da situação de momento, mas antes de uma promessa que não se cumpriu?

Ela — devia começar a chamar-lhe Hanna, tal como então comecei a nomeá-la —, ela não vivia, decerto, apenas de uma promessa, mas da situação do momento, única e exclusivamente.

Perguntei-lhe acerca do seu passado, e o modo como me respondeu foi como se remexesse numa arca poeirenta. Tinha crescido em Siebenburgen, viera para Berlim aos dezassete anos, tornara-se trabalhadora na Siemens e fora parar ao Exército com vinte e um anos. Depois do final da guerra sobrevivera à custa de diferentes trabalhos. Do seu trabalho como revisora em eléctricos,

que já exercia havia alguns anos, gostava do uniforme, da paisagem que mudava constantemente e do chão que se

movia debaixo dos pés. Não gostava de mais nada. Não

tinha família. Tinha trinta e seis anos. Tudo isto foi

contado por ela como se não falasse da sua própria vida,

mas da vida de outra pessoa que não conhecesse bem e

que não lhe interessasse. Quando eu queria saber mais

pormenores, muitas vezes já não se recordava, e não

compreendia também por que razão eu me interessava

em saber o que tinha acontecido aos seus pais, se tivera

irmãos, como tinha vivido em Berlim e o que fizera na

tropa.

— Tanto o que queres saber, miúdo!

O mesmo se passava com o futuro. Naturalmente, eu não

tencionava casar e ter filhos. Mas identificava-me mais

com o Julien Sorel da Madame de Renal do que com a

Mathilde de La Mole. Preferia ver, no final, Félix Krull nos

braços da mãe do que nos da filha. A minha irmã, que

estudava Filologia e Germânicas, falou uma vez, à mesa,

da polémica acerca do romance entre Goethe e a Frau

von Stein, e eu defendi-o com ênfase, para espanto de

toda a família. Imaginava como seria a nossa relação daqui a cinco ou dez anos. Perguntei a Hanna como a imaginava. Ela nem sequer queria pensar na excursão de bicicleta que lhe propusera fazer durante as férias da Páscoa.

Poderíamos fazer-nos passar por mãe e filho e alugar um quarto para os dois e ficarmos juntos a noite inteira.

É curioso que esta ideia e esta sugestão não me tivessem parecido ridículas. Se viajasse com a minha mãe, teria lutado para ter um quarto só para mim. Ir com a minha mãe ao médico, ou comprar um casaco novo, ou ela ir-me buscar quando regressava de uma viagem, parecia-me já pouco próprio para a minha idade. Quando eu ia com ela na rua e encontrávamos camaradas da escola, tinha medo que eles achassem que eu era um filhinho da mamã. Mas se me vissem com a Hanna, que podia ser minha mãe embora fosse dez anos mais nova do que ela, não me importava nada. Tinha mesmo orgulho nisso.

Hoje em dia, quando vejo uma mulher de trinta e seis anos, acho-a jovem. Mas quando vejo um rapaz de quinze, vejo uma criança. Fico espantado com a

confiança que a Hanna me deu. O meu sucesso escolar fez com que os professores me notassem e deu-me a segurança do seu respeito. As raparigas que encontrava, notavam e gostavam que eu não tivesse medo delas. Sentia-me bem no meu corpo.

A recordação que ilumina e fixa com precisão os primeiros encontros com Hanna, faz com que as semanas entre a nossa conversa e o fim do ano lectivo se confundam. Uma razão para isso é a regularidade com que nos encontrávamos. Um outro motivo é que, até então, eu nunca tivera dias tão intensos, a minha vida nunca tinha decorrido tão rápida e densa. Quando me lembro do trabalho durante aquelas semanas, é como se me tivesse sentado à escrivaninha e lá tivesse ficado até recuperar tudo o que tinha perdido durante o tempo da icterícia, aprendendo todos os vocábulos, lendo todos os textos, demonstrando todos os teoremas matemáticos e combinando todas as fórmulas químicas. Já tinha lido muito sobre a República de Weimar e o III Reich quando estivera de cama. Também os nossos encontros se converteram, na minha recordação, num único e longo

encontro. Depois da nossa conversa, víamo-nos sempre à tarde: quando ela tinha o turno da noite, das três às quatro e meia; caso contrário, às cinco e meia. Em minha casa jantávamos às sete horas, e de início a Hanna obrigava-me a ser pontual. Mas, depois de algum tempo, a hora e meia parecia-nos curta, e comecei a inventar desculpas para não ir jantar a casa.

E isto por causa da leitura em voz alta. No dia que se seguiu à nossa conversa, a Hanna quis saber o que eu estudava na escola. Falei acerca dos poemas de Homero, dos discursos de Cícero e contei-lhe a história de Hemingway sobre o velho e a sua luta com o peixe e com o mar. Ela queria ouvir como soavam o latim e o grego, e fiz-lhe leituras de A Odisseia e das Catilinárias.

— Também aprendes alemão?

— O que é que queres dizer com isso?

— Só aprendes línguas estrangeiras, ou tens ainda alguma coisa a aprender da tua própria língua?

— Lemos textos.

Enquanto estive doente, a turma tinha lido Emília Galotti e Intriga e Amor, de Schiller, e em breve teria de entregar

um trabalho acerca dos dois livros. Por isso tinha que lê-los, mas deixava isso sempre para o fim. E então era demasiado tarde, eu estava cansado, e no dia seguinte já não me recordava do que lera e tinha que começar outra vez.

— Lê-me em voz alta!

— Lê tu mesma, eu trago-tos.

— Tens uma voz tão bonita, miúdo, gosto mais de te ouvir ler do que ser eu própria a ler.

— Ora, não sei.

Mas quando cheguei no dia seguinte e quis beijá-la, desviou a cara.

— Primeiro, tens que ler em voz alta.

Estava a falar a sério. Tive que lhe ler alto Emília Galotti durante meia hora antes de me meter no duche e me levar para a cama. Agora, até gostava de tomar banho. O desejo com que chegava, esvaía-se durante a leitura. Ler desta maneira um texto, de maneira a conseguir diferenciar minimamente os diferentes personagens e dar-lhes vida, requer uma certa concentração. Debaixo do duche, voltava-me o desejo. Ler alto, tomar banho, amar

e ficar ainda um bocadinho deitados ao lado um do outro,

tornou-se então no ritual dos nossos encontros.

Ela era uma ouvinte atenta. O seu riso, o seu fungar de

desprezo e as interjeições indignadas ou aprovadoras,

não deixavam nenhuma dúvida de que ela seguia o

enredo com interesse e que considerava, tanto a Emília

como a Luise, duas garotas tontas. A impaciência com que por vezes me pedia que continuasse a ler, vinha da

esperança que os disparates delas em breve

terminassem finalmente.

— Parece mentira!

Por vezes, entusiasmava-me e apetecia-me continuar a

ler. Quando os dias se tornaram mais longos, lia durante

mais tempo, de modo a estar com ela na cama ao

crepúsculo. Quando ela adormecia sobre mim, e a serra

se calava no pátio, os melros cantavam e das cores das

coisas na cozinha apenas restavam tons mais claros e

mais escuros — sentia-me completamente feliz.

10.

No primeiro dia das férias da Páscoa, levantei-me às quatro horas. A Hanna tinha o turno da madrugada. Ia de bicicleta às quatro e um quarto para o depósito dos eléctricos, e às quatro e meia saía com o eléctrico para Schwetzingen. Tinha-me dito que, na ida, o carro eléctrico ia muitas vezes vazio. Apenas se enchia na volta.

Entrei na segunda paragem. A segunda carruagem estava vazia, a Hanna estava na primeira ao lado do condutor. Hesitei, não sabendo se deveria sentar-me na carruagem da frente ou na de trás, e decidi-me pela de trás. Prometia mais privacidade, um abraço, um beijo.

Mas Hanna não veio. Certamente viu-me à espera na paragem e a entrar. Era o motivo pelo qual o eléctrico parara. Mas ficou ao lado do condutor, a falar e a gracejar. Via-os perfeitamente.

Paragem após paragem, o eléctrico continuava. Não havia ninguém em pé à espera. As ruas estavam vazias. O sol ainda não tinha nascido, e debaixo do céu branco tudo era banhado por uma luz pálida: as casas, os carros

estacionados, as árvores carregadas de folhas verdes e os arbustos floridos, os depósitos do gás e, ao longe, as montanhas. O eléctrico ia devagar; certamente porque o horário tinha sido feito contando com os tempos de paragem, e o condutor tinha que reduzir a velocidade para não chegar ao destino antes de tempo. Senti-me preso naquele lento carro eléctrico. Primeiro continuei sentado, depois fui para a plataforma da frente e tentei fixar o olhar em Hanna, para que ela sentisse o meu olhar nas costas. Passado algum tempo, virou-se e fixou-me casualmente. Depois continuou a falar com o condutor. A viagem prosseguiu. Após Eppelheim, os carris não iam pela estrada, mas paralelamente sobre uma barreira de cascalho. O eléctrico começou a andar mais depressa, com o constante e característico chiar. Eu sabia que o caminho ia passar por várias aldeias até chegar a Schwetzingen. Mas sentia-me excluído, expulso do mundo normal em que todas as pessoas viviam, trabalhavam e amavam. Como se tivesse sido condenado a uma viagem sem rumo nem fim, numa carruagem vazia. Vi então uma paragem, um pequeno abrigo em campo

aberto. Puxei o cordão com que se dá ao condutor o sinal para parar ou para andar. O eléctrico parou. Nem Hanna nem o condutor tinham olhado para mim ao ouvirem a campainha. Quando saí, pareceu-me vê-los troçarem de mim. Mas não tinha a certeza. Depois o eléctrico continuou, e fiquei a olhá-lo até desaparecer primeiro numa depressão e depois atrás de uma colina. Estava entre a barreira e a estrada, rodeado de campos, árvores de fruto e, mais ao longe, estufas. Soprava uma aragem fresca. O ar estava cheio com o cantar dos pássaros. Por cima das colinas, o céu branco brilhava em tons rosados.

A viagem no eléctrico fora um pesadelo. Se eu não recordasse de uma maneira tão nítida o que aconteceu depois, certamente sentir-me-ia tentado a pensar que tinha sido um pesadelo. Estar em pé na paragem, ouvir os pássaros e ver o sol nascer foi como que um despertar.

Mas despertar de um pesadelo nem sempre significa alívio. Pode mesmo acontecer que, ao despertarmos, nos apercebamos de quão terrível era o que se sonhou, de que o sonho nos revelou uma pavorosa verdade. Pus-me a caminho de casa, as lágrimas corriam-me, e só

consegui parar de chorar quando cheguei a Eppelheim.

Fiz a pé o caminho para casa. Tentei apanhar boleia, sem êxito. Quando tinha percorrido já metade do caminho, passou por mim o eléctrico. Estava cheio. Não vi a Hanna.

Esperei-a ao meio-dia no patamar das escadas, triste, receoso e irado.

— Faltaste outra vez à escola?

— Estou de férias. O que é que se passou hoje de manhã? Ela abriu a porta e eu segui-a até à cozinha.

— O que é que se deveria ter passado hoje de manhã?

— Por que é que fingiste que não me conhecias? Eu só queria...

— Eu é que fingi que não te conhecia?

Ela voltou-se e olhou-me friamente nos olhos.

— Tu é que não me quiseste reconhecer. Entras na segunda carruagem quando vês perfeitamente que eu estou na primeira.

— E por que razão pensas que no primeiro dia de férias apanho o eléctrico das quatro e meia para Schwetzingen? Apenas porque queria surpreender-te, porque pensei que

irias ficar feliz. Subi para a segunda carruagem porque...

— Pobrezinho... Já levantado às quatro e meia da manhã,

e ainda por

cima nas férias.

Nunca a tinha sentido tão irónica. Ela abanou a cabeça.

— Sei lá por que razão querias ir a Schwetzingen. Sei lá

por que é que não querias reconhecer-me. É um

problema teu, não meu. E agora, importas-te de te ires

embora?

Não consigo descrever quão indignado eu estava.

— Não é justo, Hanna. Tu sabias, tu tinhas de saber que

eu só apanhei o eléctrico por tua causa. Como é que

podes acreditar que não queria reconhecer-te? Se não quisesse reconhecer-te, não teria apanhado o eléctrico.

— Ora, deixa-me em paz. Já te disse, o que fazes é

problema teu e não

meu.

Tinha-se colocado de tal maneira que a mesa da cozinha

estava entre nós; o seu olhar, a sua voz e os seus gestos

tratavam-me como um intruso e obrigavam-me a ir

embora.

Sentei-me no sofá. Ela tinha-me tratado mal, e eu tinha ido pedir-lhe explicações. Mas nem sequer conseguira começar a explicar-me. Em vez disso, era ela que me atacava. E comecei a ficar inseguro. Talvez ela tivesse razão, não objectiva mas subjectivamente. Será que ela me interpretara mal? Tê-la-ia magoado, ainda que sem intenção; ou, antes pelo contrário, tê-la-ia realmente magoado?

— Lamento, Hanna. Correu tudo mal. Não quis ofender-te, mas parece que...

— Parece? Achas então que parece que me ofendeste? Tu não conseguirias ofender-me mesmo que quisesses. E vais-te finalmente embora, ou não? Venho do trabalho, quero tomar um banho, quero descansar.

Olhou-me de um modo imperativo. Como não me levantei, encolheu os ombros, abriu a torneira da banheira e despiu-se.

Então levantei-me e fui-me embora. Pensei que me ia embora para sempre. Mas meia hora mais tarde estava outra vez diante da sua porta. Ela deixou-me entrar, e eu

assumi a culpa de tudo. Reconheci ter agido de uma maneira inconsciente, sem consideração, egoísta. Compreendia que ela não estivesse ofendida por que eu nunca a conseguiria ofender, mesmo que quisesse. Compreendia que, ainda que eu não conseguisse ofendê-la, o meu comportamento tinha sido intolerável. Por fim, até fiquei feliz quando confessou que eu a magoara. Ou seja, que não lhe fora tão indiferente nem tão insignificante como ela pretendia. — Perdoas-me?

Assentiu com a cabeça.

— Amas-me? Voltou a assentir.

— A banheira ainda está cheia. Vem, eu lavo-te.

Mais tarde, perguntei-me se ela tinha deixado a água na banheira porque sabia que eu voltaria. Se teria tirado a roupa porque sabia que a sua imagem não me sairia da cabeça e que isso me traria de volta. Como se ela tivesse apenas querido ganhar um jogo de poder. Quando acabámos de nos amar, deitados na cama um ao lado do outro, contei-lhe por que entrara na segunda carruagem e não na primeira, e troçou de mim.

— Até no eléctrico queres fazê-lo? Ai, miúdo, miúdo!

Era como se, na realidade, o motivo da nossa discussão não tivesse qualquer importância.

Mas o seu resultado foi importante. Eu não tinha apenas perdido essa discussão. Rendera-me após uma breve luta, quando ela ameaçou repelir-me, privar-me dela. Nas semanas seguintes, nem sequer fiz menção de lutar. Cada vez que ela me ameaçava, eu rendia-me imediatamente sem condições. Assumia todas as culpas. Confessei erros que não tinha cometido, assumi intenções que nunca tivera. Quando ela se tornava fria e dura, suplicava que voltasse a ser boa para mim, que me perdoasse, que me amasse. Tinha por vezes a sensação de que ela própria sofria com a sua frieza e dureza. Como se ansiasse pelo calor das minhas desculpas, protestos e súplicas. Por vezes tinha a sensação de que ela só queria impor-se. Mas, de qualquer maneira, eu não tinha escolha.

Não conseguia falar com ela acerca disso. Falar das nossas discussões só levava a novas discussões. Uma ou duas vezes escrevi-lhe longas cartas. Mas ela não reagia, e quando lhe perguntava se as tinha lido, ela

replicava:

— Já começas outra vez?

11.

Não aconteceu que eu e a Hanna, depois do primeiro dia das férias da Páscoa, não tivéssemos continuado a ser felizes. Pelo contrário, nunca fomos tão felizes como durante aquelas semanas de Abril. Por mais deslocada que fosse a nossa primeira discussão e todas as outras discussões, o certo é que tudo o que nos distraísse do ritual da leitura em voz alta, do banho, do amarmo-nos e do ficarmos deitados um ao lado do outro, fazia-nos bem. Além disso, ao acusar-me de ter feito como se não a conhecesse, comprometera-a. Agora, se eu queria mostrar-me com ela, não tinha o direito de me impedir. Ela não poderia sujeitar-se a ouvir: «Então tu não querias mesmo ser vista comigo». Por isso, na primeira semana depois da Páscoa fomos passear de bicicleta quatro dias a Wimpfen, Amorbach e Miltenberg.

Já não sei o que disse aos meus pais. Que faria a viagem com o meu amigo Matthias? Com um grupo? Que ia visitar um antigo companheiro da escola? Suponho que a

minha mãe ficou preocupada, como sempre, e o meu pai achou, como sempre, que não havia motivo para preocupações. Não acabara eu de passar de ano, coisa que ninguém esperara de mim?

Durante a doença não tinha gasto a mesada, mas não era suficiente para pagar também a despesa da Hanna. Por isso decidi vender a minha colecção de selos na loja de filatelia perto da Igreja do Espírito Santo. Era o único estabelecimento cuja montra anunciava a compra de colecções. O vendedor percorreu os meus álbuns e ofereceu-me sessenta marcos. Fiz-lhe notar o meu tesouro, um selo egípcio sem bordo dentado, com uma pirâmide, que tinha um preço de catálogo de quatrocentos marcos. Ele encolheu os ombros. Se eu estava tão agarrado à colecção, era melhor que ficasse com ela.

Teria autorização para a vender? O que diziam disso os meus pais? Tentei negociar. Se o selo com a pirâmide não era assim tão valioso, eu ficaria com ele. Então ele só poderia dar-me trinta marcos. Então o selo da pirâmide era valioso? No fim, recebi setenta marcos. Senti-me enganado mas isso não me importava.

Não era só eu que tinha febre de viajar. Para meu espanto, também a Hanna estava impaciente dias antes da viagem. Não parava de pensar no que deveria levar e enchia e esvaziava os alforges da bicicleta e a mochila que lhe arranjara. Quando quis mostrar-lhe no mapa o caminho que tinha pensado fazer, não quis ouvir nem ver nada.

— Agora estou excitada de mais. Confio em ti, miúdo.

Partimos na segunda-feira de Páscoa. O sol brilhava, e brilhou durante quatro dias. De manhã estava fresco, durante o dia ficava calor, não demasiado para pedalarmos mas suficientemente quente para comermos ao ar livre. As florestas eram tapetes verdes, com tufos raiados de verde-amarelado, verde-claro, verde-garrafa, verde-azulado e verde escuro. Na planície do Reno algumas árvores de fruto floriam já. As flores tinham acabado de abrir na floresta de Oden.

Muitas vezes pedalávamos ao lado um do outro. Então mostrávamos um ao outro o que íamos vendo: um castelo, um pescador, um barco no rio, uma tenda, uma família caminhando em fila indiana na margem, um carro

americano descapotável. Quando eu queria mudar de direção ou de estrada, tinha de passar para a frente; ela não queria preocupar-se com direções nem com estradas. Quando não havia muito trânsito, umas vezes ela ia atrás de mim, outras ia eu atrás dela. Ela tinha uma bicicleta com raios, pedais e cremalheira tapados, e usava um vestido azul, com uma ampla saia que flutuava ao vento. Demorei um bocado até deixar de temer que a saia ficasse presa nos raios ou na cremalheira, e que ela caísse. Depois, passei a gostar de a ver pedalar à minha frente.

Antes de partirmos, alegrara-me com a antecipação das noites que nos esperavam. Imaginara que nos amaríamos, adormeceríamos, acordaríamos, amar-nos-íamos outra vez, adormeceríamos outra vez, acordaríamos outra vez e assim sucessivamente, noite após noite. Mas acordei apenas na primeira noite. Ela estava deitada com as costas viradas para mim, inclinei-me sobre ela e beijei-a, e ela deitou-se de costas, acolheu-me dentro dela e abraçou-me.

— Meu miúdo, meu miúdo.

Logo a seguir adormeci em cima dela. Nas outras noites dormimos de um sono só, cansados de viajar, do sol e do vento. Amávamo-nos de manhã.

Hanna não me deixou apenas a escolha das direções e das estradas. Encarregou-me de procurar as pensões em que ficávamos, de nos inscrever como mãe e filho — ela limitava-se a assinar — e de escolher a comida nas ementas, não apenas para mim mas também para ela.

— Gosto de não me preocupar com nada.

A única discussão, tivemo-la em Amorbach. Acordei muito cedo, vesti-me em silêncio e saí furtivamente do quarto. Queria trazer o pequeno-almoço para cima e procurar uma florista aberta e comprar-lhe uma rosa. Deixara-lhe um bilhete na mesinha de cabeceira: «Bom dia! Fui buscar o pequeno-almoço, volto já» — ou algo parecido. Ao regressar, ela estava em pé no quarto, meio-vestida, a tremer de raiva, com a cara branca.

— Como é que pudeste ir simplesmente embora sem dizeres nada! Pousei o tabuleiro com o pequeno-almoço e a rosa e tentei abraçá-la.

— Hanna...

— Não me toques.

Ela tinha na mão o delgado cinto de couro com que cingia

o vestido, deu um passo atrás e fê-lo correr na minha

cara. O meu lábio rebentou e senti um sabor a sangue.

Não me magoou. Eu estava muitíssimo assustado. Ela

voltou a levantar a mão.

Mas não tornou a bater-me. Deixou pender a mão e o cinto e começou a chorar. Nunca a tinha visto chorar. O

seu rosto ficava todo deformado. Olhos abertos, boca

aberta, lábios inchados depois das primeiras lágrimas,

manchas vermelhas nas faces e no pescoço, sons

guturais, semelhantes ao grito surdo que emitia quando

nos amávamos. Ela estava ali em pé e olhava-me por

entre as lágrimas.

Deveria tê-la abraçado. Mas não conseguia. Não sabia o

que fazer. Em minha casa não se chorava assim. Não se

batia, nem com a mão e nunca com um cinto de couro.

Falava-se. Mas o que deveria eu dizer?

Ela deu dois passos em direção a mim, atirou-se ao meu

peito, bateu-me com os punhos fechados, agarrou-se a

mim. Pude então abraçá-la. Os seus ombros tremiam, ela batia com a testa no meu peito. Depois, suspirou profundamente e aninhou-se nos meus braços.

— Vamos tomar o pequeno-almoço? Afastou-se de mim.

— Meu Deus, miúdo, como tu estás!

Foi buscar uma toalha húmida e limpou-me a boca e o queixo.

— E a tua camisa está cheia de sangue.

Tirou-me a camisa, depois as calças e depois despiu-se, e amámo-nos.

— O que é que realmente se passou? Por que é que estavas tão furiosa?

Estávamos deitados ao lado um do outro, tão satisfeitos e contentes que pensei que agora tudo iria esclarecer-se.

— O que é que se passou, o que é que se passou...

Fazes sempre perguntas tão tolas! Tu não podias simplesmente ir-te assim embora.

— Mas eu até te deixei um papel...

— Um papel?

Sentei-me. Já não estava ali, na mesa de cabeceira, onde eu o tinha deixado. Levantei-me, procurei-o ao lado e

debaixo da mesa de cabeceira, debaixo da cama, dentro

da cama. Não o encontrei.

— Não compreendo. Eu escrevi-te um recado num papel dizendo que ia buscar o pequeno-almoço e que voltava

logo.

— Sim? Não vejo nenhum papel.

— Não acreditas em mim?

— Gostaria muito de acreditar em ti. Mas não vejo

nenhum papel.

E assim acabou a discussão. Teria o papel sido levado

por uma corrente de ar para algum lado, ou para nenhum

lado? Teria sido um mal-entendido: a sua ira, o meu lábio

rebentado, a sua cara convulsa, o meu desamparo?

Deveria ter continuado a procurar o papel, a causa da ira

da Hanna, a causa do meu desamparo?

— Lê-me um bocadinho, miúdo! — Ela encostou-se a

mim, e eu peguei no Taugenichts de Eichendorff e

continuei onde ficara da última vez. Taugenichts era um

livro fácil para ler alto, mais fácil do que Emílio, Galotti e

Intriga e Amor. Hanna seguia outra vez com um interesse

tenso. Gostava dos poemas intercalados na narrativa.

Gostava dos disfarces, dos equívocos, do enredo e das ciladas em que o herói se envolve em Itália. Ao mesmo tempo, levava-lhe a mal que fosse um vagabundo, que não fizesse nada, que não soubesse fazer nem quisesse aprender nada. Oscilava entre esses sentimentos e, mesmo horas depois de eu ter terminado a leitura, poderia fazer perguntas: «Qual é o mal de ser empregado da Alfândega?».

Uma vez mais, tornei a espraiar-me tanto no relato da nossa discussão que também quero falar da nossa felicidade. A discussão tornou a nossa relação mais íntima. Eu tinha-a visto chorar, a Hanna que chorava era-me mais próxima do que a Hanna que apenas era forte. Começou a mostrar um lado mais doce, que eu desconhecia. Não parou de observar e de tocar suavemente o meu lábio rebentado, até que sarou.

Começámos a amar-nos de outra maneira. Durante muito tempo tinha-me deixado levar por ela, pela sua maneira de me possuir. Depois aprendi também a possuí-la. Durante, e depois da nossa viagem, começámos a amar-nos de uma maneira que ultrapassava a simples posse

um do outro.

Tenho um poema que escrevi então. Como poema, não vale nada. Nesse tempo, gostava muito de Rilke e de Benn, e reconheço que queria imitar ambos ao mesmo tempo. Mas reconheço também como estávamos próximos. Aqui está o poema:

Quando nos abrimos tu a mim e eu a ti,
quando mergulhamos tu em mim e eu em ti,
quando perecemos tu em mim e eu em ti.
Apenas então eu sou eu e tu és tu.

12.

Não tenho memória das mentiras que contei aos meus pais por causa da viagem com a Hanna, mas lembro-me do preço que tive de pagar para poder ficar sozinho em casa durante a última semana de férias. Já não sei para onde viajaram os meus pais, a minha irmã mais velha e o meu irmão mais velho. O problema era a minha irmã mais nova. Ela tinha que ir para casa de uma amiga. Mas se eu ficasse em casa, ela também quereria ficar em casa comigo. Isto não o queriam os meus pais. Por isso, eu também teria que ir para casa de um amigo.

Hoje, acho notável que os meus pais estivessem dispostos a deixar que um rapaz de quinze anos ficasse sozinho em casa durante uma semana. Teriam eles notado a autossuficiência que nascera em mim ao conhecer a Hanna? Ou limitaram-se a registar que eu passara de ano apesar dos meses da doença, tendo concluído que me tornara mais responsável e digno de confiança do que até então deixara transparecer?

Também não me lembro de alguma vez ter sido obrigado

a prestar contas das muitas horas que então passava com a Hanna. Os meus pais pareciam acreditar que eu,

novamente saudável, queria passar muito tempo com os

amigos, que estudava e preenchia o meu tempo livre com

eles. Para além disso, ter quatro filhos é obra, não

podendo os pais estar atentos a todos ao mesmo tempo,

mas concentrando-se naquele que cria mais problemas

num determinado momento. Eu criara problemas durante

demasiado tempo; os meus pais estavam aliviados por

me verem curado e com o ano aprovado.

Quando perguntei à minha irmã mais nova o que é que

ela queria em troca de ter que ir para casa da amiga

enquanto eu ficava em casa, exigiu calças de ganga,

dizíamos então blue jeans ou calças cravadas, e um nicki,

um pullover aveludado. Pareceu-me razoável. Naquele

tempo, os jeans ainda eram algo de especial, estavam

muito na moda, e para além disso prometiam a libertação

da roupa com padrão de «espinhas de peixe» e de

vestidos de tecidos estampados com grandes flores. Tal

como eu tinha que usar a roupa do meu tio, a minha irmã

mais nova tinha que vestir a roupa da mais velha. Mas eu

não tinha dinheiro.

— Então rouba-os! — exclamou a minha irmã mais nova, olhando-me indiferente.

Foi incrivelmente fácil. Experimentei vários jeans, levei para o gabinete de prova também um par com o tamanho dela, e saí da loja com eles enrolados em volta da barriga, por debaixo das largas calças de fazenda. O nicki, roubei-o num dos grandes armazéns. Um dia, a minha irmã e eu vagueámos na secção de moda feminina, de quiosque em quiosque, até encontrarmos o quiosque certo e o nicki certo. No dia seguinte, atravessei a secção com passos largos e apressados, agarrei no pullover, escondi-o por debaixo do casaco e saí. Um dia depois, roubei uma camisa de dormir de seda para a Hanna, mas fui visto pelo segurança e corri como se defendesse a minha vida — safei-me com muito esforço. Estive anos sem voltar a entrar naqueles grandes armazéns.

Depois daquelas noites, as que passámos juntos durante a viagem, todas as noites ansiava por a sentir ao meu lado, aninhar-me nela, a minha barriga no seu rabo e o meu peito nas suas costas, pôr a mão nos seus peitos,

procurá-la com o braço ao acordar de noite, encontrá-la, passar uma perna por cima das suas e pressionar o meu rosto no seu ombro. Uma semana sozinho em casa significava sete noites com a Hanna.

Uma tarde, convidei-a e cozinhei para ela. Lembro-me dela em pé na cozinha quando eu acabava de dar os últimos retoques na comida. Diante da porta de correr, entre a sala de jantar e a sala de estar, quando eu trazia a comida. Sentada à mesa redonda, no lugar onde o meu pai habitualmente se sentava. Observava tudo em redor. O seu olhar tocava tudo, os móveis de estilo Biedermeier, o piano de cauda, o velho relógio de pé, os quadros, as estantes com os livros, os pratos e os talheres na mesa. Deixei-a sozinha para acabar de fazer a sobremesa, e quando voltei não estava sentada à mesa. Tinha ido de um quarto para o outro e estava em pé no escritório do meu pai. Encostei-me silenciosamente à ombreira da porta e observei-a,. Ela deixou vaguear o olhar pelas estantes que forravam as paredes, como se lesse um texto. Depois dirigiu-se para uma estante, passou lentamente o indicador da mão direita, à altura do peito,

pelas lombadas dos livros, foi para a outra estante, continuou a passar o dedo, lombada a lombada, e percorreu toda a divisão. Ficou parada à janela, olhou para a escuridão, para o reflexo das estantes e para o seu reflexo.

É uma das imagens que me ficaram da Hanna.

Memorizei-as, consigo projetá-las numa tela interior e olhá-las, imutáveis, sem desgaste. Por vezes não penso nelas durante muito tempo. Mas acabam sempre por me voltar ao pensamento, e pode então acontecer ter de as projetar repetidamente umas atrás das outras na minha tela interior, e ter que as olhar. Uma delas é a Hanna que calça as meias na cozinha. Outra é a Hanna em pé diante da banheira, segurando o toalhão com os braços afastados. Uma outra é a Hanna de bicicleta, com a saia flutuando ao vento. Depois, a imagem da Hanna no escritório do meu pai, com um vestido de riscas azuis e brancas, o que se chamava na altura um vestido camiseiro. Fá-la parecer mais nova. Passou o dedo pelas lombadas dos livros e olhou para fora da janela. Agora volta-se para mim, suficientemente depressa para que a

sua saia baile por um breve momento em volta das pernas, antes de tornar a ficar pendurada, direita. Tem um olhar cansado.

— Todos estes livros foram escritos pelo teu pai, ou ele apenas os leu? Eu sabia de um livro escrito pelo meu pai sobre Kant, e de um outro

sobre Hegel; procurei-os, encontrei-os e mostrei-lhos.

— Lê-me um bocadinho. Não queres, miúdo?

— Eu...

Não me apetecia, mas também não queria contrariá-la. Peguei no livro do meu pai sobre Kant e li alto uma passagem acerca de analítica e dialéctica, que nem eu nem ela compreendemos.

— Chega?

Olhou-me como se tivesse compreendido tudo, ou como se não importasse o que se compreende e o que não se compreende.

— Um dia também irás escrever este tipo de livros?

Abanei a cabeça.

— Irás escrever outro tipo de livros?

— Não sei.

— Vais escrever peças de teatro?

— Não sei, Hanna.

Assentiu com a cabeça. Depois comemos a sobremesa e

fomos para casa dela. Gostaria muito de ter dormido com

ela na minha cama, mas ela não quis. Sentia-se uma

intrusa em minha casa. Não o disse por palavras, mas

pela maneira como estava em pé na cozinha ou perto da porta de correr, como foi de quarto em quarto, como

percorreu os livros do meu pai e como estivera sentada à

mesa de jantar.

Ofereci-lhe a camisa de dormir de seda. Era da cor das

beringelas, tinha mangas curtas, deixava os ombros e os

braços livres e chegava aos tornozelos. Brilhava e

refulgia. Hanna gostou muito, riu-se e ficou feliz. Olhou-se

de alto a baixo, voltou-se, dançou alguns passos, olhou-

se no espelho, contemplou brevemente o seu reflexo e

continuou a dançar. Também esta é uma imagem que me

ficou da Hanna.

13.

Sempre senti o começo de um ano lectivo como um corte no tempo. A mudança do sexto para o sétimo ano trouxe uma modificação especialmente incisiva. A minha turma foi desfeita e distribuída por três turmas. Muitos alunos não tinham conseguido passar o fosso do Ciclo para o Liceu e, assim, quatro pequenas turmas foram concentradas em três grandes.

O liceu que eu frequentava, fora exclusivamente masculino durante muito tempo. Quando começou a admitir também raparigas, estas eram tão poucas que não foram distribuídas igualmente pelas turmas paralelas, mas concentradas numa só; mais tarde, em duas ou três, até que constituíram um terço do total de alunos. Nesse ano não havia raparigas suficientes para que algumas fossem destinadas à minha antiga turma. Éramos a quarta turma paralela, uma turma exclusivamente masculina. Por essa razão, foi dissolvida e dividida, o que não aconteceu a nenhuma das outras três.

Apenas soubemos disso no princípio do novo ano lectivo.

O reitor reuniu-nos numa sala de aulas e explicou-nos que a nossa turma fora extinta e a maneira como tínhamos sido distribuídos. Juntei-me a seis companheiros e dirigi-me pelos corredores vazios para a nova sala de aula. Ficámos com os lugares que sobravam; eu sentei-me na segunda fila. Eram lugares separados, mas dois a dois, e divididos em três filas. Fiquei sentado na do meio. À minha esquerda tinha um colega da minha antiga turma, Rudolf Bargen, um rapaz calmo, bastante entroncado, jogador de xadrez e de hóquei, em quem se podia confiar e com o qual pouco contacto tivera antes, mas que em breve iria tornar-se um bom amigo. À minha direita, do outro lado do corredor, estavam sentadas as raparigas.

A minha vizinha era a Sophie. Cabelos castanhos, olhos castanhos, bronzeada pelo sol, com pelinhos dourados nos braços nus. Quando me sentei e olhei em volta, ela sorriu-me. Retribuí-lhe o sorriso. Sentia-me bem, alegrava-me com o início das aulas, com a minha nova turma, e com as raparigas. Tinha observado os meus companheiros do sexto ano: com ou sem raparigas na

turma, eles tinham medo delas, evitavam-nas e gabavam-se à frente delas, ou adoravam-nas. Eu conhecia as mulheres e sabia como comportar-me e ser amigo. As raparigas gostavam disso. Na nova turma, eu iria entender-me bem com elas, e por isso iria ser bem recebido pelos rapazes.

Sentir-se-ão todos assim? Quando era novo, sentia-me sempre demasiado confiante ou demasiado inseguro. Ou achava que era um ser totalmente incapaz, insignificante e inútil, ou acreditava que era um ser sobredotado, a quem tudo saía obrigatoriamente bem. Quando me sentia seguro, ultrapassava as maiores dificuldades. Mas bastava o mais pequeno fracasso para me convencer da minha inutilidade. O recuperar da segurança nunca era resultado do sucesso; todo o sucesso ficava lastimavelmente muito aquém de tudo o que esperava do meu rendimento e esperava sempre que os outros me reconhecessem. E, dependendo do modo como me sentia, assim o meu sucesso me dava orgulho ou me parecia insuficiente. Com a Hanna, senti-me bem durante semanas — apesar das nossas discussões, apesar de ela

me evitar e de me humilhar repetidamente. E assim, também aquele Verão começou bem na nova turma. Revejo a sala de aula: à frente, à direita, a porta; na parede do mesmo lado, a régua de madeira com os cabides; à esquerda, uma série de janelas com vista para o Heiligenberg, e, quando estávamos à janela durante o recreio, víamos em baixo a estrada, o rio e os prados da outra margem; à frente o quadro, o cavalete de suporte dos mapas e os diagramas e a mesa e a cadeira do professor sobre um estrado com um pé de espessura. As paredes estavam pintadas com tinta de óleo amarela até à altura da cabeça, e por cima de branco; do tecto pendiam duas lâmpadas esféricas, leitosas. A sala não tinha nada de supérfluo, nem quadros, nem plantas, nem um lugar sobrante, nem um armário com livros e cadernos esquecidos ou giz de cor. Quando o olhar vagueava, vagueava para fora da janela ou furtivamente para a vizinha ou para o vizinho. Quando Sophie notava que eu a observava, encarava-me e sorria-me.

— Berg, o facto de o nome Sophia ser grego, não é motivo para estudar a sua vizinha durante as aulas de

Grego. Traduza!

Estávamos a traduzir A Odisseia. Tinha-a lido em alemão, adorara-a e ainda hoje a adoro. Quando chegava a minha vez, precisava apenas de segundos para me situar e começar a traduzir. Quando o professor fez troça de mim e da Sophie e a turma acabou de rir, gaguejei por causa de outra coisa. Nausica, igual aos imortais em conhecimento e aparência, virginal e com os braços pálidos — deveria ver nela a Hanna ou a Sophie? Não podia ser as duas ao mesmo tempo.

14.

Quando os motores dos aviões param por avaria, isso não é o fim do voo. Os aviões não caem do céu como pedras. Os enormes aviões de passageiros, com vários motores, continuam a deslizar durante meia hora ou três quartos de hora para depois se esmagarem ao tentarem aterrar. Os passageiros não notam nada. Voar com os motores parados não parece diferente de voar com eles a funcionar. É mais silencioso, mas só um pouco mais silencioso: mais barulhento que os motores é o vento que se quebra na fuselagem e nas asas. Num momento

qualquer, ao olhar pela janela, a terra ou o mar estão ameaçadoramente próximos, a não ser que as hospedeiras e os hospedeiros tenham fechado as cortinas para pôr um filme a correr. Talvez os passageiros sintam que esse voo, um pouco mais silencioso, é especialmente agradável.

Aquele Verão foi o voo planado do nosso amor. Ou melhor, do meu amor pela Hanna; não sei nada sobre o amor dela por mim.

Mantivemos o nosso ritual de leitura, duche, amar e ficarmos deitados ao lado um do outro. Li Guerra e Paz, com todas as exposições de Tolstoi sobre a História, os grandes homens, a Rússia, o Amor e o Casamento — devem ter sido quarenta ou cinquenta horas. Como sempre, a Hanna seguiu tensamente o desenrolar do livro. Mas já não era como antes: ela calou-se com os seus juízos, não tornou Natacha, Andrej ou Pierre em parte do seu mundo como havia feito com Luise e Emília; agora era ela que entrava no mundo das personagens, com o assombro com que se faz uma viagem para longe ou se percorre um castelo onde nos é permitido entrar,

onde nos podemos demorar, com o qual nos familiarizamos sem contudo perdermos totalmente o receio. Até então, tinha-lhe lido o que eu já conhecia antes. Mas Guerra e Paz também era novo para mim. Fizemos juntos a longa viagem.

Pensámos em nomes carinhosos um para o outro. Ela começou por não me tratar apenas por miúdo, mas também por rã ou por sapo, cachorrinho, seixo ou rosa, com diversos atributos e diminutivos. Eu continuei a chamar-lhe Hanna, até que ela um dia me perguntou:

— Em que animal pensas quando me tens nos braços? Fecha os olhos e pensa num animal.

Fechei os olhos e pensei em animais. Estávamos deitados muito juntos, a minha cabeça no seu pescoço, o meu pescoço nos seus seios, o meu braço direito debaixo dela e das suas costas e o esquerdo sobre o seu rabo. Acariciei com os braços e com as mãos as suas costas largas, as suas coxas duras, as suas nádegas firmes, e senti os seus seios e a sua barriga no pescoço e no peito. Sentia a sua pele lisa e macia e debaixo dela adivinhava-se o seu corpo enérgico e familiar. Quando a minha mão

pousou na sua nádega, senti um estremecimento dos músculos. Fez-me pensar no tremer da pele com que os cavalos tentam enxotar as moscas.

— Num cavalo.

— Num cavalo?

Separou-se de mim, endireitou-se e encarou-me. Olhou-me horrorizada.

— Não gostas? Cheguei a essa conclusão porque é tão bom sentir-te lisa e macia e, ao mesmo tempo, firme e familiar. E porque a tua nádega estremece.

Expliquei-lhe a minha associação de ideias. Ela observou o estremecer das suas nádegas.

— Um cavalo... — ela abanou a cabeça— ...não sei...

Isto era estranho nela. Ela era normalmente muito clara; as coisas, ou lhe pareciam bem ou lhe pareciam mal. Sob o seu olhar horrorizado, estive pronto, se isso fosse necessário, a voltar atrás em tudo, a acusar-me e a pedir-lhe desculpa. Mas daquela vez tentei reconciliá-la com a ideia do cavalo.

— Eu podia chamar-te cheval ou arre, cavalinho ou eguinha ou Bucefalazinha. Quando penso em cavalo, não penso em dentes de

cavalo ou em cabeça de burro ou em
qualquer outra coisa que não te agrade, mas sim em algo bom, quente, macio, forte. Tu não és nenhuma coelhinha ou gatinha, ou tigre: aí está algo, algo mau, que tu também não és.

Ela deitou-se de costas, os braços debaixo da cabeça. Endireitei-me e olhei-a. O seu olhar estava perdido no vazio. Depois de um bocado, virou a cara para mim com uma expressão de singular ternura.

— Sim, eu gosto que me chames cavalo, e também dos outros nomes de cavalos. Explicas-me os nomes?

Uma vez fomos juntos ao teatro a uma cidade próxima e vimos «Intriga e Amor». Era a primeira vez que a Hanna entrava num teatro — gostou de tudo, da representação e do champanhe no intervalo. Coloquei o braço à volta da sua cintura e não me importei com o que as pessoas pensassem de nós. Tive orgulho em não me importar. Mas ao mesmo tempo sabia que no teatro da minha cidade isso não me seria indiferente. Sabê-lo-ia ela também?

Ela sabia que durante o Verão a minha vida já não girava

apenas em torno dela, da escola e do estudo. Passava cada vez com mais frequência pela piscina antes de ir ter com ela ao fim da tarde. Encontrava-me ali com os companheiros e companheiras da escola, fazíamos juntos os trabalhos de casa, jogávamos futebol e voleibol e às cartas e namoriscávamos. Ali se desenrolava a vida social da turma e, para mim, isso tinha muita importância: estar presente e participar nela. O facto de, dependendo do trabalho da Hanna, eu chegar mais tarde do que os outros ou ir-me embora mais cedo, não era prejudicial para a minha imagem; antes pelo contrário, tornava-me interessante. Eu tinha consciência disso. Também sabia que não perdia nada; contudo, tive muitas vezes a sensação de que iria passar-se algo — sabe Deus o quê — exatamente quando eu não estivesse presente.

Durante muito tempo não me atrevi a formular a pergunta: será que eu preferia estar na piscina em vez de estar em casa da Hanna? Mas em Julho, no meu dia de anos, fizeram-me uma festa na piscina e tive que insistir muito para me deixarem ir embora. E quando cheguei a casa da Hanna, fui acolhido por uma Hanna esgotada e muito mal

disposta. Não sabia que eu fazia anos. Quando lhe perguntei pelo seu aniversário e ela me respondeu que era no dia 21 de Outubro, não me perguntou quando era o meu. Também não estava mais mal disposta do que era o seu costume quando estava exausta. Mas a mim arreliava-me a sua má disposição, e apeteceu-me estar longe, na piscina, com os colegas de turma, com a ligeireza das nossas conversas, gracejos, jogos e namoricos. Também eu reagi com má disposição, e acabámos por discutir. Então, a Hanna adoptou novamente a táctica de me ignorar. Voltou o medo de a perder e humilhei-me e pedi-lhe que me desculpasse até que se dignou aceitar-me. Mas sentia-me cheio de rancor.

15.

Foi quando comecei a atraiçoá-la. Não que tivesse revelado os seus segredos ou a tivesse comprometido. Não contei nada que devesse ter calado. Pelo contrário, calei o que deveria ter contado. Soneguei a Hanna. Sei que sonegar alguém é uma variação discreta da traição. Por fora, não é possível ver se se está a sonegar alguém, ou apenas a usar de discrição, a ser respeitador, a evitar situações delicadas e aborrecimentos. Mas aquele que sonega sabe muito bem o que está a fazer. E do mesmo modo, o sonegar é tão grave numa relação como outras formas mais espetaculares de traição.

Já não sei quando soneguei a Hanna pela primeira vez. Da camaradagem nas tardes de Verão na piscina desenvolveram-se amizades. Além do meu vizinho de carteira, que já conhecia da antiga turma, gostava muito de Holger Schluter, que também se interessava como eu por História e Literatura e com quem estabeleci rapidamente uma relação de confiança. O mesmo aconteceu com Sophie, que vivia a poucas ruas da minha casa e com a qual percorria parte do caminho para a

piscina. Primeiro disse a mim mesmo que a confiança que tinha nos amigos ainda não era suficiente para que pudesse falar-lhes de Hanna. Depois, nunca surgia a ocasião apropriada, a hora apropriada, a palavra apropriada. Por fim, era já demasiado tarde para falar acerca dela, apresentá-la juntamente com outros segredos de juventude. Dizia para mim mesmo que, se falasse agora sobre ela, iria despertar uma impressão errada; eu havia calado durante tanto tempo a nossa relação que os outros pensariam que era porque me envergonhava de Hanna e por ter a consciência pesada. Mas eu sabia que estava a iludir-me, sabia que a atraiçoava ao fingir que contava aos amigos tudo o que era importante na minha vida, e sonegava a Hanna.
Eles apercebiam-se de que eu não era totalmente sincero, o que não melhorava a situação. Uma tarde, durante o regresso a casa, eu e a Sophie fomos surpreendidos por uma chuvada e abrigámo-nos no Neuenheimer Feld debaixo do alpendre de uma casa de arrumos; nesse tempo ainda não existiam ali os edifícios da Universidade, mas sim campos e hortas. Caíam raios

e trovejava, choviam gotas espessas, grossas. Ao mesmo tempo, a temperatura desceu uns cinco graus. Estávamos cheios de frio e eu pus o braço em volta dela.

— Ouve!

Ela não estava a olhar para mim, mas para fora, para a chuva.

— Sim?

— Estiveste doente com icterícia durante muito tempo. É isso que te dá tanto que fazer? Tens medo de nunca mais voltares a estar totalmente são?

. Os médicos disseram-te alguma coisa? E tens que ir todos os dias à clínica para purificar o sangue ou para receberes transfusões?

A Hanna como doença. Envergonhei-me. Mas não podia falar dela.

— Não, Sophie. Já não estou doente. Os valores do meu fígado são normais, e dentro de um ano até posso beber álcool se quiser, mas não quero. O meu...

Não queria referir-me a Hanna como um problema: o meu problema é a Hanna.

— O motivo por que chego mais tarde ou me vou embora

mais cedo é outro.

— Não queres falar sobre isso, ou queres falar mas não sabes como? Não queria, ou não sabia como? Eu próprio não o sabia dizer. Mas

enquanto estávamos ali, debaixo do barulho da chuva, dos raios, dos trovões claros e muito próximos, ao estarmos ali, ambos com frio e aquecendo-nos um pouco um ao outro, tive a sensação de que teria de falar a Sophie, precisamente a Sophie, acerca da Hanna.

— Talvez consiga falar sobre isso num outro dia. Mas esse dia nunca chegou.

16.

Nunca soube o que a Hanna fazia quando não estava a

trabalhar nem estava comigo. Se lhe perguntava,

ignorava a pergunta. Não tínhamos uma vida em comum;

limitava-se a conceder-me no seu mundo o lugar que ela

escolhia. Tinha de me conformar com isso. Se queria ter

mais ou apenas saber mais, era um atrevimento. Às

vezes, quando nos sentíamos particularmente felizes

juntos, e eu perguntava, levado pela impressão de que

agora tudo era possível e permitido, então poderia acontecer que ela evitasse a minha pergunta em vez de a

repelir.

— Tanto que queres saber, miúdo!

Ou pegava na minha mão e colocava-a sobre a sua

barriga. — Queres que ela fique furada?

Ou contava pelos dedos.

— Tenho de lavar a roupa, tenho de passar a ferro, tenho

de varrer, tenho de lavar, tenho de fazer compras, tenho

de cozinhar, tenho de sacudir as ameixas, contá-las,

trazê-las para casa e cozê-las rapidamente, senão o

pequeno come-as — agarrava no dedo mindinho da

esquerda entre o polegar direito e o indicador— ...senão o pequeno come-as sozinho.

Também nunca a encontrei por acaso na rua ou numa loja ou no cinema onde, como contava, ia com prazer e com frequência, e onde eu quis ir com ela nos primeiros meses, mas ela não. Por vezes falávamos acerca de filmes que ambos tínhamos visto. Estranhamente, ela ia ao cinema sem escolher o filme e via tudo, desde filmes alemães de guerra e folclóricos até à nouvelle vague, e eu gostava do que vinha de Hollywood, tanto me fazia se se passavam na Roma Antiga ou no Velho Oeste.

Gostávamos de maneira especial de um filme de cowboys em que Richard Widmark faz o papel do xerife que tem que disputar um duelo, na manhã seguinte, sem nenhuma possibilidade de o ganhar, e que ao anoitecer bate à porta da Dorothy Malone, que em vão o tinha aconselhado a fugir. Ela abre a porta: «O que queres agora? A tua vida inteira numa noite?».

A Hanna às vezes troçava de mim quando ia a casa dela e estava cheio de desejo.

— O que queres? A tua vida inteira numa hora?

Só vi a Hanna uma vez sem termos combinado. Foi no fim de Julho ou no começo de Agosto, nos últimos dias antes das férias grandes.

Hanna estava já há dias com uma estranha disposição, caprichosa e autoritária; ao mesmo tempo, sentia que estava sob tensão, que qualquer coisa a atormentava muitíssimo e a tornava mais sensível, mais susceptível do que era habitual. Via-a tentar controlar-se, ensimesmada, como se tivesse que evitar rebentar debaixo daquela tensão. Perguntei-lhe o que a afligia e ela reagiu rudemente. Não consegui entender-me com ela. Ainda assim, sentia não só a minha rejeição mas também o seu desamparo, e tentei estar ao lado dela e ao mesmo tempo deixá-la em paz. Um dia, a tensão desapareceu. Primeiro pensei que a Hanna voltara a ser a mesma de sempre.

Não tínhamos começado a ler um novo livro depois de Guerra e Paz; como eu prometera ocupar-me disso, trouxera vários livros para escolha.

Mas ela não quis.

— Deixa-me dar-te banho, miúdo.

Não era o calor sufocante do estio que havia pousado

sobre mim como uma rede pesada quando entrei na cozinha. Hanna tinha ligado a caldeira de aquecer a água. Deixou a água correr, juntou umas gotas de alfazema e lavou-me. O avental azul-pálido e florido, debaixo do qual não trazia nenhuma roupa interior, colava-se ao seu corpo suado, no ar quente e húmido. Excitou-me muito. Quando nos amámos, tive a sensação de que queria dar-me sensações nunca antes sentidas, até que não pudesse aguentar mais. Também ela se deu como nunca se dera antes. Nunca deixou de se conter, nunca deixou de ter reservas. Mas foi como se quisesse afogar-se comigo.

— Agora, vai ter com os teus amigos.

Despediu-se de mim, e eu fui-me embora. O calor jazia entre as casas, sobre os campos e jardins e brilhava no asfalto. Sentia-me atordoado. Na piscina, a gritaria das crianças a brincarem e a saltarem para dentro de água agredia os meus ouvidos como se eu viesse de um lugar longínquo. Encontrava-me no mundo como se ele não me pertencesse e como se eu não lhe pertencesse.

Mergulhei na água leitosa, cheia de cloro, e não tive vontade de voltar a emergir. Estava deitado ao lado dos outros, ouvia-os e achava

ridículo e insignificante aquilo
de que eles falavam.
Num determinado momento, o ânimo modificou-se. Num determinado momento, voltou a ser uma tarde normal na piscina, com os trabalhos de casa e o vólei e as conversas e os namoricos. Não me recordo do que fazia no momento em que levantei os olhos e a vi.
Ela estava à distância de vinte ou trinta metros, em calções e com a blusa atada com um nó à cintura, e olhava-me. Retribuí-lhe o olhar. Àquela distância não conseguia ver a expressão do seu rosto. Não me levantei de um salto, nem corri para ela. Vieram-me à cabeça uma série de perguntas: a razão da sua presença na piscina; se me queria ver e se queria ser vista comigo; o facto de nunca nos havermos encontrado por acaso; o que deveria fazer. Depois levantei-me. No breve instante em que tirei o olhar dela, foi-se embora.
Hanna em calções e blusa atada com um nó à cintura, olhando-me com uma cara que eu não consigo perceber — esta é também uma imagem que me ficou dela.

17.

No dia seguinte desapareceu. Cheguei a casa dela à hora habitual e toquei à campainha. Olhei através do vidro da porta, tudo parecia como de costume, e ouvia o tiquetaque do relógio.

Uma vez mais, sentei-me nos degraus. Nos primeiros meses, sabia sempre em que turnos ela estava, embora nunca mais tivesse tentado apanhar o eléctrico ou ir buscá-la à saída do trabalho. A partir de certa altura deixei de lhe perguntar, já não me interessava. Só agora me apercebia disso.

Telefonei para a Companhia dos Eléctricos da cabina telefónica da Wilhelmsplatz; depois de falar com várias pessoas, fui informado que Hanna Schmitz não tinha ido trabalhar naquele dia. Voltei para a Rua da Estação, perguntei pelo proprietário da casa na oficina do pátio e deram-me um nome e uma morada de Kirchheim. Fui lá.

— A senhora Schmitz? Mudou-se hoje de manhã.

— E os móveis?

— Os móveis não são dela.

— Há quanto tempo morava nesse andar?

— O que é que tem a ver com isso?

A mulher fechou o postigo da porta pelo qual falara comigo. No edifício da administração da Companhia dos Eléctricos perguntei pela Secção de Pessoal. O responsável foi simpático e compreensivo.

— Ela telefonou hoje de manhã, a tempo de conseguirmos organizar a sua substituição, e disse que já não voltaria. Nunca mais.

Abanou a cabeça.

— Ainda há catorze dias esteve aqui sentada, nessa cadeira, e eu propus-lhe formá-la como condutora, e ela assim deita tudo a perder.

Só dias mais tarde me lembrei de ir ao Registo Civil. Tinha-se mudado para Hamburgo, sem deixar nova morada.

Estive doente durante vários dias. Tive cuidado para que os meus pais e irmãos não dessem por isso. À mesa, conversava pouco, comia pouco e, quando ficava agoniado, conseguia arrastar-me até à casa de banho. Ia à escola e à piscina. Passava ali as minhas tardes, num canto afastado onde ninguém me procurava. O meu corpo

sentia a falta da Hanna. Mas o meu sentimento de culpa era pior do que a saudade do seu corpo. Por que é que eu, quando ela esteve ali em pé, não me tinha levantado de um salto e correra para ela? Aquela brevíssima situação converteu-se para mim no símbolo do meu desinteresse por ela nos últimos meses, era o motivo por que a tinha sonegado, atraiçoado. Como castigo, ela fora-se embora.

Por vezes, tentava convencer-me de que não tinha sido ela quem eu vira. Como poderia estar certo de que era ela quando não conseguia distinguir bem o rosto? Se fosse ela realmente, não era forçoso que a tivesse reconhecido? Por isso, era evidente que não podia ser ela?

Mas eu sabia muito bem que era ela. Ela estava em pé e viu — e agora era demasiado tarde.

SEGUNDA PARTE

1.

Depois de a Hanna ter partido, demorou um certo tempo até eu deixar de a procurar com os olhos por todo o lado, até me ter habituado a que as tardes tivessem perdido a forma, até voltar a olhar e abrir um livro sem me perguntar se seria apropriado para ser lido em voz alta. Demorou um certo tempo até que o meu corpo deixasse de ter saudades do seu; por vezes, notava como os meus braços e pernas tacteavam à sua procura enquanto dormia, e o meu irmão contou mais do que uma vez à mesa que eu chamara por uma «Hanna» durante o sono. Também me lembro das aulas em que só sonhava com ela, em que só pensava nela. O sentimento de culpa que me atormentara nas primeiras semanas, dissolveu-se. Comecei a evitar a sua casa, a escolher outros caminhos, e meio ano mais tarde a minha família mudou-se para outro bairro. Não que me tivesse esquecido da Hanna. Mas a partir de um certo momento a sua recordação parou de me acompanhar para todo o lado. Ficou para trás, como fica uma cidade quando o comboio parte. Ela

está lá, algures atrás das nossas costas, e poder-se-ia apanhar outro comboio, voltar lá e assegurarmo-nos disso. Mas para quê?

Recordo os últimos anos do Liceu e os primeiros da Universidade como anos felizes. Mas, ao mesmo tempo, não tenho grande coisa para contar sobre eles. Foram anos sem esforço; o abitur(1) e o curso de Direito, escolhido ao acaso, não me custaram; fazer amizades (relacionar-me com mulheres e separar-me delas) não me custou muito; nada me custou muito. Tudo me era fácil, tudo era ligeiro.

Talvez por essa razão o pacotinho das recordações seja tão leve. Ou será

apenas que o considero leve? Pergunto-me igualmente se todas aquelas recordações felizes são verdadeiras.

Quando penso um pouco mais nesse tempo, começo a recordar bastantes episódios repletos de vergonha e de dor. Sei que consegui despedir-me da recordação da Hanna, mas nunca ultrapassei esse facto. Depois dela, nunca mais me deixaria humilhar nem humilharia ninguém; nunca faria alguém sentir-se culpado, nem me

fariam sentir culpado; nunca mais amaria tanto alguém que me fizesse sofrer tanto a sua perda: nesse tempo, não pensava em tudo isto com clareza, mas com toda a certeza que o sentia.

Habituei-me a uma atitude de superioridade e fanfarronice, esforçava-me por parecer insensível a tudo, impossível de abalar ou confundir. Não estava disposto a fazer qualquer concessão, e lembro-me de um professor que se apercebeu disso e me falou no assunto — despachei-o de um modo arrogante.

Lembro-me de Sophie. Pouco tempo depois de a Hanna ter deixado a cidade, diagnosticaram-lhe tuberculose. Passou três anos num sanatório; quando voltou, eu havia entrado há pouco para a Universidade. Ela sentia-se só, procurou estabelecer contacto com os velhos amigos, e não tive dificuldade em penetrar no seu coração. Depois de termos dormido juntos, notou que eu não estava verdadeiramente interessado nela, e disse-me, lavada em lágrimas:

— O que é que te aconteceu? O que é que te aconteceu?

Lembro-me do meu avô, que me queria dar a bênção

antes de morrer e a quem expliquei que não acreditava nessas coisas e que para mim isso não tinha importância. Que me tenha sentido bem depois deste comportamento, é algo que hoje me custa a imaginar. Também me lembro que sentia um nó na garganta quando via qualquer pequeno gesto de carinho, fosse para mim ou para outra pessoa. Por vezes, bastava uma cena num filme. Esta parceria entre frieza e sensibilidade parecia-me bastante suspeita, até para mim próprio.

2.

Voltei a ver a Hanna na sala do tribunal. Não era o primeiro processo de criminosos de guerra, nem sequer um dos mais importantes. O professor, um dos poucos que então trabalhava o passado nazi e os respectivos processos judiciais, escolheu-o como tema de um seminário durante o qual esperava segui-lo e avaliá-lo na sua totalidade com a ajuda dos estudantes. Não me lembro já do que é que queria provar, confirmar ou refutar. Lembro-me de que no seminário se discutiu a penalização retroativa. A questão era: bastará que o artigo (segundo o qual os guardas e os esbirros dos

campos de concentração são condenados) já estivesse inscrito no Código Penal no momento dos seus atos? Ou interessa também o modo como este era interpretado e usado naquele tempo, e, nesse caso, esse artigo não lhes era aplicado? O que é a justiça? É o que está escrito nos códigos, ou aquilo que é verdadeiramente aplicado e seguido na sociedade? Ou a justiça é aquilo que, independentemente de estar ou não estar escrito nos livros, deveria ser aplicado e seguido se todos fizéssemos o que está certo? O professor, um velho senhor regressado do exílio mas que mantinha uma atitude relativamente heterodoxa em questões de jurisprudência alemã, participava nessas discussões com toda a sua sabedoria e ao mesmo tempo com a distância de quem já não acredita que a sabedoria é a solução dos problemas.

— Observem os acusados. Não encontrarão nenhum que acredite verdadeiramente que naquele tempo era-lhe permitido matar.

O seminário começou no Inverno, o processo na Primavera. Durou muitas semanas. As sessões decorriam de segunda a quinta-feira, e para cada um desses quatro

dias o professor destinara um grupo de estudantes que deveria fazer o relatório escrito da sessão. Na sexta-feira era a reunião do seminário e revíamos a informação compilada ao longo da semana.

Revisão! Rever o passado! Nós, os estudantes do seminário, víamo-nos como os pioneiros da revisão do passado. Queríamos abrir as janelas, deixar entrar o ar, o vento que finalmente faria redemoinhar o pó que a sociedade deixara acumular sobre os horrores do passado. Iríamos zelar para que se pudesse respirar e ver. Também nós não confiávamos na sabedoria dos juristas. Parecia-nos evidente que teria de haver condenações. E também achávamos claro que só aparentemente se tratava do julgamento de um qualquer guarda ou esbirro de um campo de concentração. Quem estava a ser julgada naquele tribunal era a geração que se serviu dos guardas e dos esbirros, ou que não os impediu, ou que pelo menos não os marginalizou como deveria ter feito depois de 1945. E o nosso processo de revisão e esclarecimento pretendia ser a condenação dessa geração à vergonha eterna.

Os nossos pais haviam desempenhado papéis muito diferentes durante o III Reich. Alguns tinham estado na guerra, entre eles havia dois ou três oficiais da Webrmacbt e um oficial das Waffen SS; outros tinham feito carreira no Tribunal e na Administração Pública; havia médicos e professores entre os nossos pais, e um tinha um tio que fora um importante funcionário no Ministério do Interior. Tenho a certeza de que eles, tanto quanto lhes tínhamos perguntado e eles haviam respondido, nos contaram coisas muito diferentes. O meu pai não queria falar sobre si próprio. Mas eu sabia que ele perdera o lugar de docente de Filosofia por causa de uma aula sobre Espinosa, e que durante a guerra nos sustentara como leitor de uma editora de mapas e de livros para caminhantes. Como é que pude achar que tinha o direito de o condenar à vergonha eterna? Mas fi-lo. Todos condenámos os nossos pais à vergonha eterna, ainda que só os pudéssemos acusar de terem tolerado, depois de 1945, a companhia dos assassinos.

Nós, os estudantes do seminário, desenvolvemos uma fortíssima identidade de grupo. Os outros estudantes

começaram a chamar-nos «os do seminário do campo de concentração», e a partir de certa altura nós próprios adoptámos o nome. O que fazíamos não interessava aos outros; estranhava a muitos, repelia alguns. Penso agora que o entusiasmo com que descobríamos os horrores do passado e o queríamos divulgar, era de facto repulsivo. Quanto mais medonhos fossem os acontecimentos acerca dos quais líamos e ouvíamos, mais certos ficávamos da nossa missão esclarecedora e acusadora. Mesmo quando os acontecimentos nos faziam gelar o sangue nas veias, proclamávamo-los triunfantemente: olhem, olhem todos!

Tinha-me inscrito no seminário por pura curiosidade. Era algo de novo; não era Direito Comercial, nada de Culpa e Cumplicidade, nada de Jurisprudência, nem tão-pouco de antiguidades da Filosofia do Direito. Entrei no seminário com a mesma fanfarronice e superioridade com que me movia para todo o lado. Mas, no decurso desse Inverno, tornou-se cada vez mais difícil conseguir manter-me afastado dos fatos que íamos descobrindo e do entusiasmo que envolveu todos os estudantes do

seminário. Primeiro empenhei-me em acreditar que apenas participava do entusiasmo científico, político e moral. Mas eu queria mais, eu queria participar de todo o entusiasmo. É possível que os outros tenham continuado a achar-me distante e arrogante, mas durante aqueles meses de Inverno tive a agradável sensação de pertencer a um grupo e de estar em paz comigo mesmo, com aquilo que fazia e com quem o fazia.

3.

O processo decorria noutra cidade, a cerca de uma hora de viagem de carro. Nunca lá tinha ido. Um outro estudante conduzia. Crescera lá e sabia orientar-se bem. Era quinta-feira. O processo começara na segunda-feira. Os três primeiros dias de audiência haviam passado com as alegações dos advogados de defesa. Éramos o quarto grupo e íamos assistir ao verdadeiro início: as declarações dos acusados.

Percorremos a estrada de montanha por entre pomares em flor. Estávamos bem dispostos e cheios de entusiasmo: finalmente poderíamos pôr à prova tudo aquilo que havíamos aprendido. Não nos sentíamos como

simples espectadores, ouvintes e anotadores. Ver, ouvir e tomar nota de tudo eram os nossos contributos para a revisão do passado.

O tribunal era um edifício do início do século, mas sem a habitual pompa e ar sinistro dos tribunais dessa época. A sala em que decorria a audiência tinha à esquerda uma fila de grandes janelas com vidros leitosos que impediam que se visse para fora mas que deixavam entrar muita luz. Diante das janelas estavam sentados os advogados de acusação que, nos dias luminosos de Primavera e de Verão, apenas eram reconhecíveis nos seus contornos. O tribunal era composto por três juízes com roupas pretas e seis jurados, sentados ao fundo da sala, e à direita era o banco dos acusados e da defesa (devido ao seu grande número, prolongava-se até ao centro da sala, em frente das filas de público). Alguns acusados e advogados de defesa estavam sentados de costas viradas para nós. A Hanna estava sentada com as costas viradas para nós. Só a reconheci quando a chamaram e ela se levantou e se adiantou. Como seria natural, reconheci de imediato o seu nome: Hanna Schmitz.

Depois reconheci também a figura, a cabeça tornada

estranha pelo cabelo apanhado num nó, a nuca, as

costas largas e os braços vigorosos. Estava muito direita, bem firme nas duas pernas. Deixava pender ambos os

braços. Trazia um vestido cinzento com mangas curtas.

Reconheci-a, mas não senti nada. Não senti nada.

Sim, preferia ficar em pé. Sim, nascera a 21 de Outubro

de 1922, em Hermannstadt, e tinha agora quarenta e três

anos. Sim, trabalhara na Siemens, em Berlim, e alistou-se

nas SS no Outono de 1943.

— Foi de sua livre vontade que se alistou nas SS}

— Sim.

— Porquê?

Hanna não respondeu.

— É verdade que se juntou às SS, apesar de lhe terem

proposto um lugar hierarquicamente superior na Siemens}

O advogado de defesa de Hanna pôs-se em pé de um

pulo.

— O que quer dizer com «apesar de»? Pretende insinuar

que uma mulher gostaria mais de trabalhar na Siemens

do que alistar-se nas SS} Nada justifica questionar dessa

maneira a escolha da minha constituinte.

Sentou-se. Era o único advogado de defesa jovem, os outros eram velhos, e alguns eram, como depressa mostraram, velhos nazis. O advogado da Hanna evitava os chavões e as teses dos seus colegas. Mas fazia gala num entusiasmo demasiado fogoso que prejudicava a sua cliente, do mesmo modo que as tiradas nacional-socialistas dos colegas prejudicavam os seus clientes. É verdade que conseguiu que o juiz presidente o olhasse irritado e não prosseguisse com a pergunta. Mas ficou a impressão de que ela se tinha alistado nas SS com plena consciência e voluntariamente. Um outro juiz perguntou a Hanna que trabalho esperava realizar nas SS, e Hanna disse que as SS haviam recrutado mulheres na Siemens, mas também noutras fábricas, para guardas, por isso se tinha alistado e para isso a tinham contratado — mas esta declaração já não modificou em nada a impressão negativa.

A Hanna respondia com monossílabos às perguntas do juiz presidente: havia prestado serviço em Auschwitz até

à Primavera de 1944 e num pequeno campo perto de

Cracóvia até ao Inverno de 1944/45; havia partido com os prisioneiros para Oeste, estivera em Kassel no final da guerra e desde então vivera aqui e ali. Morara oito anos na minha cidade natal; era o período de tempo mais longo que tinha passado no mesmo sítio.

— Pretendem insinuar que a frequente troca de morada implica que ela pretendia fugir?

O advogado não dissimulava a sua ironia.

— De cada vez que se mudava, a minha constituinte inscrevia-se no Registo. Nada aponta para uma intenção de fugir, nem há provas que queira ocultar. O juiz da primeira instância considerou que, face à gravidade do presumido delito e ao perigo de perturbação da ordem pública, a minha constituinte não poderia ficar em liberdade? Mas isto, meritíssimo juiz, é um motivo nazi para prisão; foi introduzido pelos nazis e depois dos nazis tornou a ser posto de lado. Já não existe.

O advogado falava com a expressão maliciosa com que alguém confessa um segredo picante.

Assustei-me. Apercebi-me de que achava a prisão de Hanna natural e certa. Não por causa da acusação, da

gravidade do delito e do peso da suspeita, da qual ainda não sabia nada de certo, mas sim porque enquanto estivesse presa estaria fora do meu mundo, fora da minha vida. Queria tê-la muito longe de mim, tão inacessível que pudesse continuar a ser apenas a recordação em que se havia tornado durante os últimos anos. Se o advogado fosse bem sucedido, no futuro teria que me encontrar com ela, e teria que saber muito bem como queria e deveria encontrar-me com ela. E parecia-me evidente que ele seria bem sucedido. Se a Hanna não tinha tentado fugir até hoje, por que razão haveria de tentar agora? E que provas poderia querer ocultar? Naquela época, não havia outros motivos para decretar a prisão sem caução.

O juiz pareceu novamente irritado, e eu comecei a compreender que isso era a sua máscara: sempre que considerava que uma declaração era obstrutiva e arreliadora, tirava os óculos, projetava um olhar míope e inseguro sobre o que o rodeava, franzia a testa e fazia de conta que não tinha ouvido nada, ou então começava a dizer «Pensa então...» ou «Quer então dizer...», e repetia a declaração de tal maneira que não deixava nenhuma

dúvida de que não estava disposto a preocupar-se com ela, e que era inútil obrigá-lo a isso.

— Pensa então que o juiz de primeira instância deu um significado errado ao facto de a acusada nunca ter respondido a nenhuma carta e a nenhuma citação, não tendo comparecido na Polícia, nem perante o advogado do Ministério Público, nem perante o juiz? Quer apresentar um pedido para levantamento da ordem de prisão?

O advogado apresentou o pedido, e o tribunal recusou-o.

4.

Não faltei a nenhum dia do julgamento. Os outros estudantes admiravam-se. O professor agradecia que um de nós zelasse de modo a que o grupo seguinte soubesse o que o último tinha visto e ouvido.

Apenas uma única vez a Hanna olhou o público e na minha direção. Nas outras ocasiões, em todos os outros dias de audiência, depois de entrar acompanhada por uma guarda e de ter ocupado o seu lugar, fixava o olhar no banco do tribunal. Isto dava a impressão de altivez, do mesmo modo que o facto de não falar com as outras acusadas e de pouco falar com o seu advogado. As outras acusadas também falavam cada vez menos umas com as outras à medida que o processo avançava.

Durante os intervalos, iam ter com os familiares e com os amigos, acenavam-lhes e gritavam-lhes quando os viam de manhã no meio da assistência. A Hanna ficava sentada no seu lugar durante os intervalos.

Por isso, via-a sempre de costas. Via a sua cabeça, a sua nuca, os seus ombros. Lia a sua cabeça, a sua nuca, os

seus ombros. Quando falavam dela, erguia ainda mais a cabeça. Quando se sentia injustamente tratada, caluniada, agredida, e sentia o desejo impetuoso de replicar, projetava os ombros para a frente, e a sua nuca inchava, fazendo sobressair os músculos. As suas réplicas não colhiam, e acabava sempre por deixar descair os ombros. Nunca encolhia os ombros, nem abanava a cabeça. Estava demasiado tensa para que pudesse permitir a leviandade de um encolher de ombros ou de um abanar de cabeça. Também não se permitia pôr a cabeça de lado, baixá-la ou apoiá-la na mão. Estava sentada, como que petrificada. Estar assim sentada devia ser-lhe doloroso.

Por vezes, uma madeixa irradiava do seu severo nó no cabelo, encaracolava-se, pendia para a nuca e movia-se, acariciando-a. Por vezes trazia um vestido com um decote suficientemente grande para mostrar o sinal sobre o ombro esquerdo. Lembrava-me então de como havia soprado levemente os cabelos dessa nuca e como havia beijado aquele sinal e aquela nuca. Mas a recordação era apenas um registo. Não sentia nada.

Não senti nada durante as semanas que durou o processo, tinha os sentimentos como que embotados. Às vezes tentava provocá-los: imaginava a Hanna, tão fielmente quanto podia, fazendo aquilo de que a acusavam, ou evocava os momentos recordados pelo cabelo na sua nuca e pelo sinal no seu ombro. Era como a mão beliscando o braço que está dormente da anestesia. O braço não sabe que está a ser beliscado pela mão, a mão, sim, sabe que está a beliscar o braço, e no primeiro momento o cérebro não consegue separar ambas as coisas. Mas no momento seguinte já as diferencia perfeitamente. Talvez a mão tenha beliscado com tanta força que a zona fica lívida durante algum tempo. Depois o sangue volta, e a zona volta a ter cor. Mas, apesar disso, continua insensível.

Quem me havia anestesiado? Eu a mim próprio, porque não teria aguentado aquilo sem um certo grau de embotamento? A anestesia também me acompanhava para fora da sala de audiências, e sugeria-me que era outra pessoa que tinha amado e desejado Hanna, outra pessoa que eu conhecia bem, mas que não era eu. E não

só: em todos os outros aspectos também me sentia fora de mim. Observava-me, observava-me na Universidade, nas minhas relações com os meus pais e irmãos, com os amigos; mas, por dentro, não me sentia envolvido.

Depois de algum tempo, achava que podia observar nos outros um estado de atordoamento semelhante. Não nos advogados, que durante todo o processo manifestaram o mesmo ar insolente e teimoso, ou que eram também de um cinismo barulhento e impertinente, consoante o seu temperamento pessoal e orientação política. É verdade que o processo os esgotava; ao fim da tarde, estavam mais cansados e também roucos. Mas durante a noite recarregavam as baterias e zumbiam e sibilavam como na manhã anterior. Os advogados do Ministério Público tentavam acompanhá-los para, dia após dia, demonstrarem o mesmo grau de combatividade. Mas não conseguiram; em primeiro lugar, porque o objecto e os resultados do processo os horrorizavam demasiado; depois, porque o embotamento começou a ter efeito neles. Teve o seu efeito mais forte nos juízes e nos jurados. Nas primeiras semanas do processo, os horrores

que eram narrados ou confirmados, às vezes por entre lágrimas, outras com a voz entrecortada, por vezes de maneira agitada ou perturbada, produziam neles um transtorno visível, e só com esforço conseguiam conceber tais horrores. Mais tarde, quando as caras recuperavam a expressão normal, podiam sussurrar uma observação sorrindo ou mostrar também um ar impaciente quando uma testemunha começava a divagar. Ao mencionar-se a possibilidade de uma viagem a Israel para ouvir uma testemunha, iluminaram-se com a alegria de viajarem. Os que ficavam sempre horrorizados eram os outros estudantes. Cada grupo vinha apenas uma vez por semana ao julgamento, e então acontecia de novo: o horror irrompia no seu quotidiano. Estive presente no julgamento dia após dia e observava com distanciamento a reação deles.

Tal como o prisioneiro dos campos de concentração, que sobrevive mês após mês e se habitua à situação e regista com indiferença o horror dos que acabam de chegar. Com o mesmo embotamento com que se apercebe dos crimes e das mortes. Toda a bibliografia dos sobreviventes fala

desse embotamento, sob o qual as funções vitais ficavam reduzidas à expressão mais simples, em que o comportamento se torna apático e os escrúpulos desaparecem, em que o gaseamento e a cremação se tornam fatos quotidianos. São raras as declarações dos criminosos que falam das câmaras de gás e dos fornos crematórios como de um ambiente quotidiano, os próprios criminosos são reduzidos a umas poucas funções, ficam desprovidos de escrúpulos, apáticos, num embotamento semelhante ao dos anestesiados ou bêbedos. As acusadas pareciam-me como se ainda estivessem presas nesse embotamento e fossem ficar assim para sempre; como se, de certa maneira, tivessem ficado petrificadas nele. Quando me apercebi desse embotamento geral, que não afectava apenas os criminosos e as vítimas mas também a nós — juízes e jurados, advogados do Ministério Público ou meros espectadores encarregues de fazer a ata, todos nós haveríamos de ser afectados —, comparava os criminosos, as vítimas, os mortos, os vivos, os sobreviventes e os que haviam nascido mais tarde, e não me sentia nada bem, nem agora me sinto bem. Será lícito fazer estas

comparações? Quando conversava com
alguém e tentava estabelecer comparações deste tipo, frisava sempre que não pretendia relativizar a diferença entre ser obrigado a entrar no mundo dos campos de extermínio ou entrar neles voluntariamente, entre ter sofrido ou ter feito sofrer; a diferença era de uma enorme importância e totalmente decisiva. Mas a reação dos meus interlocutores, por mais que me antecipasse à sua réplica com essas explicações, era sempre de estranheza ou de indignação.

Ao mesmo tempo, pergunto-me algo que já então começara a perguntar-me: como devia e como deve fazer a minha geração, a dos que nasceram mais tarde, acerca das informações que recebíamos sobre os horrores do extermínio dos judeus? Não devemos aspirar a compreender o que é incompreensível, nem temos o direito de comparar o que é incomparável, nem de fazer perguntas, porque aquele que pergunta, ainda que não ponha em dúvida o horror, torna-o objecto de comunicação em vez de o assumir como algo perante o qual só se pode emudecer de espanto, de vergonha e de

culpa. Devemos apenas calar-nos, espantados, envergonhados e culpados? Para quê? Não que tivesse simplesmente perdido o entusiasmo pela revisão e pelo esclarecimento com que havia participado no seminário. Mas pergunto-me se as coisas deviam ser assim: uns poucos, condenados e castigados, e nós, a geração seguinte, emudecida de espanto, de vergonha e de culpa.

5.

Na segunda semana foi feita a leitura da acusação, um ato que durou um dia e meio — um dia e meio de frases hipotéticas: «A acusada número um terá feito... e também terá feito... e para além disso terá feito... por isso preenche o conteúdo dos parágrafos x e y, além disso terá agido ilegalmente e com dolo». A Hanna era a acusada número quatro.

As cinco acusadas haviam sido guardas de um pequeno campo de concentração perto de Cracóvia. Tinham sido transferidas de Auschwitz para ali na Primavera de 1944 para substituir outras guardas que tinham morrido ou ficaram feridas numa explosão na fábrica em que trabalhavam as mulheres do campo. Um dos pontos da acusação fazia referência ao comportamento delas em Auschwitz; ficou, porém, em segundo plano em relação aos outros pontos. Já não sei do que se tratava. Talvez não dissesse respeito à Hanna mas apenas às outras mulheres? Teria uma importância menor em comparação com os outros pontos da acusação, ou mesmo em si?

Talvez parecesse simplesmente insuportável não acusar

alguém que tivesse estado em Auschwitz, e que agora estava ali presente?

Naturalmente, as cinco acusadas não dirigiam o campo de concentração. Havia um comandante, várias companhias de soldados e outras guardas. A maior parte deles não haviam sobrevivido às bombas que, uma noite, finalizaram a marcha dos prisioneiros para Oeste. Alguns tinham-se demitido nessa mesma noite e eram tão difíceis de encontrar como o comandante que fugira antes de se ter iniciado a marcha para Oeste.

Em princípio, nenhuma das prisioneiras poderia ter sobrevivido ao bombardeamento daquela noite. Mas havia na realidade duas sobreviventes, mãe e filha, e a filha tinha escrito e publicado um livro, na América, sobre o campo de concentração e a marcha para Oeste. A Polícia e o Procurador Público tinham descoberto não só as cinco acusadas mas também algumas testemunhas que viviam na aldeia onde as bombas terminaram com a marcha das prisioneiras para Oeste. As testemunhas mais importantes eram a filha, que se deslocara à Alemanha para o julgamento, e a mãe, que ficara em Israel. Para ouvir a mãe, os

membros do tribunal, os
advogados da acusação e da defesa viajaram para Israel
— foi a única parte do processo a que eu não assisti.
Um dos pontos mais importantes da acusação dizia
respeito às seleções que se faziam no campo de
concentração. Cada mês chegavam de Auschwitz cerca
de sessenta mulheres e era mais ou menos o mesmo
número que devia ser devolvido, descontando as que
morriam entretanto. Todos sabiam que as mulheres que
voltavam para Auschwitz eram mortas à chegada; eram
devolvidas as que já não serviam para trabalhar na
fábrica de munições; o trabalho não era muito pesado,
mas as mulheres quase não faziam esse trabalho, porque
tinham de reconstruir o que fora gravemente estragado
com a explosão da Primavera anterior.
O outro ponto importante da acusação dizia respeito à
noite daquele bombardeamento que tinha acabado com
tudo. Os soldados e as guardas tinham fechado as
prisioneiras, várias centenas de mulheres, na igreja de
uma aldeia abandonada por quase todos os habitantes.
Só caíram umas poucas bombas, talvez dirigidas à linha

de caminho de ferro que existia ali perto, ou a uma fábrica, ou talvez tenham sido deitadas sem objectivo porque tinham restado de um bombardeamento a uma cidade maior. Uma delas atingiu a casa do padre, onde dormiam os soldados e as guardas. Uma outra fez abater o campanário da igreja. Primeiro ardeu o campanário, depois o telhado, depois o vigamento ruiu para dentro da igreja, e os bancos pegaram fogo. As pesadas portas ficaram de pé. As acusadas conseguiriam abri-las mas não o fizeram, e as mulheres morreram queimadas, fechadas na igreja.

6.

O processo não poderia ter corrido pior para a Hanna. No interrogatório prévio ela também tinha causado má impressão ao tribunal. Depois da leitura da acusação, pediu a palavra para se queixar de uma inexatidão; o juiz indeferiu, recordando-lhe que tivera muito tempo para estudar a acusação e levantar todos os reparos que entendesse, e como agora estava a iniciar-se a audiência, só as provas apresentadas pelas partes é que iriam mostrar o que era e não era provado na acusação.

Quando começou o exame das provas, o juiz propôs renunciar à leitura da tradução alemã do livro da filha, porque tinha sido disponibilizado a todos os intervenientes um manuscrito que estava a ser preparado por uma editora alemã; a Hanna não concordava e teve de ser convencida pelo seu advogado a declarar a sua concordância, sob o olhar irritado do juiz. Ela não queria. Também não queria reconhecer que, numa declaração ao juiz, declarara ter em seu poder a chave da igreja. Ela não tinha a chave da igreja, ninguém tivera a chave da igreja, não existia sequer uma chave da igreja, mas sim várias chaves para várias portas, e todas estavam metidas do lado de fora. Mas não era isso que estava na ata da sua declaração ao juiz, lida e assinada por ela, e o facto de a Hanna ter perguntado por que razão estavam a querer incriminá-la, não melhorou as coisas. Não levantou a voz, nem fez a pergunta com impertinência, mas com persistência e, pareceu-me, também com perturbação e perplexidade estampadas na cara e na voz. Só queria queixar-se de que queriam culpá-la de algo de que não era culpada, e com isso não pretendia acusar o juiz. Mas

o juiz entendeu assim e reagiu com aspereza. O advogado da Hanna levantou-se de um salto e protestou, zelosa e apressadamente; mas quando o juiz lhe perguntou se fazia sua a intenção da sua constituinte, voltou a sentar-se.

A Hanna queria corrigi-lo. Quando pensava que estavam a ser injustos com ela, contradizia o tribunal, e admitia as acusações que considerava justificadas. Contradizia teimosamente e admitia voluntariamente, como se ao admitir ganhasse o direito de contradizer, e ao contradizer adquirisse a obrigação de admitir as acusações que de um modo legítimo lhe faziam. Mas ela não notava que a sua teimosia irritava o juiz. Não tinha nenhuma sensibilidade para o contexto, para as regras do jogo, para o mecanismo pelo qual tudo o que dizia e tudo o que as outras acusadas diziam era transformado em culpa ou inocência, condenação ou absolvição. Para compensar essa falta de sensibilidade para a situação, deveria ter tido um advogado mais experiente e mais seguro ou, simplesmente, melhor. Ou, então, a Hanna não deveria ter-lhe dificultado tanto as coisas: era evidente que não

confiava nele, mas também não quisera escolher um advogado da sua confiança. Era um estagiário escolhido pelo juiz.

Por vezes a Hanna era bem sucedida. Lembro-me de a terem interrogado acerca das seleções no campo de concentração. As outras acusadas negaram terem alguma vez tomado parte nelas. A Hanna confessou tão espontaneamente ter participado nelas — não sozinha, mas da mesma maneira que as outras e com as outras — que o juiz pensou ter oportunidade para aprofundar o assunto.

— Como é que era feita a seleção?

A Hanna explicou que as guardas tinham combinado retirar o mesmo número de prisioneiras dos seis grupos pelos quais eram responsáveis, dez de cada vez, num total de sessenta; que os números podiam ser diferentes se um grupo tivesse poucas doentes e outro muitas, e que no final todas as guardas decidiam em conjunto quem deveria ser enviado de volta.

— Nenhuma se recusava a participar? Agiam todas de comum acordo?

— Sim.

— Não sabiam que estavam a mandar as prisioneiras para a morte?

— Claro, mas vinham novas, e as antigas tinham que dar lugar às novas.

— A senhora dizia então que se tratava de uma questão de arranjar lugar: tu, e tu, e tu, têm de ser mandadas de volta para morrerem?

A Hanna não compreendeu o que é que o juiz queria saber com aquela pergunta.

— Eu fiz... quero dizer... O que é que o senhor teria feito então?

A Hanna fez a pergunta a sério. Não sabia que outra coisa poderia ou deveria ter feito, e queria ouvir do juiz, que parecia saber tudo, o que ele teria feito no lugar dela.

Fez-se silêncio durante um momento. Nos costumes judiciários alemães não está previsto que os acusados inquiram os juízes. Mas agora a pergunta estava feita e todos esperavam pela resposta. Ele tinha que responder, não podia ignorar a questão ou apagá-la com uma observação crítica ou com uma outra pergunta. Todos nos

tínhamos apercebido disto e ele também, e eu compreendi por que é que ele usava aquela expressão de irritação como imagem de marca. Tinha-a tornado na sua máscara. Escondido atrás dela, ganhava tempo para encontrar as respostas. Mas não podia demorar-se demasiado; quanto mais se fazia esperado, maior era a tensão e a expectativa, e melhor teria que ser a resposta.

— Há coisas em que não podemos envolver-nos e às quais temos que nos negar, a não ser que nos custem a vida.

Talvez tivesse sido suficiente se ele tivesse dito o mesmo, mas falando da Hanna ou dele próprio. Falar do que se tem que fazer e do que não se deve fazer, e do que isso custa a cada um, não estava à altura da seriedade da pergunta da Hanna. Ela quisera saber o que deveria ter feito naquela situação e não que existem coisas que não se devem fazer. A resposta do juiz pareceu torpe e piedosa. Todos o sentiram assim. A sala reagiu com um suspiro desapontado e todos olharam com admiração para Hanna, que de certa maneira saíra vitoriosa daquela troca de palavras. Mas ela permanecia imersa em

pensamentos.

— Quer dizer, então, que eu deveria... que eu não deveria... que não me deveria ter alistado quando estava na Siemens?

A pergunta não era dirigida ao juiz. Estava a falar consigo própria, perguntava a si própria, hesitante, por que razão nunca considerara a questão, e duvidava que essa fosse a pergunta correcta, e também desconhecia a resposta.

7.

A teimosia com que a Hanna contradizia, irritava o juiz, mas a voluntariedade com que lhe dava razão também irritava as outras acusadas. Foi fatal para a defesa delas e também para a defesa de Hanna.

Na realidade, as provas para as acusar eram insuficientes. A prova para o primeiro ponto importante da acusação eram exclusivamente os testemunhos das sobreviventes, mãe e filha, e o livro. Sem ter que atacar a essência das declarações da mãe e da filha, uma boa defesa poderia refutar, credivelmente, que as acusadas tivessem sido, precisamente, as encarregadas das seleções. Até então, as declarações das testemunhas não tinham sido, nem podiam ser, suficientemente precisas; na verdade, existia um comandante, algumas companhias de soldados, outras guardas e uma hierarquia de deveres e de ordens com que as prisioneiras só eram confrontadas parcialmente e que, por consequência, apenas conheciam parcialmente. O mesmo acontecia com o segundo ponto da acusação. A mãe e a filha

haviam estado encerradas na igreja e não sabiam o que se passara do lado de fora. As acusadas, porém, não

poderiam negar ter lá estado. As outras testemunhas, os

habitantes da aldeia, tinham falado com elas e

lembravam-se delas. Mas essas outras testemunhas

tinham que ter muito cuidado para que não caísse

também sobre elas a acusação de terem tido a

possibilidade de salvar as prisioneiras e de não o terem

feito. Se estavam lá apenas as acusadas, será que os

próprios habitantes da aldeia não poderiam ter dominado

as poucas mulheres e abrir as portas da igreja? Não

tinham, portanto, outro remédio senão coincidir com a

defesa das acusadas, dizendo que se tinham visto

forçados a agir da maneira como o fizeram, o que, a ser

verdade, ilibava tanto uns como outros. Ao fim e ao cabo,

estavam debaixo da opressão ou sob as ordens dos

soldados que, segundo a defesa, ainda não teriam fugido,

ou então, como afirmavam as acusadas, não tardariam a

regressar, pois só se tinham ausentado por curtos

momentos para transportarem feridos para um hospital de

campanha.

Quando os advogados de defesa das outras acusadas notaram que esses estratagemas falhavam por a Hanna confessar a verdade, mudaram de estratégia.

Aproveitavam as confissões voluntárias da Hanna para a incriminarem como única culpada e assim ilibarem as outras acusadas. Fizeram-no com uma frieza muito profissional. As outras acusadas seguiam-nos com comentários indignados.

— A senhora disse que sabia que estavam a enviar as prisioneiras para a morte. Isso é verdade no seu caso apenas, não é assim? — interrogou-a o advogado de outra das acusadas. — O que as suas colegas sabiam, não o pode saber. Pode talvez supor, mas não o pode julgar, não é verdade?

— Mas todas nós sabíamos...

— Dizer «nós», «todas nós», é mais fácil que dizer «eu», «apenas eu», não é? Não é verdade que a senhora, e apenas a senhora, protegera sempre jovens, uma durante um certo tempo e, logo a seguir, outra?

A Hanna hesitou.

— Suponho que eu não era a única que...

— Sua porca mentirosa! As tuas amantes! Eras só tu, apenas tu! — gritou uma outra acusada visivelmente agitada, uma mulher grosseira, com um aspecto de pacífica galinha poedeira, mas com língua viperina.

— Poderia ser que a senhora diga que «sabe» quando eventualmente apenas pode supor, e que «supõe» quando se limita a inventar?

O advogado, preocupado, abanou a cabeça, como se já tomasse conhecimento da resposta afirmativa.

— Não é também verdade que quando se fartava das suas protegidas, elas voltavam para Auschwitz no transporte seguinte?

A Hanna não respondeu.

— Isso era a sua seleção especial, pessoal, não é verdade? Já não o quer reconhecer, quer esconder-se atrás de algo que todas faziam. Mas...

— Oh, meu Deus! — exclamou a filha, que após ter sido ouvida se sentara entre o público, e afundou a cara nas mãos. — Como foi possível esquecer-me?

O juiz perguntou-lhe se queria fazer mais declarações.

Ela não esperou até ser chamada para a frente.

Levantou-se e falou do seu lugar entre o público.

— Sim, ela tinha preferidas, sempre uma das mais jovens,

fracas e delicadas, e a essas punha-as debaixo da sua

guarda e zelava para que não tivessem que trabalhar,

dava-lhes bom alojamento e mais alimentos e mimos, e à

noite trazia-as para perto de si. E as meninas eram

proibidas de nos dizerem o que fazia com elas durante a

noite, e nós pensávamos que ela... para mais porque

todas iam parar ao transporte, como se ela tivesse o seu

prazer com elas e "" depois se fartasse. Mas isso não era assim, e um dia uma delas falou, e todas nós soubemos

que as meninas lhe haviam lido, noite após noite, após noite. Isso sempre era melhor do que,., e também era

melhor do que se tivessem tido de trabalhar até à morte

na obra; eu devo ter pensado que era melhor, senão não

o teria" esquecido tão facilmente. Mas será que era

melhor?

Voltou a sentar-se.

A Hanna voltou-se para trás e olhou-me. O seu olhar

encontrou-me logo, e eu percebi que durante todo o

tempo ela sabia que eu lá estava. Limitou-se a olhar-me.

O seu rosto não me pedia nada, não me rogava, nada

assegurava ou prometia. Oferecia-se, e isso era tudo.
Apercebi-me de como ela estava tensa e esgotada. Tinha círculos negros debaixo dos olhos, e em cada face um vinco de cima a baixo, que eu não conhecia, que ainda não era muito fundo, mas que se desenhava já como uma cicatriz. Corei sob o seu olhar, ela desviou-o e tornou a fixá-lo no tribunal.
O juiz quis saber se o advogado que tinha interrogado a Hanna ainda tinha mais perguntas. Quis saber o mesmo do advogado da Hanna. Pergunta-lhe, pensava eu. Pergunta-lhe se ela escolhia as meninas mais fracas e delicadas porque sabia que elas, de qualquer maneira, não aguentariam o trabalho na obra, porque elas, de qualquer maneira, iriam seguir no próximo transporte para Auschwitz e porque queria tornar-lhes mais suportável o último mês de vida. Diz-lhes, Hanna. Diz-lhes que querias tornar-lhes mais suportável o último mês. Que era esse o motivo para escolheres as mais delicadas e mais fracas. Que não existia mais nenhuma razão, que não poderia haver nenhuma outra razão.
Mas o advogado não lhe perguntou mais nada, e a Hanna

calou-se também.

8.

A tradução alemã do livro que a filha tinha escrito acerca do tempo que passara no campo de concentração só apareceu depois de o processo terminar. O manuscrito já existia durante o julgamento, mas era acessível apenas aos intervenientes no processo. Tive que ler o livro em inglês, o que era então um enorme esforço inusitado. E como, sempre que se lê numa língua que não se domina e com a qual guerreamos, o resultado é uma estranha combinação de distância e de proximidade, esforçamo-nos por mergulhar o mais possível no texto mas não conseguimos apropriarmo-nos dele. Continua tão estranho como estranha é a língua em que está escrito. Voltei a lê-lo anos mais tarde, e descobri que é o próprio livro que cria essa distância. Não nos convida à identificação e não torna ninguém simpático, nem a mãe nem a filha, nem aquelas pessoas com quem ambas partilharam o destino em vários campos de concentração e finalmente em Auschwitz e também perto de Cracóvià. Quanto às chefes dos barracões, às guardas e aos

soldados, não lhes imprime suficiente carácter ou perfil para que o leitor possa relacionar-se com eles ou achá-los melhores ou piores. O livro está embebido daquele embotamento que eu tentei já descrever. Mas, sob esse embotamento, a filha não perdeu a capacidade de registar e analisar o que vira. E não se deixou corromper, nem pela autocompaixão nem pelo orgulho que lhe provocava a consciência de ter sobrevivido aos anos que viveu nos campos de concentração, de ter sido capaz de os superar e de os descrever de um modo literário. Ela escreve sobre si própria e sobre o seu comportamento de adolescente prematuramente desenganada e, quando necessário, manhosa, com a mesma sobriedade com que descreve todo o resto.

A Hanna não surge no livro, nem citada pelo nome nem possível de reconhecer e de identificar. Por vezes, pensei vê-la numa das guardas, descrita como sendo jovem, bonita e «escrupulosamente sem escrúpulos» no cumprimento do seu dever — mas não tinha a certeza. De entre todas as acusadas, era claro que só a Hanna coincidia com a descrição. Mas havia mais guardas. Num

dos campos, a filha conhecera uma guarda, também jovem, bonita e trabalhadora, mas cruel e incapaz de se conter, a quem chamavam a «égua». Talvez a filha não fosse a única a notar a parecença? Talvez a Hanna soubesse e se lembrasse dela, e por isso sentira-se incomodada quando a comparei com um cavalo.

O campo de concentração perto de Cracóvia era, para a mãe e para a filha, a última etapa antes de Auschwitz. Foi uma mudança para melhor; o trabalho era duro, mas menos do que em Auschwitz, a comida melhor, e era preferível dormir com seis mulheres num quarto do que com centenas numa barraca. E não sofriam tanto com o frio; no caminho da fábrica para o campo, as mulheres podiam apanhar lenha e levá-la. Havia o medo das seleções. Mas não era tão intenso como em Auschwitz. Sessenta mulheres eram mandadas de volta todos os meses, sessenta de cerca de mil e duzentas; dessa maneira, cada uma era dona de uma esperança de vida de vinte meses quando se tinha apenas forças médias, e podia-se sempre esperar ser mais forte do que a média. Ou que a guerra terminasse em menos de vinte meses.

A miséria começou com o desmantelamento do campo e a partida das prisioneiras para Oeste. Era Inverno, nevava, e a roupa com que as mulheres gelavam na fábrica, e com que se aguentavam mais ou menos no campo de concentração, era insuficiente, e ainda mais insuficiente era o calçado, muitas vezes de cartão e de papel de jornal, atado de maneira a que se aguentasse quando estavam de pé ou a andar, mas que não era possível atar de modo a suportar longas caminhadas na neve e no gelo. Para além disso, as mulheres não se limitavam a caminhar: eram acossadas, obrigadas a correr. «A marcha da morte?», perguntava a filha no livro, e respondia: «Não, o trote da morte, o galope da morte».

Muitas morreram no caminho, outras não voltavam a levantar-se depois de uma noite passada num celeiro ou apenas encostadas a um muro. Passada uma semana, quase metade das mulheres tinha morrido.

A igreja era um abrigo melhor do que os celeiros e os muros que as mulheres tinham tido para dormir até então. Quando encontravam quintas abandonadas e aí ficavam, os soldados e as guardas ocupavam as casas. Ali,

naquela aldeia quase abandonada, escolheram a casa do padre e deixaram as prisioneiras em algo melhor do que um celeiro ou um muro. Que elas o tivessem feito e que na aldeia até houvesse um caldo quente para comer, pareceu-lhes a promessa do fim do sofrimento. Assim adormeceram as mulheres. Pouco tempo depois caíram as bombas. Enquanto o campanário ardia, ouvia-se o fogo na igreja, mas não se via. Quando o cimo do campanário ruiu e atingiu o telhado da igreja, o brilho do fogo demorou ainda alguns minutos até se tornar visível. Depois começaram a gotejar chamas que se prenderam às roupas; o travejamento a arder ateou o fogo aos bancos e ao púlpito, e pouco tempo depois o telhado tombou na nave da igreja e tudo ardeu em chamas vivas. A filha pensa que as mulheres poderiam ter-se salvo se se tivessem unido logo para forçarem uma das portas. Mas quando se aperceberam do que acontecera, do que lhes ia acontecer e que as portas não iam abrir-se, era tarde de mais. Era noite escura quando foram acordadas pela queda da bomba. Durante algum tempo apenas ouviram um barulho estranho e ameaçador vindo do

campanário, e ficaram muito quietas para o poderem ouvir melhor e assim saberem o que era. As mulheres só souberam que era o crepitar e estalar do fogo, que era o clarão de um incêndio aquilo que tremia de vez em quando e que era demasiado claro atrás das janelas, só souberam que aquele ruído que estalou acima das suas cabeças era o fogo a alastrar do campanário ao telhado, apenas quando o telhado ardeu diante dos seus olhos.

Souberam-no e começaram a gritar, gritavam de horror, gritavam por socorro, correram para as portas, batiam nelas, gritavam.

Quando o telhado a arder se despenhou na nave, os muros da igreja ajudaram o fogo como as paredes de uma chaminé. A maioria das mulheres não morreu asfixiada mas nas labaredas luminosas e ruidosas. No fim, o fogo chegou a calcinar por completo as portas e a fundir as ferragens. Mas isso aconteceu horas mais tarde.

A mãe e a filha sobreviveram porque a mãe, pelos motivos errados, fez o que era certo. Quando as mulheres entraram em pânico, ela já não aguentou continuar no meio delas. Fugiu para a tribuna. Que estivesse mais

perto das chamas, era-lhe indiferente, queria apenas ficar sozinha, afastada das mulheres que gritavam e se empurravam de um lado para o outro cobertas de chamas. A tribuna era estreita, tão estreita que a queda do vigamento a arder pouco a atingiu. Mãe e filha estavam em pé, apertadas contra a parede, e viam e ouviam a ira do fogo. No dia seguinte, não se atreveram a descer e a sair da igreja. Na escuridão da noite seguinte, tiveram medo de falhar os degraus da escada e o caminho. Quando, dois dias depois, saíram da igreja ao amanhecer, encontraram alguns habitantes da aldeia, que as olhavam perplexos e sem palavras, mas que lhes deram roupas e comida e que as deixaram continuar.

9.

Por que é que não abriu as portas? O juiz fez a mesma pergunta a cada uma das acusadas. Cada uma delas deu a mesma resposta. Não podia fazê-lo. Porquê? Ficara ferida com a explosão da bomba em casa do padre. Ou ficara em estado de choque devido ao bombardeamento.

Ou, depois da bomba, ficara a tratar dos soldados feridos e de outras guardas, salvando-os do entulho, ligando-os e cuidando deles. Não pensaram na igreja, não estavam nas proximidades da igreja, não tinham visto o fogo na igreja e não tinham ouvido os gritos de socorro vindos da igreja.

O juiz replicou o mesmo, acusada após acusada. Não era isso que se deduzia do relatório. A frase estava cuidadosamente formulada com intenção. Dizer que no relatório encontrado nas atas das SS estava escrita outra coisa, teria sido falso. Era certo que se deduzia outra coisa. Mencionava-se, por exemplo, quem morrera em casa do padre e quem ficara ferido, quem transportara num camião os feridos para um hospital de campanha e quem acompanhara o transporte num veículo militar.

Mencionava-se que as guardas ficaram para trás à espera que os incêndios acabassem, para evitar que se espalhassem e para impedirem as tentativas de fuga ao abrigo dos incêndios. Mencionava-se a morte das prisioneiras.

O facto de os nomes das acusadas não se encontrarem entre os nomes citados no relatório, indicava que elas fariam parte do grupo de guardas que ficara para trás.

Que as guardas tinham ficado para trás na tentativa de evitarem fugas, indicava que, depois do salvamento dos feridos da casa do padre e da partida para o hospital de campanha, nem tudo estava acabado. As guardas que ficaram para trás, assim se lia, tinham deixado que o fogo na igreja seguisse o seu rumo e tinham optado por deixar fechadas as portas da igreja. Entre as guardas que ficaram para trás, assim se deduzia, estariam as acusadas.

Não, disseram as acusadas uma após outra, não se passara assim. O relatório estava cheio de erros. Isso via-se de imediato, porque falava da obrigação de evitar o alastrar dos fogos por parte das guardas que tinham ficado para trás. Como

poderiam elas fazer isso? Era um
disparate, e também a sua outra obrigação, evitar as tentativas de fuga a coberto do incêndio, era um disparate. Tentativas de fuga? Quando acabaram de cuidar dos próprios companheiros e puderam cuidar das outras, das prisioneiras, já nenhuma estava viva. Não, o relatório desconhecia totalmente o que elas haviam feito naquela noite, o que tinham trabalhado e penado. Como poderia o relatório desfigurar a realidade daquela maneira? Elas também não o sabiam.

Até que chegou a vez da galinha poedeira de língua viperina. Ela sabia-o.

— Perguntem-lhe! Apontava Hanna com o dedo.

— Foi ela que escreveu o relatório. Ela é que teve a culpa de tudo, só ela, e tentou encobrir-se com o relatório e culpar-nos.

O juiz perguntou-o à Hanna. Mas foi a sua última pergunta. A primeira foi:

— Por que é que não abriu a porta?

— Nós estávamos... nós tínhamos ... Hanna procurava a resposta.

— Não sabíamos o que fazer.

— A senhora não sabia o que fazer?

— Havia algumas mortas, e os outros fugiram. Disseram que iam levar os feridos para o hospital de campanha e que voltariam, mas eles não tinham intenções de voltar, e nós também o sabíamos. Talvez até nem tenham ido para o hospital de campanha, o estado dos feridos não era assim tão grave. Nós também queríamos ir com eles, mas eles disseram-nos que os feridos precisavam de espaço, e que de qualquer modo não queriam... de qualquer modo não estavam muito interessados em levar consigo tantas mulheres. Eu não sei para onde eles foram.

— O que é que a senhora fez?

— Nós não sabíamos o que fazer. Tudo se passou tão depressa, e a casa do padre ardeu e o campanário da igreja, e os homens e os carros ainda estavam lá, e logo depois já tinham partido, e de repente estávamos sozinhas com as mulheres fechadas na igreja. Eles deixaram-nos algumas armas, e nós não sabíamos usá-las, e mesmo que soubéssemos, o que é que isso nos teria ajudado, a nós, um pequeno grupo de mulheres?

Como é que teríamos podido guardar todas aquelas prisioneiras? Mesmo que as tivéssemos conseguido manter juntas, ter-se-ia formado uma fila muito comprida, e para se vigiar uma fila assim é preciso muito mais do que um punhado de mulheres. Hanna fez uma pausa.

— Depois começaram os gritos, que se tornaram cada vez mais fortes. Se tivéssemos aberto as portas naquele momento, e todas tivessem corrido para fora...

O juiz esperou um momento.

— Teve medo? Teve medo que as prisioneiras as dominassem?

— Que as prisioneiras nos... não, mas como seria possível manter a ordem outra vez? Teria havido uma grande confusão que não teríamos conseguido controlar. E se elas tentassem fugir depois...

O juiz esperou outra vez, mas a Hanna não acabou a frase.

— Teve medo que, no caso de haver fugas, a senhora viesse a ser presa, condenada, fuzilada?

— Nós simplesmente não podíamos deixá-las fugir! Nós éramos responsáveis por elas... Quero dizer, nós

vigiávamo-las durante todo o tempo, no campo de concentração e durante a marcha, esse era o objectivo, que as vigiássemos e que elas não fugissem. Por essa razão, não sabíamos o que deveríamos fazer. Nós também não sabíamos quantas mulheres iriam sobreviver aos dias seguintes. Tinham morrido já tantas, e as que ainda estavam vivas, estavam tão fracas...

A Hanna notou que não estava a melhorar o seu caso com o que dizia. Mas não conseguia dizer outra coisa. Podia apenas tentar dizer melhor, descrever melhor e explicar melhor o que estava a contar. Mas, quanto mais falava, pior parecia ficar o seu caso. Como ela não sabia o que fazer, voltou a dirigir-se ao juiz.

— O que é que o senhor teria feito?

Mas desta vez sabia que não iria ter resposta. Ela não esperava uma resposta. Ninguém esperava uma resposta. O juiz abanou silenciosamente a cabeça.

Não que não fosse possível imaginar o desespero e o desamparo que a Hanna tinha descrito. A noite, o frio, a neve, o fogo, os gritos das mulheres na igreja, o desaparecimento dos que lhes davam ordens e as

acompanhavam para todo o lado. Era claro que as guardas se haviam encontrado numa situação muito difícil. Mas poderia o conhecimento da dificuldade da situação
apagar o horror daquilo que as acusadas tinham feito, ou deixado de fazer? Não se tratava, por exemplo, de um acidente de viação numa estrada solitária numa fria noite de Inverno, com feridos e carros totalmente destruídos, em que não se sabe o que fazer. Ou de um conflito entre dois deveres iguais. Era possível imaginar-se dessa maneira a situação que a Hanna descreveu, mas ninguém queria fazê-lo.

— Foi a senhora que escreveu o relatório?

— Nós pensámos em conjunto o que deveríamos escrever. Não queríamos acusar os que tinham fugido. Mas também não queríamos assumir que tivéssemos feito algo de errado.

— Está, portanto, a dizer que pensaram em conjunto. Quem é que escreveu?

— Tu! — gritou a outra acusada, apontando Hanna outra vez com o dedo.

— Não, eu não o escrevi. É importante saber quem o escreveu?

Um advogado sugeriu que um perito em grafologia comparasse a caligrafia do relatório com a da acusada.

— A minha caligrafia? O senhor quer comparar a minha caligrafia com...

O juiz, o advogado de acusação e o advogado da Hanna começaram a discutir se a caligrafia se mantinha igual e se a prova de caligrafia poderia comprovar a identidade de uma pessoa passados mais de quinze anos. A Hanna escutava-os e tentou, por várias vezes, dizer ou perguntar qualquer coisa. Estava cada vez mais assustada. Depois disse:

— Não é necessário ir buscar nenhum perito. Confesso ter escrito o relatório.

10.

Não guardo nenhuma recordação das reuniões do seminário à sexta-feira. Embora tenha o processo bem presente, não me lembro dos aspectos que tratávamos. Sobre que assuntos falaríamos? O que é que quereríamos aprender? O que é que o professor nos ensinou?

Mas lembro-me dos domingos. Trazia, dos dias passados no tribunal, uma ânsia, nova para mim, de cores e cheiros da Natureza. Às sextas-feiras e aos sábados dedicava-me a recuperar o que perdia nos outros dias da semana, ao menos para poder manter-me a par dos exercícios e progredir no semestre. Aos domingos saía.

O Heiligenberg, a Basílica de São Miguel, a Torre de Bismarque, o Caminho dos Filósofos, as margens do rio — o percurso pouco variava de domingo para domingo. Encontrava suficiente variedade no verde que se tornava mais intenso de semana para semana, e na planície do Reno, por vezes turvada pela neblina do calor, outras vezes velada por cortinas de chuva e outras coroada por

nuvens de trovoada, e em ver as amoras na floresta, e em cheirar as flores quando o sol as aquecia, e na terra e nas folhas apodrecidas do último ano, quando chovia. De qualquer maneira, não necessito de muita variedade nem a procuro. A próxima viagem, um pouco mais longe do que a última, as férias seguintes naquele local que eu descobrira nas últimas e que me agradou; durante um tempo, pensei que me ficaria bem um pouco mais de ousadia e obriguei-me a ir ao Sri Lanka, ao Egito e ao Brasil, antes de me decidir que preferia tornar ainda mais familiares as regiões do mundo que já me eram familiares. É nelas que vejo mais coisas.

Voltei a encontrar na floresta o lugar onde o segredo da Hanna me tinha sido revelado. Não tem nada de especial, e naquele tempo também não tinha nada de especial: não há nenhuma árvore ou rocha com uma forma estranha, nem uma vista excepcional sobre a cidade ou a planície, nada que pudesse convidar a associações invulgares.

Enquanto pensava na Hanna, gravitando semana após semana no mesmo itinerário, um pensamento separou-se, seguiu o seu próprio caminho e, finalmente, produziu a

sua própria conclusão. Quando a ideia amadureceu, caiu com o seu próprio peso. O facto de a revelação que me veio surpreender não chegar do exterior mas sim que tivesse crescido dentro de mim, poderia ter sido em qualquer outro lugar, ou pelo menos em qualquer outro ambiente e circunstâncias suficientemente familiares. E foi num caminho escarpado que ascende pela falda do monte, atravessa a estrada, passa diante de uma fonte e, depois de cruzar por entre árvores velhas, altas e escuras, se perde numa mata esparsa.

A Hanna não sabia ler nem escrever.

Por essa razão queria que lhe lessem em voz alta. Por essa razão, durante a nossa excursão de bicicleta, deixara-me encarregue de todas as tarefas que exigissem escrever e ler; e por isso, naquela manhã no hotel, ficara fora de si quando encontrara o meu bilhete, adivinhando que eu esperava que conhecesse o seu conteúdo, e temera ficar exposta. Por essa razão furtara-se à promoção na Companhia dos Eléctricos; a sua fraqueza, que podia ocultar facilmente como revisora, iria ser notória durante a formação para condutora. Por essa

razão se escusara à promoção na Siemens e tinha-se tornado guarda de um campo de concentração. Por essa razão, para evitar o confronto com os peritos em grafologia, confessara ter escrito o relatório. Seria também por essa razão que ela falara de mais durante o processo? Por que não tinha podido ler o livro da filha, nem o texto da acusação e, portanto, ignorava as suas hipóteses de defesa e não pudera preparar-se convenientemente? Seria por essa razão que ela teria enviado as suas protegidas para Auschwitz? Para que elas se calassem se tivessem dado conta do seu ponto fraco? E seria por essa razão que escolhia as mais fracas?

Por essa razão? Eu podia compreender que se envergonhasse de não saber ler nem escrever, e que preferisse comportar-se comigo de uma maneira inexplicável em vez de se revelar. Afinal, eu sabia por experiência própria que a vergonha nos força a ter um comportamento esquivo, defensivo, a ocultar e a simular as coisas, inclusivamente a ferir os outros. Mas seria possível que a vergonha de não saber ler nem escrever

explicasse também o comportamento da Hanna durante o julgamento e no campo de concentração? Que preferisse ser acusada de um crime a passar por analfabeta? Que cometesse um crime por ter medo de se mostrar analfabeta?

Quantas vezes, então, não me fiz e continuei fazendo essa mesma pergunta! Se o motivo da Hanna era o medo de ser desmascarada, por que razão é que em vez da exposição simples como analfabeta escolheu outro muito pior: como criminosa? Ou acreditava ela ser possível livrar-se daquilo sem ser desmascarada? Era simplesmente estúpida? E era tão fútil e má que se tornasse numa criminosa para evitar um desmascaramento?

Naquele tempo, e desde então, neguei-me a acreditar em tal coisa. Não, dizia eu para mim próprio, a Hanna não se decidiu pelo crime. Decidiu-se contra a promoção na Siemens e foi parar ao trabalho como guarda. E não, ela não enviava no transporte para Auschwitz as fracas e as débeis porque tinham lido para ela, mas havia-as escolhido para a leitura porque queria tornar-lhes mais

suportável o último mês, antes de terem de voltar, impreterivelmente, para Auschwitz. E durante o julgamento não teve dúvidas na escolha entre passar por analfabeta ou por criminosa. Não fez cálculos nem traçou uma táctica. Simplesmente, aceitou que iam castigá-la; só não queria, ainda por cima, ser exposta. Não velava pelos seus interesses: lutava pela sua Verdade, pela sua Justiça. E, porque tinha sempre de simular um pouco, porque nunca podia ser muito franca, nunca totalmente ela própria, eram uma verdade lamentável e uma justiça lamentável, mas eram as suas, e a luta por elas era a sua luta.

Ela devia estar totalmente esgotada. Não lutava apenas no julgamento. Lutava sempre, e sempre tinha lutado, não para mostrar aos outros do que era capaz mas para esconder aquilo de que não era capaz. Uma vida cujos avanços consistiam em enérgicas retiradas e cujas vitórias eram ocultas derrotas.

A discrepância entre o que deve ter levado a Hanna a partir da minha cidade natal e o que eu então havia pensado e imaginado, tocou-me de um modo estranho.

Estava convencido de que a tinha afastado por a ter atraiçoado e renegado; mas, na realidade, ela apenas quis evitar expor-se na Companhia dos Eléctricos. De qualquer modo, o facto de não ter sido eu a afastá-la não modificava em nada o facto de a ter atraiçoado. Por isso, eu era culpado. E se não era culpado, porque atraiçoar uma criminosa não pode ser motivo de culpa, era culpado porque amara uma criminosa.

11.

Ao confessar ter escrito o relatório, a Hanna facilitou a vida às outras acusadas. A Hanna teria agido sozinha, ou teria acossado, ameaçado, obrigado as outras. Ela tomara nas mãos o comando. Era ela quem dava ordens e tinha sido ela a escrever o relatório. Era ela quem decidia.

Os habitantes da aldeia, que depunham como testemunhas, não podiam afirmar nem negar isso. Tinham visto várias mulheres de uniforme guardando a igreja a arder e sem abrir as portas, e por isso não se atreveram eles mesmos a abri-las. Haviam encontrado as mulheres quando elas se preparavam para partir no outro dia de

manhã, e reconheciam nelas as acusadas. Mas qual das acusadas tinha dado ordens durante o encontro matinal, se alguma acusada o fizera, isso nenhum podia dizer.

— Mas não pode afirmar que não era esta acusada que tomava as decisões? — o advogado de uma outra apontava para a Hanna.

Eles não podiam fazê-lo, como é que o poderiam fazer? E também não queriam fazê-lo na presença das outras acusadas, visivelmente mais velhas, mais cansadas, mais cobardes, mais amargas. Em comparação com as outras, a Hanna era a líder. Para além disso, a existência de uma líder ilibava os habitantes da aldeia: parecia melhor terem desistido de ajudar, confrontados com um grupo energicamente liderado, do que a desistência frente a um grupo de mulheres desorientadas.

A Hanna continuou a lutar. Confessou o que era verdade e negou o que não era verdade. Negou com uma veemência cada vez mais desesperada. Não gritava. Mas a intensidade com que falava já chocava o tribunal. Finalmente desistiu. Só falava quando lhe dirigiam perguntas, respondia em poucas e escassas palavras, por

vezes distraidamente.

Como para tornar visível que tinha desistido, agora ficava sentada quando falava. O juiz, que no começo do processo lhe havia dito muitas vezes que não tinha de estar em pé, que se preferisse podia ficar sentada, também notou isso com estranheza. Por vezes, para o final, eu tinha a impressão de que o tribunal já estava farto e queria terminar finalmente o caso; já não tinha toda a atenção posta no julgamento, mas sim em qualquer outra coisa novamente do presente, depois de longas semanas em viagem pelo passado.

Também eu estava farto. Mas não conseguia ultrapassar o caso. Para mim, o processo não estava a chegar ao fim, estava no começo. Até então, tinha sido espectador e subitamente tornara-me participante, parceiro, e podia influenciar a decisão. Não tinha procurado nem escolhido esse novo papel, mas agora tinha-o, quer quisesse quer não, quer fizesse qualquer coisa ou ficasse totalmente passivo.

Fazer algo... Esse algo só podia ser uma coisa. Poderia ir ter com o juiz e contar-lhe que a Hanna era analfabeta.

Que não era a atriz principal nem a única culpada em que todas as outras queriam convertê-la. Que o seu comportamento durante o processo não demonstrava especial incorrigibilidade, falta de inteligência ou atrevimento, mas que resultava de falta de conhecimento prévio do teor da acusação e do manuscrito e também da falta de qualquer sentido estratégico ou táctico. Que ela se tinha prejudicado muito na sua defesa. Que ela era culpada, mas não tão culpada como parecia.

Talvez eu não conseguisse convencer o juiz. Mas pelo menos dar-lhe-ia algo em que pensar e investigar. No fim, provar-se-ia que eu tinha razão, e a Hanna seria punida, mas com menos severidade. Teria de ir para a prisão, mas poderia ser libertada mais cedo, voltaria a ser livre mais cedo — não era por isso que ela lutava?

Sim, ela lutava por isso, mas não estava disposta a pagar o preço da sua exposição como analfabeta. Ela também não iria querer que eu atraiçoasse a imagem que quisera dar de si mesma, em troca de uns anos a menos na cadeia. Ela mesma poderia fazer uma troca dessas, mas não o fez, por isso não queria fazê-lo. Para ela, a sua

imagem valia uns anos de cadeia.

Mas será que valia? O que é que lhe trazia aquela imagem falsa, que a amarrava, tolhia e impedia de desenvolver-se como pessoa? Com a energia que investia na mentira da sua vida, já há muito que poderia ter aprendido a ler e a escrever.

Naquele tempo, tentei muitas vezes falar com amigos meus sobre o problema: imagina que alguém corre conscientemente para a sua ruína e que tu podes salvá-lo — o que farias? Imagina uma operação e um doente que toma drogas que são incompatíveis com a anestesia, mas que se envergonha de ser um drogado, e não o quer dizer ao anestesista — ias falar com o anestesista? Imagina um processo em tribunal e um acusado que vai ser punido porque não confessa que é canhoto e que por isso não pode ter cometido aquele crime, que foi cometido por uma mão direita, mas que tem vergonha de ser canhoto — irias dizer ao juiz o que se está a passar? Imagina que é um homossexual, que não pode ter cometido aquele ato, mas que tem vergonha de ser homossexual. Não se trata aqui da questão de uma pessoa se envergonhar por ser

canhoto ou homossexual: imagina, apenas, que o acusado tem vergonha.

12.

Decidi falar com o meu pai. Não que fôssemos muito chegados. O meu pai era uma pessoa fechada, não conseguia partilhar as emoções connosco, crianças, nem fazer nada com as emoções que nós lhe manifestávamos. Durante muito tempo, adivinhei que por trás do seu comportamento fechado havia um reino de tesouros escondidos. Mas, mais tarde, perguntei-me se haveria lá qualquer coisa. Talvez ele tivesse sido rico em emoções quando rapaz e, não lhes dando nenhuma expressão ao longo dos anos, deixou-as murchar e morrer.

Mas foi exatamente essa distância que me levou a conversar com ele. Fui falar com o filósofo que havia escrito sobre Kant e sobre Hegel, autores que eu sabia que haviam reflectido acerca de questões morais. Acreditava que ele também deveria ser capaz de poder discutir o meu problema de um modo abstracto, não se restringindo, ao contrário dos meus amigos, às deficiências dos meus exemplos.

Quando nós, crianças, lhe queríamos falar, o pai marcava-nos uma hora, tal como aos seus estudantes.

Trabalhava em casa e apenas ia à Universidade para estar com os colegas e para apresentar seminários. Os colegas e estudantes que queriam falar-lhe, iam a casa dele. Lembro-me de filas de estudantes apoiados à parede do corredor, à espera da sua vez, alguns lendo, outros contemplando as vistas da cidade que estavam penduradas no corredor, outros olhando o vazio, todos calados, apenas um cumprimento embaraçado quando nós, crianças, passávamos no corredor. Quando o nosso pai nos marcava uma hora, nós não esperávamos a nossa vez no corredor. Mas, à hora marcada, também batíamos à porta do escritório e só entrávamos quando éramos chamados.

Conheci dois dos escritórios do meu pai. As janelas do primeiro, aquele em que a Hanna percorreu com o dedo as lombadas dos livros, davam para a rua e para os edifícios da frente. As do segundo davam para a planície de águas do Reno. A casa para a qual havíamos mudado no princípio dos anos sessenta, e onde os meus pais ficaram a viver quando nós, crianças, crescemos, situava-se numa encosta acima da cidade. Tanto numa como

noutra, as janelas não aumentavam o espaço para o mundo do lado de fora, mas capturavam-no e reduziam-no a um quadro pendurado na parede. O escritório do meu pai era uma casa em que os livros, os papéis, os pensamentos e o fumo dos cachimbos e dos cigarros tinham inventado uma atmosfera própria, diferente da do mundo exterior. Para mim, era ao mesmo tempo familiar e estranha.

O meu pai deixou-me expor o problema na forma abstrata e depois com os exemplos.

— Tem a ver com o processo, não é verdade?

Abanou a cabeça para me mostrar que não esperava resposta, que não queria impor-me nada, que não queria saber nada de mim que eu não dissesse de minha livre vontade. Depois ficou sentado, a cabeça levemente inclinada para o lado, com as mãos apertando os braços da cadeira, e pôs-se a pensar. Não olhou para mim. Eu observei-o, o seu cabelo grisalho, as suas faces sempre mal barbeadas, as rugas fundas entre os olhos e as que iam das narinas aos cantos dos lábios. E esperei.

Quando falou, começou muito atrás, mostrando-me os

conceitos. Ensinou-me sobre a pessoa, a liberdade e a dignidade, sobre o Homem como sujeito, e que ninguém tem o direito de o converter em objecto.

— Já não te recordas de como te aborrecias quando eras pequeno, quando a mamã, para teu bem, te obrigava a fazer qualquer coisa que não querias? Até que ponto teremos nós o direito de o fazer com as crianças? É um verdadeiro problema. Um problema filosófico, mas a Filosofia não se ocupa das crianças. Deixou-as nas mãos da Pedagogia, onde é bastante mal tratada. A Filosofia esqueceu as crianças — sorriu-me —, esqueceu-as para sempre, e não apenas algumas vezes, como acontecia comigo.

— Mas...

— Mas, no caso dos adultos, não encontro com facilidade justificação para impor a alguém algo que um outro acha que é bom para ele, preterindo que o primeiro acha que é bom para si próprio.

— Nem quando mais tarde ficam felizes com isso? Ele abanou a cabeça.

— Nós não estamos a falar sobre a felicidade, mas sim sobre a dignidade e a liberdade. Já em criança conhecias

a diferença. Não te consolava nada que a mamã tivesse sempre razão.

Hoje recordo com agrado aquela conversa com ele. Tinha-a esquecido até que, depois da sua morte, comecei a procurar no fundo da memória os bons momentos, vivências e experiências que tivera com ele. Ao encontrá-la, analisei-a, admirado e feliz. Naquela altura, primeiro fiquei confuso com aquela mistura de abstração e de diáfana claridade das palavras do meu pai. Mas, finalmente, compreendi o que ele queria dizer: que eu não devia falar com o juiz; mais, que nem sequer tinha o direito de lhe falar, e fiquei aliviado.

O meu pai apercebeu-se disso.

— Então, gostas de Filosofia?

— Bem, sim, eu não sabia se devia agir na situação que te descrevi, e realmente não estava feliz com a hipótese de ter que o fazer, e pensar que nem tão-pouco tenho o direito... Penso que é...

Eu não sabia o que dizer. Um alívio? Tranquilizador? Agradável? Isto não tinha nada a ver com a moralidade e a responsabilidade. Podia dizer que me parecia bem,

soava a ético e a responsável, mas não poderia dizer que aquilo me produzia apenas uma sensação de alívio.

— Agradável? — sugeriu o meu pai.

Fiz que sim com a cabeça e encolhi os ombros.

— Não, o teu problema não tem uma solução agradável. Naturalmente que temos de agir se a situação que descreveste é uma situação que implica uma responsabilidade involuntária ou uma responsabilidade que decidimos assumir. Ao sabermos o que é melhor para o outro, e sabendo que ele se nega a vê-lo, temos que tentar abrir-lhe os olhos. Devemos deixar-lhe sempre a última palavra, mas temos que falar com ele, com ele e não com outra pessoa nas suas costas.

Falar com a Hanna? O que deveria dizer-lhe? Que desvendara o segredo da sua vida? Que ela estava prestes a sacrificar toda a vida por causa dessa estúpida mentira? Que aquela mentira não era merecedora desse sacrifício? Que ela devia lutar para não ter que passar na prisão mais tempo do que o necessário, para depois poder ainda fazer algo de novo com a sua vida? O que iria ela fazer depois do tempo passado na prisão? Teria

eu o direito de a privar daquela mentira sem lhe abrir uma outra perspectiva de vida? Não me ocorria nenhuma a longo prazo, e também não sabia como ir ter com ela e dizer-lhe que era correto depois do que ela tinha feito, que a sua perspectiva de vida a curto e médio prazo significava prisão. Não era capaz de aparecer à sua frente e dizer-lhe qualquer coisa. Não sabia, simplesmente, como ir ter com ela.

Perguntei ao meu pai:

— E o que é que acontece quando não conseguimos ir falar com essa pessoa?

Olhou-me, confuso, e eu sabia também que a pergunta não tinha nada a ver com o assunto. Já não tinha nada a ver com a moral. Eu devia apenas tomar uma decisão.

— Não consegui ajudar-te.

O meu pai levantou-se e eu também.

— Não, não tens que te ir embora, só me doem as costas.

Estava em pé, arqueado, as mãos pressionando os rins.

— Não posso afirmar que lamente não poder ajudar-te. Quero dizer, como filósofo, que é a quem tu colocaste a questão. Como pai, acho que o facto de não poder ajudar

os meus filhos é simplesmente insuportável.

Fiquei à espera, mas ele não disse mais nada. Achei que estava a simplificar as coisas; eu sabia quando é que ele deveria ter-se preocupado mais connosco, e como poderia ter-nos ajudado mais. Depois pensei que ele talvez também o soubesse e sofresse realmente com isso. Mas, de qualquer maneira, não soube dizer-lhe mais nada. Fiquei embaraçado, e tive a sensação de que ele também estava.

— Sim, então...

— Podes voltar sempre — disse o meu pai, olhando-me.

Não acreditei nele, e fiz que sim com a cabeça.

13.

Em Junho, o tribunal mudou-se para Israel durante duas semanas. A recolha do depoimento era coisa para poucos dias. Mas o juiz e os advogados do Ministério Público misturaram os acontecimentos judicial e o turístico: Jerusalém e Tel Aviv, o deserto do Negev e o Mar Vermelho. Certamente que isto estava correto do ponto de vista laboral, lúdico e económico. Mesmo assim, pareceu-me bizarro.

Planeara dedicar-me totalmente ao curso durante essas duas semanas. Mas as coisas não se passaram como planeara e decidira. Não conseguia concentrar-me no estudo, nem nos professores, nem nos livros. Os meus pensamentos desviavam-se sempre e sempre, perdidos em imagens.

Vi a Hanna perto da igreja em chamas, com uma expressão dura, de uniforme negro e um pingalim com o qual traça círculos na neve e bate nos canos das botas.

Vi-a escutando enquanto lhe liam em voz alta: ouve com atenção, não faz perguntas nem tece comentários.

Quando a sessão termina, informa a leitora que esta irá no transporte para Auschwitz no dia seguinte. A leitora, uma criatura franzina com tranças negras e olhos míopes, começa a chorar. Hanna bate com a mão na parede e entram duas mulheres, também elas prisioneiras em roupas listadas, e arrastam a leitora para fora. Vi a Hanna a percorrer as ruas do campo de concentração e a entrar nas barracas das prisioneiras e a fiscalizar os trabalhos das obras. Faz tudo isto com a mesma expressão dura, com os olhos frios e os lábios apertados, e as prisioneiras baixam a cabeça, inclinam-se para o trabalho, apertam-se contra a parede, para dentro da parede, querem desaparecer dentro da parede. Por vezes aparecem muitas prisioneiras ou correm de um lado para o outro ou formam filas ou marcham, e a Hanna está no meio delas e grita as ordens de comando, a cara convertida numa máscara feia, vociferante, e ajudando com o pingalim. Vi o campanário caindo sobre o telhado da igreja e as chispas a saltarem, e ouvi os gritos de desespero das mulheres. Vi a igreja ardida na manhã seguinte ao bombardeamento.

Perto destas imagens via as outras. A Hanna calçando as meias na cozinha, segurando o toalhão diante da banheira, andando de bicicleta com o vestido flutuante, em pé no escritório do meu pai, dançando à frente do espelho, olhando-me de longe na piscina, a Hanna escutando-me, falando comigo, sorrindo-me, amando-me. Mau era quando as imagens se misturavam. A Hanna amando-me com os olhos frios e os lábios apertados, ouvindo-me sem palavras durante a leitura e no fim batendo com a mão na parede, falando comigo e com a face numa careta feia. Pior ainda eram os sonhos em que a dura, masculina e cruel Hanna me excitava sexualmente e dos quais acordava com saudades, vergonha e indignação. E com medo de não saber quem eu era realmente.

Sabia que aquelas imagens fantasiadas não eram mais do que pobres clichés. Não faziam justiça à Hanna que eu conhecera e que estava a conhecer. Ao mesmo tempo, tinham uma grande força. Desagregavam as imagens recordadas e ligavam-se às do campo de concentração que eu tinha na cabeça.

Quando hoje recordo esses anos, lembro-me de quão poucas imagens concretas tínhamos na realidade, quão poucas imagens que representassem a vida e o assassínio nos campos de concentração. De Auschwitz, conhecíamos o portão com a inscrição, as camas de madeira sobrepostas, os montes de cabelos e de óculos e de malas; de Birkenau, o edifício da entrada com a torre, as alas laterais e a estação do caminho de ferro; e de Bergen-Belsen, as pilhas de cadáveres que os Aliados haviam descoberto e fotografado durante a libertação. Conhecíamos alguns depoimentos de prisioneiros, mas muitos desses depoimentos apareceram pouco depois da guerra e voltaram a ser editados apenas nos anos oitenta, pois durante muito tempo não interessaram às editoras. Hoje dispomos de tantos livros e de filmes que o universo dos campos de concentração se tornou uma parte do imaginário colectivo que completa o mundo real. A imaginação conhece-o bem, e desde a série Holocausto e de filmes como A Escolha de Sofia, e sobretudo A Lista de Schindler, movimenta-se bem nele, não se limita a aperceber, mas acrescenta-o e enfeita-o. Nesse tempo, a

fantasia quase não se movia; tínhamos a sensação de que a comoção provocada pelo mundo dos campos de concentração não era compatível com o trabalho da imaginação. A imaginação limitava-se a contemplar perpetuamente aquelas poucas imagens dadas pelas fotografias tiradas pelos Aliados e pelos depoimentos de prisioneiros, até que essas imagens se fixaram e se tornaram clichés.

14.

Decidi partir. Se eu pudesse partir para Auschwitz de um momento para o outro, tê-lo-ia feito. Mas obter um visto demorava semanas. Por isso, fui para o Struthof, na Alsácia. Era o campo de concentração mais próximo. Nunca tinha visto nenhum. Queria exorcizar os clichés com a realidade.

Fui à boleia, e lembro-me da viagem com um camionista que esvaziava uma garrafa de cerveja atrás da outra, e do condutor de um Mercedes que guiava de luvas brancas.

Depois de Estrasburgo, tive sorte: o carro ia para Schirmeck, uma cidade pequena, não muito longe de Struthof.

Quando disse ao condutor aonde pretendia ir exatamente, calou-se. Observei-o, mas não consegui ler-lhe na cara por que razão se calara, subitamente, a meio de uma conversa animada. Era um homem de meia-idade, de rosto magro, com um sinal ou queimadura vermelha na têmpora direita, e o cabelo negro penteado em farripas e com uma risca cuidadosamente marcada. Olhava a estrada, concentrado.

A nossa frente, os Vosgos diluíam-se em colinas. Viajávamos por entre vinhas num vale muito aberto, subindo suavemente. À esquerda e à direita, crescia pelas encostas uma floresta mista, um pavilhão fabril com o telhado inclinado e com um muro de tijolo, um velho sanatório, uma grande casa com muitas torreias rodeada de árvores altas. Por vezes à esquerda, outras vezes à direita, o caminho de ferro acompanhava-nos.

Então ele recomeçou a conversar. Perguntou-me por que ia visitar o Struthof, e falei-lhe do julgamento e do meu problema com a falta de imagens concretas.

— Ah, o senhor quer entender o que é que faz com que os homens possam cometer coisas tão medonhas.

Tive a impressão de que o tom era ligeiramente irónico. Mas talvez fosse apenas o colorido do dialecto e a maneira de falar. Antes que eu pudesse responder, continuou.

— O que é que quer entender realmente? Compreende que se mate por paixão, por amor ou por ódio, pela honra ou por vingança?

Assenti com a cabeça.

— Compreende, também, que se mate para enriquecer, ou para ter poder? Que se mate durante as guerras ou numa revolução?

Voltei a assentir com a cabeça.

— Mas...

— Mas aqueles que foram mortos nos campos de concentração não tinham feito nada aos que os mataram. É isto que quer dizer? Quer dizer que não havia nenhum motivo para o ódio e que não havia nenhuma guerra?

Eu não quis voltar a concordar acenando com a cabeça. O que ele estava a dizer era verdade, mas não a maneira como ele o dizia.

— Tem razão, não havia guerra nem nenhum motivo para o ódio. Mas o carrasco também não odeia aquele que vai executar e, contudo, executa-o. Porque lho ordenaram? Pensa que ele o faz porque lhe foi ordenado? E pensa que eu estou agora a falar de ordens e de obediência e de que nos campos de concentração as tropas recebiam ordens e tinham que obedecer?

Riu-se com desprezo.

— Não, não estou a falar de ordens e da obediência. O

carrasco não obedece a nenhuma ordem. Faz o seu trabalho e não odeia os que executa, não se vinga deles, não os mata porque estão no seu caminho ou porque o ameaçam ou o atacam. São-lhe totalmente indiferentes, tanto os pode matar como não matar.

Olhou-me.

— Nenhum «mas»? Vá lá, diga que um homem não deve ser tão indiferente em relação a outro. Não foi isso que aprendeu? A ser solidário com tudo o que tenha feições humanas? A dignidade humana? O respeito pela vida?

Sentia-me indignado e desamparado. Procurava uma palavra, uma frase que pudesse apagar o que dissera, e que o calasse.

— Uma vez — continuou ele —, vi uma fotografia de um fuzilamento de judeus na Rússia: os judeus esperam nus numa longa fila, uns estão à beira de uma cova, e atrás deles há soldados com espingardas apontadas e disparam-lhes para a nuca. Isto passa-se numa pedreira, e num nicho por cima dos judeus e dos soldados está sentado um oficial, teria as pernas a abanar e fuma um cigarro. Parece estar um bocado aborrecido. Talvez

aquilo não esteja a decorrer com a rapidez que queria. Mas, ao mesmo tempo, tem na cara uma expressão um pouco satisfeita, até divertida, talvez porque, ainda assim, o trabalho do dia vai andando e em breve estará no fim.

Não odeia os judeus. Não é...

— Era o senhor? Estava sentado no nicho e...

Parou o carro. Estava muito pálido, e a mancha da sua têmpora brilhava.

— Fora!

Saí. Ele fez meia volta, de tal maneira que tive de dar um salto para o lado. Ainda ouvi chiar nas curvas seguintes. Depois ficou tudo silencioso.

Continuei a subir a estrada. Não passou por mim outro carro, nem veio nenhum em sentido contrário. Ouvia os pássaros, o vento nas árvores,.por vezes o murmúrio de um ribeiro. Respirei aliviado. Um quarto de hora depois, cheguei ao campo de concentração.

15.

Voltei lá há pouco tempo. Era Inverno, um dia claro e frio.

Atrás de Schirmeck, a floresta estava nevada, as árvores

polvilhadas de branco e o chão coberto de branco. O

terreno à volta do campo de concentração, uma grande

planície que descia para um planalto de onde se tinha

uma boa vista sobre os Vosgos, era branco sob o sol

brilhante. A madeira azul-acastanhada das torres de vigia,

com dois e três andares, e das barracas térreas

contrastava acolhedoramente com a neve. Claro que

havia o portão gradeado com os dizeres Campo de

Concentração de Struthof-Natzweiler, e a rede de duplo

arame farpado em volta do campo. Mas o chão entre as

barracas que restavam, onde antes se alinharam muitas mais barracas coladas umas às outras, já não deixava

adivinhar nada por debaixo das cintilações da neve.

Poderia ser uma pista de trenós para crianças que

estivessem em férias de Natal naqueles acolhedores

barracões com agradáveis janelas de tabuinhas, e para

onde iriam ser chamadas em breve para comerem

bolinhos e beberem chocolate quente.

O campo estava fechado. Caminhei na neve, em redor, e fiquei com os pés molhados. Podia ver bem todo o terreno vedado e lembrei-me de que na primeira visita passara pelas escadas que subiam por entre as fundações dos barracões que foram demolidos. Lembrava-me também dos fornos crematórios que eram então mostrados num barracão, e de um outro barracão que fora um calabouço. Lembrava-me da minha inútil tentativa de tentar imaginar, concretamente, um campo de concentração repleto, e os prisioneiros e as tropas e o sofrimento. Tentei-o realmente, olhei para um barracão, fechei os olhos e mentalmente alinhei barracões. Medi a passo um barracão, calculei, com a ajuda do folheto informativo, o número de prisioneiros que o ocupava e imaginei a sua estreiteza. Sabia que os degraus entre os barracões serviam como lugar de chamada e, percorrendo-os com o olhar de um extremo ao outro do campo, preenchi-os com costas enfileiradas. Mas foi tudo inútil, e tive a sensação de um falhanço lastimoso e vergonhoso. No caminho de regresso de carro, encontrei, muito lá em baixo, em frente a um restaurante na encosta, uma pequena casa que

servira de câmara de gás. Estava pintada de branco, tinha portas e janelas enquadradas por grés e poderia ter sido um celeiro ou um armazém ou uma casa para os criados. Também estava fechada, e não me lembro de alguma vez ter estado lá dentro. Não saí do carro. Fiquei parado a olhá-la durante algum tempo, com o motor ligado. Depois continuei.

No regresso a casa, primeiro não ousei passear pelas aldeias da Alsácia e procurar um restaurante para almoçar. Esse pejo não vinha de um verdadeiro sentimento mas da reflexão sobre o modo como deveria sentir-me depois da visita a um campo de concentração. Ao aperceber-me disto, encolhi os ombros; encontrei o restaurante Au Petit Garçon numa aldeia na encosta dos Vosgos. Da mesa tinha vista para a planície. «Miúdo», era assim que a Hanna me chamava.

Na minha primeira visita andei pelo campo de concentração até fechar. Depois sentei-me na base do monumento que está acima do campo e fiquei a contemplá-lo. Sentia em mim um grande vazio, como se tivesse procurado, não no que me era exterior mas dentro

aquelas imagens que me faltavam, e tivesse de concluir que dentro de mim não havia nada.

Escureceu então. Tive que esperar uma hora até que um camionista me deixou sentar na caixa aberta de um pequeno camião e me levou à aldeia mais próxima.

Desisti de voltar no mesmo dia para casa à boleia.

Encontrei um quarto barato numa estalagem da aldeia e comi na sala de jantar um delgado bife com batatas fritas e ervilhas.

Numa mesa vizinha, quatro homens barulhentos jogavam às cartas. A porta abriu-se e, sem cumprimentar, entrou um homem velho e baixo. Vestia calças curtas e tinha uma perna de pau. Pediu uma cerveja no balcão. Virou as costas e o enorme crânio calvo contra a mesa vizinha. Os jogadores pousaram as cartas, agarraram nos cinzeiros, recolheram as beatas e começaram a atirar-lhas com muita pontaria. O homem ao balcão esbracejou com as mãos na nuca, como se quisesse afastar moscas. O estalajadeiro serviu-lhe cerveja. Ninguém dizia nada.

Não consegui aguentar, levantei-me com um salto e cheguei-me à mesa vizinha da minha. — Acabem com

isso! — Tremia de indignação.

Nesse momento, o homem aproximou-se, coxeando em pequenos saltos, desenros-cou a perna de pau, bateu ruidosamente com ela na mesa, de maneira a que os copos e os cinzeiros dançassem, e deixou-se cair na cadeira desocupada. Ria com uma boca desdentada, um riso aos guinchos, e os outros riram com ele, um retumbante riso de bêbados. — Acabem com isso — riam, e apontavam o dedo para mim —, acabem com isso.

Durante a noite, um vendaval fustigou a casa. Não tinha frio, e os uivos do vento, o ranger da árvore à frente da janela e o bater ocasional de uma portada não faziam tanto barulho que eu não conseguisse dormir. Mas, interiormente, estava cada vez mais inquieto, até que todo o corpo começou a tremer. Tive medo, não por temer acontecimentos funestos, mas um medo físico. Estava ali deitado, escutava o vento, ficava aliviado quando este se tornava mais fraco e mais silencioso, receava a sua renovada intensidade e não sabia como poderia levantar-me na manhã seguinte, voltar para casa à boleia,

continuar a estudar e, um dia, ter um emprego e mulher e filhos.

Queria compreender e, ao mesmo tempo, condenar o crime de Hanna. Mas era demasiado medonho. Quando tentava compreendê-lo, tinha a sensação de já não o condenar como devia. Ao condená-lo como devia, não ficava nenhum espaço para a compreensão. Mas, ao mesmo tempo, eu queria compreender a Hanna; não a compreender, significava dizer voltar a atraiçoá-la. Não consegui resolver o dilema. Queria assumir as duas coisas ao mesmo tempo: a compreensão e a condenação. Mas não era possível.

No dia seguinte, estava novamente uma linda manhã de Verão. Foi fácil apanhar boleia, e o regresso demorou poucas horas. Percorri a cidade como se tivesse estado fora durante muito tempo; as ruas e as casas e as pessoas eram-me estranhas. Mas, apesar disso, o estranho mundo dos campos de concentração também não tornou a aproximar-se de mim. As minhas impressões de Struthof associaram-se às poucas imagens que tinha de Auschwitz e de Birkenau e de Bergen-Belsen, e

imobilizaram-se com elas.

16.

Depois, fui ainda ter com o juiz. Não consegui ir ter com a Hanna. Mas também não aguentava ficar sem fazer nada. Por que é que não fui capaz de falar com a Hanna? Ela havia-me abandonado, havia-me enganado, não era quem eu imaginava que era ou que fantasiara. E quem era eu para ela? O pequeno leitor que ela usara, o pequeno amante com quem se tinha divertido? Ter-me-ia enviado também para a câmara de gás se não tivesse podido deixar-me, e quisesse desembaraçar-se de mim? Por que é que não aguentei ficar sem fazer nada? Convencia-me de que queria evitar um erro judicial. Tinha que zelar para que se fizesse justiça, independentemente da mentira da vida da Hanna, por assim dizer: justiça a favor e contra Hanna. Mas, na realidade, não se tratava verdadeiramente de justiça. Não conseguia deixar a Hanna como ela era ou como queria ser. Tinha que fazer alguma coisa por ela, exercer nela um qualquer tipo de influência, se não direta, então de modo indireto.

O juiz conhecia o nosso grupo do seminário e estava

disposto a receber-me para conversar depois de uma audiência. Bati à porta, deu-me licença para entrar, cumprimentou-me e convidou-me a sentar na cadeira em frente à sua secretária, atrás da qual estava sentado em mangas de camisa. A toga espalhava-se pelas costas e pelos braços da sua cadeira; sentara-se com a toga vestida e depois tinha-a deixado escorregar. Parecia descontraído, um homem que tinha cumprido o seu dia de trabalho e que estava satisfeito com isso. Sem a expressão irritada atrás da qual se entrincheirava durante o julgamento, tinha uma cara simpática de funcionário, inteligente e inofensiva. Começou a conversa, e perguntou-me muitas coisas. O que o nosso grupo do seminário pensava sobre o processo, qual era a intenção do nosso professor em relação aos apontamentos que tomávamos, de que semestre éramos, de que semestre era eu, por que estudava Direito e quando pretendia licenciar-me. Não deveria, qualquer que fosse a razão, atrasar-me na inscrição para o exame final.

Respondi a todas as perguntas. Depois escutei-o, ao contar-me dos seus estudos e do seu exame final. Tinha

feito tudo como devia ser feito. Assistira na altura certa a todos os cursos e seminários necessários e finalmente licenciara-se. Gostava muito de ser jurista e juiz e, se tivesse de voltar para trás e fazer tudo de novo, faria tudo da mesma maneira.

A janela estava aberta. No parque ouvia-se portas a fechar e motores a serem ligados. Ouvia os carros até o barulho ser engolido pelo do trânsito. Depois chegaram as crianças e fizeram barulho no parque vazio. Por vezes ouvia-se, com muita nitidez, uma palavra: um nome, um insulto, um chamar.

O juiz levantou-se e despediu-se de mim. Poderia voltar outra vez quando quisesse, se tivesse mais perguntas. E também se precisasse de algum conselho nos estudos. E ficaria satisfeito se o nosso grupo do seminário o informasse do que tinha aproveitado do processo como matéria de análise e de apreciação.

Atravessei o parque vazio. Pedi a um rapaz, mais velho do que os outros, que me indicasse o caminho para a estação. Os meus companheiros tinham partido assim que chegou o fim da sessão, e eu tinha que apanhar o

comboio. Era um comboio de final da tarde, que parava em todas as estações; as pessoas saíam e entravam, eu ia sentado à janela, rodeado de pessoas sempre diferentes, de conversas, de cheiros. Lá fora, passavam as casas, as ruas, os carros, as árvores e, ao longe, as montanhas, os palácios e as pedreiras. Apercebia-me de tudo e não sentia nada. Já não estava ofendido por a Hanna me ter abandonado, enganado e utilizado. Também já não sentia a necessidade de fazer qualquer coisa por ela. Senti que o embotamento com que eu seguira os horrores do processo se depositara agora nos sentimentos e nos pensamentos tidos nas últimas semanas. Se dissesse que estava alegre com isso, exageraria. Mas senti que era isso do que eu precisava. Era o que me permitia regressar ao meu dia-a-dia e continuar a viver nele.

17.

A sentença foi promulgada no fim de Junho. A Hanna foi condenada a prisão perpétua. As outras acusadas tiveram penas inferiores.

A sala do tribunal estava tão cheia como na abertura do processo. Funcionários da Justiça, estudantes da Universidade local e da minha, uma turma escolar, jornalistas nacionais e estrangeiros e aqueles que sempre aparecem nas salas dos tribunais. Faziam muito barulho. De início, quando as acusadas foram introduzidas na sala, ninguém lhes prestou atenção. Mas depois o público calou-se. Os que se calaram primeiro foram os que tinham lugar mais perto das acusadas. Acotovelaram os vizinhos e voltaram-se para trás, para os dos lugares nas suas costas. — Olhem — murmuravam, e os que olhavam também se calavam, acotovelavam os vizinhos, voltavam-se também para a fila de trás e murmuravam: — Olhem. — E finalmente fez-se silêncio na sala de tribunal. Não sei se a Hanna tinha consciência do seu aspecto, se era aquele o aspecto que queria ter. Vestia um fato preto

e uma blusa branca, e o corte do fato e a gravata da blusa faziam parecer que trazia um uniforme. Nunca vi os uniformes femininos das SS. Mas tive a impressão, e o mesmo sucedeu aos outros, de o ter diante dos nossos olhos: o uniforme e a mulher que com ele trabalhava para as SS, que fazia também tudo aquilo que a Hanna era acusada de fazer.

Os visitantes recomeçaram a murmurar. Muitos estavam manifestamente indignados. Sentiam que o processo, a condenação e eles próprios, que tinham vindo para ouvirem a leitura da sentença, estavam a ser escarnecidos pela Hanna. Tornaram-se mais ruidosos, e alguns insultaram a Hanna. Até que o tribunal entrou na sala e o juiz, depois de lançar um olhar irritado para a Hanna, promulgou a sentença. A Hanna ouviu-a em pé, direita e sem se mover. Sentou-se durante a leitura da fundamentação da sentença. Não desviei o olhar da sua cabeça e da nuca.

A leitura demorou várias horas. Ao chegar ao fim, e quando as acusadas foram conduzidas para fora da sala, esperei para ver se a Hanna olharia para mim. Estava

sentado no lugar do costume. Mas ela olhava em frente sem nada ver. Um olhar arrogante, ferido, perdido e infinitamente cansado. Um olhar que não quer ver nada, nem ninguém.

TERCEIRA PARTE

1.

Depois do julgamento, passei o Verão na sala de leitura da Biblioteca da Universidade. Chegava quando a sala abria e ia-me embora quando fechava. Aos fins de semana estudava em casa. Estudava de uma forma tão exclusiva, tão obsessiva, que continuaram embotados os sentimentos e os pensamentos que o julgamento tinha deixado embotados. Evitava contatos com toda a gente. Saí de casa e aluguei um quarto. Afastava os poucos conhecidos que me dirigiam a palavra na sala de leitura ou em algumas idas ao cinema.

Durante o semestre de Inverno quase não mudei o meu comportamento. Contudo, perguntaram-me se queria ir passar o Natal com um grupo de estudantes numa cabana de esqui. Para meu próprio espanto, aceitei.

Não era um bom esquiador. Mas gostava muito de esquiar e de o fazer depressa, e conseguia manter-me lado a lado com os bons esquiadores. Por vezes arriscava cair e partir alguma coisa nas descidas para que não estava realmente preparado. Fazia-o conscientemente. O

outro risco que corri, e que finalmente se materializou,

nunca me apercebi dele.

Nunca tinha frio. Enquanto os outros esquiavam de

camisola e casaco, eu fazia-o de camisa. Os outros

abanavam a cabeça, chamavam-me a atenção. Mas

também não levava a sério as suas preocupadas

advertências. Simplesmente, não tinha frio. Quando

comecei a tossir, atribuí-o aos cigarros austríacos.

Quando comecei a ter febre, tirei proveito do meu estado.

Estava fraco e ao mesmo tempo leve e os sentidos

agradavelmente embotados, envoltos em algodão,

voluptuosos. Levitava.

Depois tive febre alta e levaram-me para o hospital.

Quando o deixei, o embotamento tinha terminado. Todas as perguntas, medos, queixas e autocensuras, todo o

horror e toda a dor que haviam surgido durante o

processo e que eram imediatamente embotados, estavam

ali outra vez e ali ficaram para sempre. Não sei qual é o

diagnóstico dos médicos quando alguém não tem frio,

embora devesse ter. O meu próprio diagnóstico é que o

embotamento tinha que invadir o meu corpo antes de

poder libertar-se de mim, antes de poder libertar-me dele. Quando terminei o curso e iniciei o estágio, veio o Verão das movimentações estudantis. Interessava-me pela História e pela Sociologia e, como estagiário, ainda tinha que ir suficientes vezes à Universidade para estar a par de tudo. Estar a par não quer dizer participar; a Universidade, e a reforma universitária, eram-me realmente tão indiferentes quanto o Vietcong e os americanos. Quanto ao terceiro e verdadeiro tema relacionado com a movimentação estudantil, ou seja, o conflito com o passado nacional-socialista, sentia-me tão distante dos outros estudantes que não me apetecia manifestar-me com eles.

Às vezes, penso que o conflito com o passado nacional-socialista não era o motivo, a verdadeira força motriz do movimento estudantil, mas sim a expressão do conflito de gerações. As expectativas dos pais, das quais cada geração tem que se libertar, ficavam simplesmente goradas com o facto de esses pais terem falhado durante o III Reich ou pelo menos no final. Como poderiam ter alguma coisa a dizer aos seus filhos aqueles que tinham

cometido crimes nacional-socialistas, ou que tinham assistido a eles, ou que os tinham ignorado, ou que tinham tolerado que os criminosos vivessem entre eles depois de 1945, ou que os tinham mesmo aceite? Mas, por outro lado, as crianças que não podiam, ou que não queriam, acusar os pais de nada, também se viam confrontadas com um passado nacional-socialista. Para elas, o conflito de gerações não era a discussão desse passado, era o problema em si.

A culpa colectiva, quer seja aceite ou não do ponto de vista moral ou jurídico, foi uma realidade vivida para a minha geração de estudantes. Não dizia apenas respeito ao que acontecera durante o III Reich. Que as pedras tumulares dos judeus fossem pintadas com cruzes gamadas, que tantos velhos nazis fizessem carreira nos tribunais, e na administração pública e nas universidades, que a Alemanha Ocidental não reconhecesse o estado de Israel, que a emigração e a resistência fossem menos concorridas do que a vida vivida na resignação — tudo isto nos enchia de vergonha mesmo quando podíamos apontar o dedo aos culpados. Apontar o dedo aos

culpados não nos libertava da nossa culpa. Mas tornava o sofrimento mais suportável. Transformava esse sofrimento passivo em energia, atividade, agressão. E o conflito com os pais culpados estava muito carregado de energia.

Eu não podia apontar o dedo a ninguém. De modo nenhum aos meus pais,

porque não poderia acusá-los de nada. O zelo progressista com que na altura participei no seminário dos campos de concentração, tinha condenado o meu pai à vergonha, mas havia-se dissipado e tornara-se incomodativo. Mas aquilo que outros do meu meio social haviam feito e que os tinham tornado culpados, não era nada comparado com o que a Hanna fizera. Era a ela que tinha realmente de apontar o dedo. Mas o dedo apontado a Hanna voltava-se para mim. Eu tinha-a amado. Não a tinha apenas amado, eu tinha-a escolhido. Tentei convencer-me de que, ao escolher a Hanna, não sabia nada do seu passado. Tentei convencer-me de que o meu estado de inocência era o mesmo com que os filhos amam os pais. Mas o amor aos pais é o único amor pelo

qual não somos responsáveis.

E talvez até sejamos responsáveis pelo amor que temos

pelos pais. Nesse tempo, invejei os outros estudantes que

renegavam os pais e, com eles, toda a geração dos que atuaram, dos espectadores, dos que viraram a cara, dos

tolerantes e dos que aceitaram, e que desse modo

ultrapassaram o sofrimento provocado pela vergonha.

Mas de onde vinha essa arrogante intransigência que

exibiam tantas vezes? Como era possível sentir vergonha

e culpa, e ao mesmo tempo comportar-se com arrogância

e intransigência? O ato de renegar os pais seria apenas

retórica, barulho, ruído que deveria abafar o facto de o

amor pelos pais implicar irremediavelmente a

cumplicidade com as suas culpas?

Isto são pensamentos que me apareceram mais tarde. E,

contudo, nem mais tarde me consolaram. Como poderia

ser um consolo que o meu sofrimento por ter amado a

Hanna fosse o destino da minha geração, o destino dos

alemães, com a diferença de que eu não consegui

resolver nem consegui esconder tão bem como os

outros? E, contudo, nesse tempo ter-me-ia feito bem se

me tivesse sentido integrado na minha geração.

2.

Casei era ainda um estagiário. A Gertrud e eu tínhamo-nos conhecido na cabana de esqui, e quando os outros foram para casa no fim das férias, ela ficou até que eu tivesse alta do hospital e pudesse voltar para casa.

Também era jurista; estudámos juntos, passámos juntos o exame final e tornamo-nos estagiários. Casámos quando Gertrud engravidou.

Nunca lhe contei nada acerca da Hanna. Quem é que quer, pensava eu, ouvir coisas das anteriores relações do outro quando a atual relação não eclipsa as passadas?

Gertrud era inteligente, trabalhadora e leal, e se a nossa vida tivesse sido gerir uma empresa agrícola com muitos trabalhadores, muitos filhos, muito trabalho e nenhum tempo, então seria plena e feliz. Mas a nossa vida era uma casa de três assoalhadas num prédio novo dos arredores, a nossa filha Julia, e o trabalho de Gertrud e o meu como estagiários. Nunca consegui deixar de comparar o que sentia quando estava com a Gertrud com aquilo que sentia quando estava com a Hanna, e sempre que estávamos abraçados, tinha a sensação de que algo

não estava bem, ela não estava bem: não tinha o tacto, nem o cheiro, nem o sabor certos. Pensei que isso passasse. Esperei que isso passasse. Queria libertar-me da Hanna. Mas aquela sensação de que algo não estava bem... nunca perdi a sensação de que algo não estava bem.

Quando a Julia fez cinco anos, divorciámo-nos. Já não aguentávamos mais, separámo-nos sem amargura e ficámos ligados por laços de lealdade. O que me magoou foi termos privado a Julia da segurança que ela, visivelmente, desejava. Quando a Gertrud e eu éramos confidentes e afeiçoados, Julia nadava ali como um peixe na água. Estava no seu elemento. Quando se apercebia de tensões entre nós, corria de um para o outro e assegurava-se de que éramos gentis e que nos amávamos. Ela desejava ter um irmãozinho, e sem dúvida que teria ficado contente com vários. Durante muito tempo, não conseguiu entender o que significava o divórcio; e quando eu a visitava, queria que ficasse, e quando me visitava, que a Gertrud também ficasse. Quando me ia embora e ela ficava a olhar pela janela e

eu entrava para o carro, debaixo do seu olhar triste,
partia-se-me o coração. E tinha a sensação de que aquilo
que lhe sonegávamos era não apenas o seu desejo mas
também um seu direito. Ao divorciarmo-nos, privámo-la
desse direito; e pelo facto de o termos feito de comum
acordo, a culpa não era dividida ao meio.
Esforcei-me por procurar e aprofundar melhor as minhas
relações seguintes. Para que uma relação resultasse,
convenci-me de que ao tocar e apalpar uma mulher, ela
deveria provocar-me uma sensação um pouco como a
que tinha com a Hanna, deveria cheirar e saber um pouco como ela. E comecei a falar-lhes da Hanna. Também lhes
contei mais coisas de mim do que as que tinha contado à
Gertrud; assim poderiam compreender a que se devia
algo que lhes parecesse mais estranho no meu
comportamento ou nos meus humores. Mas elas não
queriam ouvir-me durante muito tempo. Lembro-me de
Helen, uma americana especialista em Literatura: quando
lhe contava esse tipo de coisas, afagava-me gentilmente
as costas sem falar; e mesmo quando eu parava de falar,
continuava da mesma maneira a afagar-me gentilmente.

Gesina, uma psicanalista, pensava que eu deveria resolver a minha relação com a minha mãe: será que eu não reparava que a minha mãe quase não aparecia na minha história? Hilke, uma dentista, perguntava-me muitas vezes sobre o tempo antes de nos termos conhecido, mas logo esquecia o que eu lhe contava. Por isso, acabei por deixar de falar desse passado. Porque se a verdade daquilo que dizemos é aquilo que fazemos, então bem podemos deixar de falar.

3.

Quando estava a fazer o meu exame de fim de estágio, morreu o professor que organizara o seminário dos campos de concentração. Gertrud encontrou casualmente no jornal o anúncio da morte. O enterro seria no Bergfriedhof. Se eu queria ir?

Não queria. O enterro era numa quinta-feira à tarde, e nas manhãs de quinta e de sexta-feira tinha provas escritas. Além disso, o professor e eu não havíamos sido especialmente próximos. E eu não gostava de enterros. E não queria lembrar-me do processo.

Mas já era demasiado tarde, a recordação tinha sido despertada. Na quinta-feira, quando saí do exame, foi como se tivesse um encontro marcado com o passado, e não podia faltar.

Fui de eléctrico, o que não era habitual. Isto era já um reencontro com o passado, como o regresso a um lugar que nos era familiar e cujo aspecto se havia modificado. Quando a Hanna trabalhava nos eléctricos, havia carros eléctricos com duas ou três carruagens, com plataformas no início e no fim de cada uma, degraus nas plataformas

para os quais ainda se podia dar um salto quando o eléctrico já tinha partido, e ao longo delas um cordão com o qual o condutor dava o sinal da partida ao soar a campainha. Durante o Verão, as carruagens andavam com as plataformas abertas. O revisor vendia, picava e controlava os bilhetes; anunciava as paragens em voz alta, anunciava a partida, vigiava as crianças que se empurravam nas plataformas, ralhava com os viajantes que subiam ou saltavam do eléctrico em andamento, e impedia a entrada quando o carro estava cheio. Havia revisores bem dispostos, com graça, sérios, antiquados e malcriados: o temperamento do revisor ditava o ambiente na carruagem. Que tolice eu ter-me acanhado depois daquela surpresa frustrada na viagem para Schwetzingen: nunca mais me atrevera a espiar a Hanna para ver como lhe assentava o papel de revisora.

Entrei no eléctrico sem revisor e fui para o Bergfriedhof. Era um dia frio de Outono com um céu sem nuvens e um sol amarelo que já não aquece e para o qual podemos olhar sem nos doerem os olhos. Tive que procurar, durante algum tempo, a sepultura onde estava a decorrer

a cerimónia do enterro. Caminhei por debaixo de grandes árvores nuas, entre velhas lápides funerárias. De vez em quando encontrava um jardineiro ou uma velha com um regador e uma tesoura de podar. Pairava no ar um grande silêncio e ao longe ouvia já o hino litúrgico que cantava junto à sepultura do professor.

Fiquei parado, um pouco afastado, e observei o pequeno grupo enlutado. Alguns deles pareciam manifestamente originais e marginais. Os discursos sobre a vida e a obra do professor deixavam perceber que ele se subtraíra ao jugo das obrigações sociais e que perdera o contacto com a sociedade, que se tornara autossuficiente e com isso tornara-se num marginal.

Reconheci um antigo participante no seminário; tinha-se licenciado antes de mim e começara a trabalhar como advogado e depois como empregado de bar; vestia um longo casaco vermelho. Dirigiu-me a palavra quando tudo terminou e eu me encaminhava para a saída do cemitério.

— Estivemos juntos no seminário. Já não te lembras?

— Claro que sim. Apertámos as mãos.

— Eu ia todas as quartas-feiras ao julgamento, e por

vezes dava-te boleia no meu carro.

Riu-se.

— Tu estavas lá todos os dias, todos os dias e todas as semanas. Contas-me agora porquê? — Olhou-me, benevolente e cheio de expectativa, e eu recordei-me que o seu olhar já me chamara a atenção durante o seminário.

— O processo interessava-me muito.

— O processo interessava-te muito? Riu-se.

— O processo, ou a acusada para quem tu estavas sempre a olhar? Aquela, que não era nada má? Todos nos perguntávamos o que é que se passava entre ti e ela, mas ninguém se atreveu a perguntar-te. Nesse tempo, éramos terrivelmente discretos e respeitadores. Ainda te lembras...

E recordou-se de um outro participante no seminário, que gaguejava e ciciava e que não parava de dizer tolices e que nós ouvíamos como se cada uma das suas palavras fosse ouro puro. E depois falou de outros participantes no seminário, como eram então e o que faziam agora. Falou e falou. Mas eu sabia que no fim ele iria perguntar-me outra vez: — Enfim, e o que é que se passava entre ti e

aquela acusada? — E eu não sabia o que responder, como poderia negar, confessar, fugir ao assunto. Quando chegámos à porta do cemitério, ele fez a pergunta. Na paragem acabava de passar um carro eléctrico; gritei-lhe «Adeus!» e desatei a correr, como se de um salto pudesse chegar à plataforma; corri ao lado do carro e bati com a palma da mão na porta, e então aconteceu algo em que eu nunca teria acreditado, algo que eu nunca teria esperado: o eléctrico parou novamente, a porta abriu-se e eu entrei.

4.

Depois do estágio tive que me decidir por um emprego, mas levei o meu tempo. Gertrud começou logo como juíza; tinha muito que fazer, e nós estávamos felizes porque eu podia ficar em casa e tomar conta da Julia. Quando a Gertrud ultrapassou as dificuldades do início e a Julia foi para a pré-primária, a decisão começou a tornar-se inadiável.

Não era fácil. Não me imaginava em nenhum dos papéis de jurista que tinha encontrado no processo contra a Hanna. Acusar parecia-me uma simplificação tão grotesca como defender, e o papel de juiz era, entre todas as simplificações, a mais grotesca. Também não conseguia ver-me como administrativo; tinha trabalhado no Governo Civil como estagiário e achei que os gabinetes, os corredores, o cheiro e os empregados eram cinzentos, estéreis e deprimentes.

Com isto, não sobravam muito mais ocupações jurídicas, e eu não sei o que teria feito se um professor de História do Direito não me tivesse pedido para trabalhar com ele.

Gertrud dizia que era uma fuga, uma fuga às exigências e à responsabilidade da vida, e tinha razão. Eu fugia, e sentia-me aliviado por poder fugir. Não seria para sempre, dizia eu para ela e para mim; eu era suficientemente jovem para que, depois de uns anos de História do Direito, pudesse optar por qualquer verdadeira profissão jurídica. Mas foi para sempre; à primeira fuga seguiu-se uma segunda, quando mudei da Universidade para um centro de investigação, onde procurei, e encontrei, um refúgio onde podia dedicar-me ao meu verdadeiro interesse, a História do Direito, sem precisar de ninguém e sem incomodar ninguém.

Mas fugir não é somente partir, é chegar também a outro lado. E o passado a que cheguei, como historiador de Direito, não era menos vívido do que o presente. Quem estiver do lado de fora poderá talvez pensar que nos limitamos a observar o passado enquanto participamos no presente. Não é verdade. Ser historiador é lançar pontes entre o passado e o presente e observar as duas margens e atuar em ambas. Um dos meus domínios de investigação era o Direito durante o período do III Reich, e

nele é particularmente notório como o passado e o presente se fundem numa realidade vital. Aí, a fuga não consiste em ocuparmo-nos com o passado, mas em concentrarmo-nos exatamente apenas no presente e no futuro, cegos à herança do passado que nos deixa impregnados e com o qual temos que viver.

Com isto, não pretendo negar a satisfação que me dá submergir-me noutras épocas não tão importantes para entender o presente. A primeira vez que a senti, foi ao começar a estudar a legislação e os projetos de lei da época do Renascimento. Eram textos animados pela convicção de que o mundo estava construído sobre uma Ordem Justa, e que por isso o mundo poderia ser reposto nessa Ordem Justa. Ficava feliz ao ver como, com base nessa convicção, eram escritos postulados como guardiães festivos da Ordem Justa e como se articulavam nas leis, que queriam que fossem belas e cuja beleza constituísse a prova da sua Verdade. Durante muito tempo acreditei que existia um progresso na História do Direito e que, apesar de formidáveis retrocessos e percalços, podia apreciar-se uma evolução no sentido de

uma maior beleza e verdade, racionalidade e

humanidade. Desde que se tornou claro para mim que esta crença é uma quimera, um jogo com uma outra

imagem da evolução da História do Direito. Há nela um

objectivo, mas esse objectivo, ao qual chega após

variadas convulsões, confusões e aberrações, é o

começo de onde partiu, e de onde tem que voltar a partir

assim que lá chegar.

Nesse tempo, voltei a ler A Odisseia, que lera pela

primeira vez no liceu e que me ficara na memória como a

história de um regresso. Mas não é a história de um

regresso. Como poderiam os gregos, que sabiam que

ninguém se banha duas vezes na mesma água de um rio,

acreditar também no regresso? Ulisses nunca regressa

para ficar, mas para partir de novo. A Odisseia é a história

de um movimento, ao mesmo tempo com um fim e sem

nenhum, com sucesso e fracassado. E que outra coisa se

pode dizer da História do Direito?

5.

Comecei com A Odisseia. Li-a depois de me ter divorciado da Gertrud. Passei muitas noites sem conseguir dormir mais do que umas poucas horas; ficava deitado, acordado, e quando acendia a luz e agarrava num livro, os olhos fechavam-se, e quando voltava a pôr o livro de lado e apagava a luz, ficava outra vez vígil. Por isso, comecei a ler em voz alta. Dessa maneira, os olhos já não se fechavam. E como a Hanna dominava sempre no estado confuso e semiacordado de reflexão, impregnado de recordações e de sonhos girando em círculos dolorosos sobre o meu casamento e a minha filha e a minha vida, comecei a ler para a Hanna. Gravava em cassetes o que lia para ela.

Demorei vários meses até enviar as cassetes. Primeiro, não quis mandar partes e esperei até ter gravado todo o livro. Depois, comecei a duvidar se a Hanna iria achar A Odisseia suficientemente interessante, e gravei o que li depois de A Odisseia: contos de Schnitzler e de Tchekov.

Depois, adiei o telefonema para o tribunal onde a Hanna havia sido condenada; pretendia descobrir onde estava a

cumprir a pena. Por fim, reuni tudo aquilo de que precisava: o endereço da Hanna numa prisão nas proximidades da cidade onde tinha decorrido o processo e onde fora condenada, um leitor de cassetes e as cassetes, numeradas de Tchekov até Homero, passando por Schnitzler. E, por fim, acabei por enviar o pacote com o leitor de cassetes e as cassetes.

Encontrei há pouco tempo o caderno em que anotava o que gravei ao longo dos anos para a Hanna. Vê-se claramente que os primeiros doze títulos foram anotados de uma só vez; aparentemente, comecei apenas a ler, e só depois notei que não conseguia memorizar o que lia sem tomar notas. Os títulos seguintes encontram-se por vezes datados, outras vezes não, ou mesmo sem datas; sei que enviei a Hanna a primeira encomenda no oitavo ano da sua prisão e a última no décimo oitavo. Foi no décimo oitavo ano que lhe concederam o indulto.

Essencialmente, lia à Hanna o que eu próprio queria ler naquele momento. No caso de A Odisseia, ao princípio foi difícil ler em voz alta e concentrar-me tanto como quando lia para mim. Mas, com o tempo, fui-me acostumando. A

outra desvantagem da leitura em voz alta era o facto de demorar mais tempo. Em contrapartida, tudo o que lia em voz alta permanecia na memória. Ainda hoje me lembro muito claramente de bastantes coisas.

Porém, também li o que já conhecia e amava. Assim, dei a ouvir a Hanna muito Keller e Fontane, Heine e Morike. Durante bastante tempo não me atrevi a ler poemas, mas depois deu-me muito prazer, e aprendi de cor uma grande quantidade deles ao lê-los em voz alta. Ainda hoje consigo dizê-los.

Em resumo, os títulos no caderno testemunham uma grande confiança primordial na cultura burguesa.

Também não me lembro de alguma vez me ter questionado se, para além de Kafka, Frisch, Johnson, Bachmann e Lenz, deveria também ler em voz alta alguma literatura experimental, essa literatura em que não sou capaz de identificar uma história e em que não gosto de nenhuma das personagens. Para mim, era óbvio que a literatura experimental faz experiências com o leitor, e isso era algo de que nem eu nem a Hanna precisávamos.

Quando comecei a escrever, também lhe li os meus

textos. Mas só depois de ter ditado o manuscrito, de ter revisto o manuscrito dactilografado e de ter a sensação de que estava acabado. Lê-lo em voz alta era o modo de me aperceber se essa sensação estava certa. Quando não estava, podia voltar a revê-lo e fazer uma nova gravação sobre a antiga. Mas não gostava de o fazer. Queria terminar a leitura em voz alta. A Hanna tornou-se a entidade para a qual atirava todas as minhas forças, toda a minha criatividade, toda a minha fantasia crítica. Depois disso, podia enviar o manuscrito para a editora. Nunca fiz comentários pessoais nas cassetes, não perguntava pela Hanna, nem lhe contava nada de mim. Lia o título, o nome do autor e o texto. Quando o texto terminava, esperava um momento, fechava o livro e carregava na tecla Stop.

6.

No quarto ano da nossa relação, ao mesmo tempo rica e pobre em palavras, chegou um cumprimento: «Miúdo, a última história era particularmente bonita. Obrigada. Hanna».

O papel era pautado, uma folha arrancada de um caderno e cortada com uma tesoura. O cumprimento vinha no topo e preenchia três linhas. Tinha sido escrito com uma esferográfica azul que deixava borrões. A Hanna tinha-a empunhado com muita força: a escrita era saliente no verso da folha. Escrevera também o endereço com muita força; encontrei o decalque, legível na metade inferior e na metade superior do papel dobrado ao meio.

A primeira vista, poder-se-ia pensar que era uma escrita de criança. Mas aquilo que na escrita das crianças é acanhado e desajeitado, era aqui violento. Via-se a resistência que a Hanna tinha de vencer para transformar as linhas em letras e as letras em palavras. A mão da criança quer desviar-se para ali e para acolá e tem que ser mantida no caminho da escrita. A mão da Hanna não queria ir para lugar algum, e tinha que ser forçada a

seguir em frente. As linhas que formavam as letras recomeçavam sempre de novo, na subida, na descida, antes das curvas e dos laços. E cada letra era conquistada de novo e tinha uma nova direção, torta ou direita, muitas vezes também demasiado alta ou demasiado larga.

Li o cumprimento e enchi-me de alegria e júbilo. Ela escreve! Ela escreve! Tinha lido tudo o que encontrara durante todos aqueles anos sobre o analfabetismo. Sabia do desamparo do analfabeto perante situações quotidianas como encontrar um caminho, uma morada ou a escolha de um prato num restaurante, do receio com que o analfabeto segue os padrões pré-estabelecidos e as rotinas confirmadas, da energia que consome para ocultar a condição de não saber ler nem escrever e que o afasta da verdadeira vida. O analfabetismo é imaturidade. Quando a Hanna arranjou coragem para aprender a ler e a escrever, deu o passo da imaturidade para a maturidade, um passo para a renascença.

Depois observei a caligrafia da Hanna e vi quanta força e luta lhe havia custado o ato de escrever. Tive orgulho

nela. Ao mesmo tempo, tive pena dela, pena da sua vida atrasada e falhada, do atraso e dos fracassos da vida em geral. Pensei que, quando se deixa passar o momento certo, quando alguém recusou algo tempo de mais, quando nos é recusado algo tempo de mais, esse algo chega forçosamente demasiado tarde mesmo que seja realmente desejado com força e acolhido com alegria. Talvez «tarde de mais» não exista, apenas «tarde», e «tarde» seja sempre melhor do que «nunca»? Não sei.

Depois do primeiro cumprimento vieram outros, regularmente. Eram sempre poucas linhas, um agradecimento, um desejo de ouvir mais, ou de nunca mais ouvir nada daquele autor, um comentário sobre um escritor ou um poema ou uma história ou uma personagem de um romance, uma nota da prisão. «No pátio já florescem as forsítias» ou «Gosto que haja tantas trovoadas neste Verão» ou «Da janela vejo como os pássaros se juntam para voarem para o Sul». Muitas vezes eram as observações da Hanna que me levavam a aperceber-me das flores, das trovoadas de Verão e dos bandos de pássaros. As suas observações sobre

literatura eram assombrosamente acertadas. «O Schnitzler ladra, o Stefan Zweig é um cão que ladra mas não morde», ou «o Keller precisa de uma mulher», ou «os poemas de Goethe são como pequenos quadros com uma linda moldura», ou «o Lenz escreve com certeza a máquina». Como ela não sabia nada dos autores, pressupunha que fossem contemporâneos, pelo menos enquanto não houvesse pistas do contrário. Fiquei espantado ao aperceber-me de como muita da literatura mais antiga pode ser lida, realmente, como se fosse atual; e, quem não saiba nada de História, pode ver nas condições de vida de épocas passadas simplesmente as condições de vida atuais em países distantes.

Nunca lhe escrevi. Mas continuei sempre a ler-lhe em voz alta. Quando estive um ano na América, mandei-lhe de lá cassetes. Quando ia de férias ou quando tinha muito trabalho, podia demorar mais tempo até a cassete seguinte estar pronta. Não estabeleci nenhum ritmo certo; mandava uma cassete semanalmente, ou cada catorze dias, ou por vezes ao fim de três ou quatro semanas. Não me preocupou que a Hanna agora, depois de ter

aprendido a ler sozinha, pudesse já não precisar das cassetes. Poderia ler depois. Ler em voz alta era a minha maneira de falar para ela, de falar com ela.

Guardei todos os cumprimentos. A caligrafia modificou-se. Primeiro obrigava as letras a seguirem a mesma direção inclinada, e a terem a largura e a altura certas. Depois de ter conseguido isto, torna-se mais leve e mais segura. Nunca se tornou fluida. Mas ganhou algo da beleza severa que pertence à caligrafia dos velhos que escreveram pouco durante a vida.

7.

Nessa altura, nunca pensei que a Hanna pudesse, algum dia, ser posta em liberdade. A troca de cumprimentos e de cassetes era tão normal e familiar, e a Hanna estava, de um modo tão natural, perto e longe ao mesmo tempo, que eu gostaria que esta situação continuasse assim para sempre. Era cómodo e egoísta, eu sei.

Então chegou a carta da diretora da prisão.

«Há anos que a senhora Schmitz e o senhor mantêm uma troca de correspondência. É o único contacto que a senhora Schmitz tem com o exterior, e por isso me dirijo a si, embora não saiba qual o grau de amizade ou de parentesco da vossa relação.

No próximo ano a senhora Schmitz irá apresentar novamente um pedido de indulto, e tudo parece indicar que o mesmo lhe seja concedido. Se assim for, ela será libertada de imediato — depois de dezoito anos de reclusão. Naturalmente, poderemos arranjar-lhe, ou tentar arranjar-lhe, casa e trabalho; conseguir-lhe trabalho vai ser difícil, tendo em conta a sua idade, mesmo sendo ela

ainda saudável e tendo demonstrado grande habilidade para a costura. Mas, mesmo que nos preocupemos com

isso, é sempre melhor se algum parente ou amigo se

interessar e puder estar por perto para a seguir e apoiar.

Não é possível imaginar quão só e desamparada se pode

sentir uma pessoa ao sair em liberdade, depois de dezoito

anos passados na prisão.

A senhora Schmitz consegue desembaraçar-se

extraordinariamente bem e conseguirá viver bem sozinha.

Bastaria que lhe encontrasse uma casa pequena e um

trabalho, que a visitasse regularmente nas primeiras

semanas e meses e a convidasse para sua casa e se

preocupasse em saber de dádivas das paróquias, escolas

para adultos, centros cívicos, etc. Para além disto, não é

fácil, depois de dezoito anos, ir para o centro da cidade,

fazer compras, escolher um restaurante. É menos

complicado fazê-lo com companhia.

Notei que nunca visita a senhora Schmitz. Se o tivesse

feito, não lhe teria escrito, ter-lhe-ia pedido para falar

comigo aquando de uma visita. Agora, é imprescindível

que a visite antes da libertação. Por favor, quando isso

acontecer, venha ter comigo».

A carta terminava com «saudações cordiais», que eu não relacionei comigo, mas sim com a preocupação da diretora pela Hanna, que era uma preocupação vinda diretamente do coração. Já ouvira falar dela; a sua instituição tinha fama de ser fora do vulgar, e a sua voz tinha peso na discussão da reforma do sistema penal. A carta agradou-me.

Mas não me agradou o que me esperava. Naturalmente que teria de me preocupar em arranjar-lhe trabalho e casa, o que fiz. Uns amigos meus tinham uma pequena vivenda anexa à casa; não a usavam nem alugavam, mas estavam dispostos a cedê-la à Hanna em troca de uma renda diminuta. O alfaiate grego onde costumava mandar arranjar os meus fatos estava interessado em dar trabalho à Hanna: a sua irmã, que era sócia da alfaiataria, retirara-se para a Grécia. Também já há muito tempo que me informara sobre as ofertas de formação e assistência social de todos os tipos de instituições, religiosas e laicas, muito antes de a Hanna poder interessar-se por isso. Mas ia adiando a visita.

Não queria visitá-la, exatamente porque ela me era, de um modo tão natural, próxima e afastada ao mesmo tempo. Tinha a sensação de que ela poderia ser o que era para mim apenas à distância real. Tinha medo que o pequeno, leve e íntimo mundo dos cumprimentos e cassetes fosse demasiado artificial e demasiado frágil para aguentar uma proximidade real. Como deveríamos encontrar-nos cara a cara sem que emergisse tudo o que havia acontecido connosco?

E assim passou o ano, sem que eu a tivesse visitado no cárcere. Não ouvi nada da diretora da prisão durante muito tempo; ficou por responder uma carta em que eu relatava a situação da casa e o trabalho que esperavam a Hanna. Ela devia, aparentemente, estar a contar falar-me durante uma visita à Hanna. Não podia adivinhar que eu não só adiava essa visita, como a evitava fazer. Quando finalmente chegou a decisão do indulto e da liberdade para a Hanna, a diretora telefonou-me para saber se eu poderia ir lá: a Hanna sairia dentro de uma semana.

8.

No domingo seguinte fui ter com ela. Era a minha primeira visita a uma prisão. Fui revistado à entrada, e pelo caminho várias portas foram abertas e fechadas. Mas o edifício era novo e luminoso, e no interior as portas estavam abertas e as mulheres moviam-se livremente. Ao fim do corredor, uma porta dava para fora, para um pequeno e concorrido relvado com árvores e bancos.
Olhei em volta, procurando. A guarda que me conduzira, apontou um banco próximo, na sombra de um castanheiro.
Hanna? A mulher sentada no banco era a Hanna?
Cabelos grisalhos, um rosto com profundos sulcos verticais na testa, nas faces, à volta da boca, e um corpo pesado. Trazia um tenso vestido azul claro, demasiado apertado no peito, barriga e ancas. As mãos estavam pousadas no colo e seguravam um livro. Não estava a ler. Observava, por cima dos seus óculos de ler, uma mulher que deitava migalhas de pão a alguns pardais. Depois, notou que estava a ser observada e virou a cara para

mim.

Vi a expectativa no seu rosto, vi-o resplandecer de alegria ao reconhecer-me, vi os seus olhos percorrerem o meu rosto ao aproximar-me, vi os seus olhos procurarem, perguntarem, ficarem inseguros e magoados, e vi apagar-se o resplendor no seu rosto. Quando cheguei perto dela, fez um sorriso amável, cansado. — Cresceste, miúdo. — Sentei-me ao seu lado e ela agarrou-me na mão.

Antigamente eu gostava muito do seu cheiro. Cheirava sempre a fresco: a lavada de fresco ou a roupa lavada de fresco ou a suor fresco. Por vezes punha perfume, não sei qual, e também esse aroma era como tudo o resto: fresco. Debaixo desse aroma fresco havia ainda um outro, um cheiro mais denso, mais obscuro, áspero. Muitas vezes a farejei como um animal curioso,

começava no pescoço e nos ombros, que cheiravam a acabados de lavar, sorvia o cheiro fresco a suor entre os seios, que se misturava nos sovacos com o outro cheiro, encontrava esse outro cheiro, denso e obscuro, quase puro, na cintura e na barriga e num colorido aromático entre as pernas, que me excitava; também cheirava as

suas pernas e os seus pés, membros em que se perdia o cheiro pesado, os joelhos, outra vez com o leve cheiro a suor fresco, e os pés, com o cheiro a sabonete ou a couro ou a cansaço. As costas e os braços não tinham qualquer cheiro especial, cheiravam a nada e contudo cheiravam a ela, e nas palmas das mãos estava o cheiro do dia e do trabalho: o negro da tinta dos bilhetes, o metal do alicate, a cebolas ou a peixe ou a gordura queimada, a barrela ou ao calor do ferro. Quando se lavam, as mãos não denunciam logo nada de tudo isto. Mas o sabonete apenas encobriu os cheiros, e depois de um bocado lá estão eles outra vez, atenuados, derretidos num único aroma do dia e do trabalho, no cheiro do fim do dia e do trabalho, do entardecer, do regresso a casa e do estar em casa.

Agora, estava sentado ao lado da Hanna e cheirava-me a velha. Não sei de onde vem esse cheiro, que conheço de avós e de velhas tias e que paira como uma maldição nos quartos e nos corredores dos asilos de idosos. A Hanna era demasiado nova para ele.

Sentei-me mais perto dela. Tinha notado que a desiludira

antes, e queria que ela esquecesse isso.

— Estou contente que vás ser libertada.

— Sim?

— Sim, e estou contente por ficares perto de mim.

Contei-lhe da casa e do trabalho que encontrara para ela, das ofertas culturais e sociais naquele quarteirão da cidade, da biblioteca municipal.

— Lês muito?

— Mais ou menos. Ouvir ler é muito mais bonito. Ela olhou-me.

— Agora isso acabou, não é verdade?

— Por que é que iria acabar?

Mas não me via a gravar mais cassetes para ela, nem a ir visitá-la para tornar a ler-lhe em voz alta.

— Fiquei tão contente e tão orgulhoso de ti por teres aprendido a ler. E escreveste-me cartas tão bonitas!

Era verdade; tinha-a admirado e ficara contente que ela lesse e que me escrevesse. Mas senti quão pequenas eram a minha admiração e alegria comparadas com o que lhe deve ter custado aprender a ler e a escrever; eram tão diminutas que nem sequer me haviam levado a

responder-lhe, a visitá-la, a falar-lhe. Eu concedera-lhe um pequeno nicho, exatamente um nicho, que era

importante para mim, que me dava algo e pelo qual eu

fazia alguma coisa, mas não um lugar na minha vida.

E por que razão deveria eu conceder-lhe um lugar na

minha vida? Revoltei-me contra a má consciência que

resultava de pensar que a reduzi de maneira a ocupar

apenas um pequeno nicho.

— Antes do processo, nunca pensaste naquilo que foi

falado durante o processo? Quero dizer, nunca pensaste

naquilo quando estávamos juntos, quando eu te lia em

voz alta?

— Isso preocupa-te muito?

Mas ela não esperou pela resposta.

— Sempre tive a sensação de que ninguém me

compreende, que ninguém sabe quem eu sou e o que me

levou a fazer isto e aquilo. E, sabes, quando ninguém te

compreende, então ninguém pode exigir-te nada. Só os

mortos é que podem. Eles compreendem. Para isso, nem

sequer precisam de ter estado presentes; mas se

estiveram, compreendem-te particularmente bem. Aqui,

na prisão, visitaram-me muitas vezes. Vinham todas as noites, quer eu quisesse quer não. Antes do processo, ainda conseguia afugentá-los quando queriam vir.

Esperou que eu dissesse qualquer coisa, mas não me ocorreu nada. Primeiro, quis dizer que não conseguia afugentar nada. Mas não era verdade; também conseguimos afugentar alguém ao metê-lo dentro de um nicho.

— És casado?

— Fui casado. Gertrud e eu divorciámo-nos há muitos anos, e a nossa filha vive num internato; espero que não queira ficar lá durante os últimos anos do liceu, mas que venha viver comigo.

Agora era eu que esperava que ela dissesse ou perguntasse qualquer coisa. Mas ela manteve-se calada.

— Venho buscar-te na próxima semana, está bem?

— Está bem.

— Muito discretamente, ou pode ser um bocadinho mais barulhento e alegre?

— Muito discretamente.

— Bem, venho buscar-te muito discretamente e sem

música, nem champanhe.

Levantei-me, e ela também se levantou. Olhámo-nos. A campainha já tinha tocado duas vezes e as outras mulheres já tinham voltado para dentro.

Mais uma vez, os seus olhos percorreram o meu rosto.

Abracei-a, mas senti-a diferente.

— Passa bem, miúdo.

— Tu também.

Assim nos despedimos, antes ainda de termos que nos separar dentro do edifício.

9.

A semana que se seguiu foi especialmente trabalhosa. Já não sei se tinha pouco tempo para preparar a conferência em que estava a trabalhar, ou se estava apenas sob a pressão do trabalho e do êxito.

A ideia inicial que tivera para a conferência não resultou em nada. Ao começar a testá-la, dava com acasos em que esperava encontrar sentido e regularidade. Em vez de me conformar, continuei a procurar, acossado, encarniçado, angustiado, como se o fracasso da ideia implicasse o da própria realidade, e estava disposto a deturpar, a exagerar ou a camuflar aquele diagnóstico.

Caí num estranho estado de desassossego; quando me deitava tarde, conseguia adormecer, mas poucas horas depois estava completamente desperto, até que decidia levantar-me ou continuar a ler ou a escrever.

Também fiz o que tinha a fazer na preparação para a saída da Hanna da prisão. Mobilei a casa da Hanna com móveis de hipermercado e alguns trastes velhos, avisei o alfaiate grego e atualizei as informações sobre ofertas sociais e de formação. Comprei comida, arrumei livros na

estante e pendurei quadros nas paredes. Contratei um jardineiro para cuidar do pequeno jardim que rodeava o terraço à frente da sala. Também fiz isto estranhamente acossado e encarniçado; era tudo demasiado para mim. Mas apenas para não ter que pensar na visita à Hanna. Por vezes, quando conduzia o carro ou estava sentado à secretária, cansado, ou deitado acordado na cama ou em casa da Hanna, a ideia apoderava-se de mim e as recordações começavam a desfilar. Via-a sentada no banco, a olhar na minha direção; via-a na piscina a olhar na minha direção; e tinha outra vez a sensação de a ter traído e sentia-me culpado. E revoltava-me de novo contra essa sensação e acusava a Hanna e achava que havia sido fácil e simples o modo como se escapara da sua culpa. Deixar apenas aos mortos o direito de clamar por justiça, reduzir a culpa e a penitência a um sono inquieto e a alguns pesadelos — então, e os vivos? Mas, na verdade, eu não estava a pensar nos vivos, mas em mim. Não tinha eu também o direito de lhe exigir justiça? Então e eu?

Na tarde antes de a ir buscar, telefonei para a prisão.

Primeiro falei com a diretora.

— Estou um pouco nervosa. Sabe, normalmente ninguém é libertado após um cativeiro tão longo sem ter estado primeiro lá fora durante umas horas ou uns dias. Mas a senhora Schmitz recusou-se. Amanhã não vai ser fácil para ela.

Passaram a chamada à Hanna.

— Pensa no que vamos fazer amanhã. Queres ir logo para a tua casa ou preferes ir dar um passeio na floresta ou pela margem do rio?

— Vou pensar nisso. Continuas a ser um grande planeador, não é verdade?

Aquilo arreliou-me. Arreliou-me da mesma maneira como quando as minhas namoradas diziam que me faltava espontaneidade, que eu funcionava demasiado com a cabeça e muito pouco com o estômago.

No meu silêncio, ela notou a minha arrelia e riu-se.

— Não te zangues, miúdo, não tive má intenção.

Tinha-me reencontrado com a Hanna estava ela sentada num banco, e era uma velha. Tinha o aspecto de uma velha e cheirava a velha. Não tomara atenção à sua voz.

A voz continuava muito jovem.

10.

No dia seguinte a Hanna estava morta. Enforcara-se ao amanhecer. Quando cheguei, fui levado à diretora. Vi-a pela primeira vez, uma mulher pequena, com cabelo loiro escuro e óculos. Pareceu-me insignificante até começar a falar, com força e calor e com um olhar severo e movimentos enérgicos das mãos e dos braços.

Perguntou-me acerca da conversa telefónica da noite anterior e do encontro da passada semana. Se tinha pressentido algo, temido algo. Neguei. Também não tivera nenhum pressentimento ou temor que tivesse reprimido.

— De onde se conheciam?

— Vivíamos perto um do outro.

Olhou-me de um modo inquisitivo e eu compreendi que tinha que dizer mais qualquer coisa.

— Vivíamos perto um do outro e conhecemo-nos e ficámos amigos. Depois, quando era ainda estudante universitário, estive presente no decorrer do processo em que foi condenada.

— Por que enviava cassetes à senhora Schmitz? Calei-me.

— Sabia que ela era analfabeta, não é verdade? Como é que sabia isso? Encolhi os ombros. Não percebia o que ela tinha a ver com a Hanna e
com a minha história. Eu sentia o desgosto concentrado no peito e na garganta e tinha medo de não conseguir falar. Não queria chorar diante dela. Ela deve ter-se apercebido do meu estado.

— Venha comigo, vou mostrar-lhe a cela da senhora Schmitz.

Seguiu à minha frente mas voltava-se para trás muitas vezes para me relatar ou explicar alguma coisa: aqui tinha havido um atentado terrorista; aqui era a sala de costura onde a Hanna tinha trabalhado; aqui sentara-se a Hanna e fizera uma greve até que desistiram da redução do orçamento para a biblioteca; por aqui vai-se dar à biblioteca. Ficou parada à frente da cela.

— A senhora Schmitz não fez as malas. Vai ver a cela tal e qual como viveu nela.

Cama, armário, mesa e cadeira; na parede, por cima da

mesa, uma estante, e ao canto, atrás da porta, um lavatório e uma retrete. Em vez de janela, tijolos de vidro. A mesa estava vazia. Na estante havia livros, um despertador, um urso de pano, dois copos, café em pó, latas de chá, o leitor de cassetes e, nas duas prateleiras mais baixas, as cassetes gravadas por mim.

— Não estão aqui todas.— A diretora tinha seguido o meu olhar. — A senhora Schmitz emprestava sempre algumas cassetes ao serviço de ajuda aos presos invisuais.

Aproximei-me da estante. Primo Levi, Elie Wiesel, Tadeusz Borowski, Jean Améry — a literatura das vítimas ao lado dos apontamentos autobiográficos de Rudolf Hõss, o relato de Hannah Arendt sobre Eichmann em Jerusalém e literatura técnica sobre os campos de concentração.

— A Hanna lia isto?

— Pelo menos escolheu os livros com cuidado. Há muitos anos, pediu-me uma bibliografia geral sobre os campos de concentração e depois, há um ou dois anos, pediu-me que lhe indicasse livros sobre as mulheres nos campos de concentração, as prisioneiras e as guardas. Escrevi para o Instituto de História

Contemporânea e recebi bibliografia
específica sobre o tema. Depois de a senhora Schmitz ter aprendido a ler, começou de imediato a ler acerca dos campos de concentração.
Por cima da cama estavam pregadas inúmeras pequenas fotografias e bilhetes. Ajoelhei-me na cama e li. Eram citações, poemas, pequenas notícias, também receitas que a Hanna anotara ou, tal como as fotografias, recortadas dos jornais e das revistas. «A Primavera deixa novamente esvoaçar a sua fita azul pelos ares», «as sombras das nuvens correm pelos campos» — os poemas estavam cheios de alegria e de saudade da Natureza, e as fotos mostravam luminosas florestas primaveris, relvados floridos, folhagem de Outono e árvores isoladas, um salgueiro perto de um regato, uma cerejeira com cerejas vermelhas maduras, um castanheiro flamejante de amarelo e de laranja. Uma fotografia de jornal mostrava um homem novo e um mais velho a darem um aperto de mão: reconheci-me no mais jovem, que se inclinava perante o mais velho. Era finalista do liceu e estava a receber um prémio das mãos do reitor,

na festa do término do liceu. Isto passara-se muito tempo depois de a Hanna deixar a cidade. Será que ela, que não lia, fora assinante do jornal local em que aquela fotografia aparecera? De qualquer maneira, deve ter-se esforçado para saber da fotografia e para a receber. Será que a tivera consigo durante o processo? Senti outra vez o desgosto no peito e na garganta.

— Ela aprendeu a ler consigo. Requisitava na biblioteca os livros que lhe lia na cassete, e seguia, palavra a palavra, frase a frase, o que ouvia. O leitor de cassetes não aguentava muito tempo o ligar e desligar, o andar com a fita para a frente e o voltar para trás, avariava-se muitas vezes, tinha que ser reparado muitas vezes, e como as reparações têm que ser autorizadas por mim, soube, por fim, o que a senhora Schmitz fazia. Ela não queria dizer-me, mas quando começou também a escrever e me pediu um livro de caligrafia, deixou de tentar esconder isso por mais tempo. Estava, simplesmente, orgulhosa por ter conseguido, e queria partilhar a alegria.

Enquanto ela falava, eu continuava ajoelhado, com o

olhar nas fotografias e nos bilhetes e combatendo as lágrimas. Quando me voltei e me sentei na cama, ela disse:

— Ela desejava tanto que lhe escrevesse. Só recebia o seu correio e, quando este era distribuído e ela perguntava: «Há alguma carta para mim?», não se queria referir ao pacotinho em que vinham as cassetes. Por que é que nunca lhe escreveu?

Voltei a ficar calado. Não conseguiria falar, apenas conseguiria balbuciar e chorar.

Dirigiu-se à estante, agarrou uma lata de chá, sentou-se ao meu lado e tirou do bolso do casaco uma folha dobrada.

— Ela deixou-me uma carta, um género de testamento. Eu leio-lhe o que lhe diz respeito.

Desdobrou o papel.

— «Na lata de chá lilás ainda há dinheiro. Entregue-o ao Michael Berg. Ele deve dá-lo, juntamente com os 7000 marcos que estão na minha conta-poupança, à filha que sobreviveu com a mãe ao incêndio da igreja. Ela que faça o que quiser. E diga-lhe, a ele, que lhe mando

cumprimentos».

Não me deixara, portanto, nenhuma nota. Quereria ferir-me? Quereria castigar-me? Ou a sua alma estaria tão cansada que só conseguira fazer e escrever o imprescindível?

— Conte-me como é que ela viveu todos estes anos — esperei até poder continuar a falar. — Como é que foram os últimos dias?

— Durante muitos anos viveu aqui como num convento. Como se se tivesse recolhido aqui voluntariamente, como se se tivesse submetido de livre vontade às regras aqui vigentes, como se o trabalho monótono fosse uma espécie de meditação. As outras mulheres, com as quais era amável mas distante, tinham-lhe um especial respeito. Mais ainda, tinha autoridade, pediam-lhe conselhos quando havia problemas, e quando intervinha numa disputa que lhe era alheia, aceitavam o que decidia. Até que, há alguns anos, desistiu. Sempre tratara da sua aparência, era ainda elegante, apesar do seu tipo robusto e de uma dolorosa e cuidada limpeza. Desde então, começou a comer demasiado, a lavar-se pouco, tornou-se

obesa e cheirava mal. Mas isso não parecia torná-la infeliz ou insatisfeita. Na verdade, foi como se o retiro no convento já não fosse suficiente, como se o convento fosse ainda demasiado povoado e ruidoso, como se tivesse que se isolar ainda mais, numa clausura solitária em que não se vê ninguém e na qual o aspecto, as roupas e o cheiro já não têm qualquer significado. Não que tenha desistido, não é a expressão correta. Redefiniu o seu lugar de uma maneira que achava correta mas que lhe fez perder a influência que tinha nas outras mulheres.

— E nos últimos dias?

— Estava como sempre.

— Posso vê-la?

Ela assentiu com a cabeça, mas continuou sentada.

— Será que o mundo pode tornar-se tão insuportável nos anos da solidão? Preferiremos cometer suicídio a sairmos do convento, a sairmos do ermitério e tornar ao mundo?

Virou-se para mim.

— A senhora Schmitz não escreveu a razão pela qual se suicidou. E o senhor não me diz o que se passou entre vós e que terá, talvez, levado a que a senhora Schmitz se

suicidasse na noite da véspera em que o senhor a viria buscar.

Dobrou o papel, guardou-o, levantou-se e alisou a saia com a mão.

— A morte dela afectou-me, sabe, e neste momento estou zangada com a senhora Schmitz e consigo. Mas vamos.

Voltou a seguir à frente, desta vez calada. A Hanna estava estendida num pequeno quarto na enfermaria. Mal conseguíamos passar entre a parede e a maca. A diretora tirou o pano para trás.

Tinham atado um pano em volta da cabeça da Hanna, para suster o queixo até ao começo do rigor mortis. O rosto não estava especialmente tranquilo nem especialmente angustiado. Tinha uma aparência rígida e morta. Quando o olhei, durante tempo suficiente, no rosto morto surgiu o rosto vivo, no rosto velho surgiu o rosto jovem. Assim deve acontecer com os casais de velhos, pensei; para ela, o velho conserva dentro de si o jovem que foi, e para ele, a velha conserva ainda a beleza e o encanto da jovem. Por que é que eu não tinha visto aquela imagem na semana anterior?

Eu não podia chorar. Quando a diretora me olhou, interrogativamente, depois de alguns momentos assenti com a cabeça, e ela voltou a estender o pano por cima do rosto da Hanna.

11.

O Outono chegou antes de eu cumprir a incumbência que me foi deixada por Hanna. A filha vivia em Nova Iorque e, como pretexto, aproveitei um congresso em Boston para lhe levar o dinheiro: um cheque com a totalidade do valor da conta-poupança e a lata de chá com o dinheiro. Tinha-lhe escrito, apresentara-me como historiador de Direito e mencionara o processo. Ficaria agradecido se pudesse falar-lhe. Ela convidou-me para tomar chá.

Viajei de comboio de Boston para Nova Iorque. Os bosques estavam soberbos com aqueles tons castanhos, amarelos, laranjas, castanhos-avermelhados e vermelhos-acastanhados, e os áceres com aquele luminoso vermelho de fogo. Vieram-me à memória as fotografias de paisagens de Outono que vira na cela da Hanna. Quando me cansei do movimento das rodas e do abanar da carruagem, sonhei que estava com a Hanna numa casa nas colinas que o Outono enchera de cores, e pelas quais passava o comboio. A Hanna era mais velha do que quando a conheci e mais nova do que quando a

reencontrei, mais velha do que eu, mais bonita do que antes, com a idade ficara ainda mais serena nos movimentos e mais à vontade dentro do corpo. Vi-a sair do carro e abraçar os sacos das compras, vi-a atravessar o jardim e entrar em casa, vi-a pousar os sacos e subir as escadas à minha frente. O desejo de estar com a Hanna tornou-se tão forte que me magoava. Defendia-me de ceder ao desejo, argumentando que era incompatível com a minha realidade e com a da Hanna, com a realidade das nossas idades, com as nossas condições de vida. Como seria possível a Hanna, que não falava inglês, viver na América? E ela também não sabia conduzir.

Acordei, e lembrei-me de que a Hanna estava morta. Também percebi que o desejo que no sonho se agarrava a ela, não era senão o desejo de voltar para casa.

A filha vivia em Nova Iorque, numa pequena rua perto de Central Park. A estrada era acompanhada, em ambos os lados, por filas de casas velhas de arenito escuro, com escadas do mesmo arenito escuro e que levavam ao primeiro andar. Isto dava uma imagem severa: casa atrás de casa, fachadas quase iguais, escadas atrás de

escadas e, plantadas há pouco tempo, em compasso regular, árvores com umas poucas folhas amarelas nos ramos finos.

A filha serviu o chá diante de grandes janelas com vista para os pequenos jardins quadrangulares, por vezes verdes e coloridos e outras vezes apenas como uma coleção de trastes. Assim que nos sentámos, o chá já servido, o açúcar posto e mexido, ela mudou do inglês, em que me cumprimentara, para o alemão.

— O que o traz até mim?

Fez a pergunta de uma forma que não era amável nem antipática; o tom era da maior objectividade. Tudo nela era objectivo: a postura, os gestos, a roupa. O rosto, estranhamente, não tinha uma idade definida. Assim como os rostos que foram sujeitos a um lifting. Mas talvez tenha ficado conservado pelo sofrimento precoce — tentei, sem sucesso, lembrar-me do seu rosto no decorrer do processo.

Contei da morte da Hanna e da incumbência com que ficara.

— Porquê eu?

— Penso que é a única sobrevivente.

— O que devo fazer com isso?

— O que achar melhor.

— E, com isso, dar a absolvição à senhora Schmitz?

Primeiro quis contradizê-la, mas a Hanna pedia, realmente, muito de mim. A Hanna queria que os anos no cativeiro fossem mais do que uma expiação imposta; queria dar-lhes um sentido, e queria que essa intenção fosse reconhecida. Disse isso à filha.

Ela abanou a cabeça. Não percebi se com esse gesto ela quereria refutar a minha explicação, ou negar à Hanna o reconhecimento pedido.

— Não lhe pode conceder o reconhecimento sem lhe dar também a absolvição?

Ela riu-se.

— Gosta dela, não é verdade? Qual era o vosso relacionamento? Hesitei um momento.

— Eu era o seu leitor. Tudo começou quando eu tinha quinze anos, e continuou quando ela estava na prisão.

— Como é que...

— Enviava-lhe cassetes. A senhora Schmitz foi

analfabeta durante quase toda a vida; só na prisão é que aprendeu a ler e a escrever.

— Por que razão é que o senhor fez isso tudo?

— Tivemos uma relação amorosa quando eu tinha quinze anos.

— Quer dizer que dormiram juntos?

— Sim.

— Como essa mulher foi brutal. Conseguiu superar isso, depois de aos quinze anos... Não, o senhor mesmo disse que recomeçou a ler-lhe quando ela estava na prisão.

Chegou alguma vez a casar?

Assenti com a cabeça.

— E o casamento foi curto e infeliz, e o senhor não tornou a casar, e a criança, se existir uma, está no internato.

— Passa-se com milhares de pessoas; para isso, não é necessária nenhuma senhora Schmitz.

— Nos últimos anos, quando teve contacto com ela, teve alguma vez a sensação de que ela sabia o que lhe tinha feito?

Encolhi os ombros.

— De qualquer modo, ela sabia o que fizera aos outros no campo de concentração e durante a marcha. Ela não só

me disse isso, como nos últimos anos se ocupou disso intensivamente na prisão.

Relatei o que a diretora do estabelecimento dissera.

Ela levantou-se e deu grandes passadas de um lado para o outro da sala.

— E de quanto dinheiro se trata?

Dirigi-me ao guarda-fatos, onde deixara a mala, e voltei com o cheque e a lata do chá.

— Aqui está.

Olhou o cheque e pousou-o na mesa. A lata foi aberta, esvaziada e novamente fechada; manteve-a na mão, o olhar fixo nela.

— Em criança, guardava os meus tesouros numa lata de chá. Não como esta, embora já existisse este tipo de latas de chá, mas com inscrições em cirílico, a tampa sem ser de pressionar para dentro, mas de enroscar. Consegui levá-la comigo até ao campo de concentração, mas foi-me roubada um dia.

— O que tinha lá dentro?

— Ora, o costume: um caracol de pelo do nosso caniche, bilhetes de entrada nas óperas a que fui com o meu pai,

um anel ganho algures ou brinde de algum produto. A lata não foi roubada por causa do conteúdo. A lata, e o que se conseguia fazer com ela, tinha muito valor no campo de concentração. Pousou a lata sobre o cheque.

— Tem alguma sugestão para o destino do dinheiro? Utilizá-lo em qualquer coisa que tenha a ver com o Holocausto, parecer-me-ia muito uma absolvição, que eu não posso, nem quero, dar.

— Para os analfabetos que querem aprender a ler e a escrever. Existem, com certeza, instituições de utilidade pública, associações, sociedades às quais poderia doar o dinheiro.

— Com certeza que há. Ela refletiu.

— E há alguma organização judaica desse género?

— Pode ter a certeza de que, se existem organizações para uma coisa qualquer, então entre elas existirá também uma judaica. Mas o analfabetismo não é, precisamente, um problema que afecte os judeus.

Empurrou o cheque e o dinheiro na minha direção.

— Vamos fazer assim. Informe-se se existe alguma organização judaica desse tipo, aqui ou na Alemanha, e

deposite o dinheiro na conta da que julgar melhor. E se acha que o reconhecimento é assim tão importante — riu-se —, pode enviar o dinheiro em nome de Hanna Schmitz.

Voltou a agarrar na lata.

— Fico com a lata.

12.

Entretanto, passaram dez anos. Nos primeiros tempos depois da morte da Hanna, as antigas dúvidas continuavam a atormentar-me: se a tinha sonegado e atraiçoado, se ficara em dívida para com ela, se me tornara culpado por a ter amado, o modo como me livrei dela e como deveria tê-lo feito. Por vezes perguntava-me se era responsável pela sua morte. E por vezes enfurecia-me com ela e com tudo o que me fizera. Até que o ódio perdeu força e as dúvidas importância. Não importa o que fiz e o que não fiz e o que ela me fez — tudo isso se tornou a minha vida.

A intenção de escrever a história da Hanna e a minha surgiu pouco depois da sua morte. Desde então, esta história escreveu-se muitas vezes na minha cabeça, de cada vez sempre um pouco diferente, de cada vez sempre com novas imagens e fragmentos de ações e de pensamentos. Assim, para além da versão que escrevi, existem muitas outras. A garantia de que esta é a verdadeira é o facto de que a escrevi, enquanto as outras ficaram por escrever. Esta versão podia ser escrita; as

outras não.

De início, queria escrever a nossa história para me libertar dela. Mas a memória negou-se a colaborar. Depois notei que a história me escapava, e quis recuperá-la pela escrita, mas também isto não fez com que as recordações surgissem. Há já alguns anos que deixei esta história em paz. Fiz as pazes com ela. E ela voltou por si própria, detalhe a detalhe, e tão redonda, fechada e orientada, que já não me entristece. Durante muito tempo pensei que era uma história muito triste. Não que agora pense que seja alegre. Mas penso que é verdadeira; por isso, a questão de saber se é triste ou alegre não tem nenhuma importância.

De qualquer modo, é nisso que penso quando calha vir-me à cabeça. Contudo, quando estou magoado reaparecem as mágoas antigas; quando me sinto culpado, volta a culpabilidade de então; e no desejo e na nostalgia de hoje, esconde-se o desejo e a nostalgia de ontem. As camadas da nossa vida repousam tão perto umas das outras que no presente adivinhamos sempre o passado, que não está posto de parte e acabado, mas

presente e vivido. Compreendo isto. Mas por vezes é quase suportável. Talvez tenha escrito a história para me livrar dela, mesmo que não o consiga.

Depois de regressar de Nova Iorque, enviei o dinheiro da Hanna, em seu nome, para zjewish League Against Illiteracy. Recebi uma breve carta escrita em computador, em que a Liga Judaica agradecia à senhora Hanna Schmitz o seu donativo. Com a carta no bolso, dirigi-me ao cemitério, à campa da Hanna. Foi a primeira e única vez que estive diante da sua campa.

BERNHARD SCHLINK nasceu em 1944, em Bielefeld, e é jurista de formação. Em 1988, tornou-se juiz do Tribunal Constitucional da Renânia Setentrional-Vestefália. É professor de Direito Público e de Filosofia do Direito na Universidade Humboldt, em Berlim, desde 2006. No catálogo ASA, para além de O Leitor, figuram também as suas obras Neblina sobre Mannheim e Amores em Fuga.